

**OSCAR ANTÔNIO DE OLIVEIRA**

**PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE CÁCERES/MT, SUAS  
RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA E A ARTE**

**CÁCERES-MT  
2021**

**OSCAR ANTÔNIO DE OLIVEIRA**

**PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE CÁCERES/MT, SUAS  
RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA E A ARTE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Professora Dr.<sup>a</sup> Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

**CÁCERES-MT  
2021**

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

O48p	<p>OLIVEIRA, Oscar Antônio De. Pessoas em Situação de Rua na Cidade de Cáceres/MT, Suas Relações com a Educação Escolarizada e a Arte / Oscar Antônio de Oliveira - Cáceres, 2021. 150 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Educação, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021. Orientador: Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira</p> <p>1. Pessoas em Situação de Rua. 2. Educação Escolarizada. 3. Arte. I. Oscar Antônio de Oliveira. II. Pessoas em Situação de Rua na Cidade de Cáceres/MT, Suas Relações com a Educação Escolarizada e a Arte: .</p> <p>CDU 37.06</p>
------	--

**OSCAR ANTÔNIO DE OLIVEIRA**

**PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE CÁCERES/MT, SUAS  
RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA E A ARTE**

Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, para obtenção do título de Mestre em Educação.

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira**  
Orientadora  
*Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT*



---

**Prof. Dr. Jaime José Zitkoski**  
Avaliador Externo  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS*



---

**Prof. Dr. Alceu Zoia**  
Avaliador Interno  
*Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT*

**APROVADO EM: 21/06/2021**



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – Mestrado em Educação



### ATA DE APRESENTAÇÃO PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado

Aos vinte e um dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e um, às oito horas e trinta minutos, realizou-se por meio de videoconferência do Mestrado em Educação/UNEMAT a banca de Apresentação Pública de dissertação de mestrado do aluno Oscar Antônio de Oliveira intitulada: “Pessoas em situação de rua na cidade de Cáceres/MT, suas relações com a educação escolarizada e a arte”. A Banca Examinadora foi constituída pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira (Orientadora), pelo Prof. Dr. Jaime José Zitkoski (Avaliador Externo) e pelo Prof. Dr. Alceu Zoia (Avaliador Interno). Após apresentação do discente e arguição dos membros da banca o trabalho foi considerado aprovado, devendo o mestrando proceder às adequações recomendadas pela banca. Ao final foi lavrada a presente ata, que segue assinada por mim, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira e pelos demais membros da Banca Examinadora.

#### Observações da Banca Examinadora:

A dissertação apresenta relevância política, de militância e pedagógica da pesquisa o que confere indicação para publicações em artigos e capítulos de livro. Trata-se de uma produção original no que se refere a pessoas em situação de rua em Cáceres-MT. Orienta-se, que seja levada em consideração os apontamentos e sugestões da banca, bem como, a continuidade dos estudos por parte do pesquisador.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira  
Orientadora  
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Prof. Dr. Jaime José Zitkoski  
Avaliador Externo  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof. Dr. Alceu Zoia  
Avaliador Interno  
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

## DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais Rubens Baldin, Angélica das Graças de Oliveira Baldin e Gonçalina Lairte de Oliveira que nunca me desampararam e que tanto me amam.

A minha esposa e companheira Valéria dos Santos de Oliveira, que eu tanto amo em minha vida. Tú és quem me inspira, ampara e contribui para a minha formação em ser um ser humano melhor.

Ao meu filho Cauan W. de Oliveira, filho este o qual o meu amor é incondicional.

Ao meu querido e fiel cachorro Rabito, o qual já acompanha nossa família ao longo dos últimos nove anos.

E a todas as pessoas em situação de rua de Cáceres/MT e de todo o Brasil.

## AGRADECIMENTOS

Ao ensino público e de qualidade de todas as esferas deste país (pois, sou oriundo da educação pública da pré-escola à pós-graduação), e aos profissionais da Educação que acreditam e constroem a cada dia um Brasil mais justo e culto.

À professora Dr<sup>a</sup>. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira pela disponibilidade total, pelo apoio continuado, pela paciência e pela orientação.

As professoras Maritza Maldonado, Fernanda dos Santos Paulo e aos professores Jaime José Zitkoski e Alceu Zóia que tanto contribuíram teoricamente e comporam a banca de qualificação e defesa desta dissertação.

À Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) e a todo o corpo docente do programa que tanto admiro.

À Valéria dos Santos de Oliveira minha esposa e companheira que em todos os momentos me incentiva, apoia e orienta. O meu muito obrigado meu amor.

À toda minha família, meus pais Rubens Baldin e Angélica das Graças Baldin pelo amor, apoio incondicional e por me levarem, incentivarem e me apoiarem sempre em meus estudos.

Ao meu filho Cauan W. de Oliveira pelo nosso amor, companheirismo e cumplicidade... te amo meu filho.

Ao meu cachorro Rabito, meus avós (*in memorian*), tios, tias, primos, amigos e conhecidos, os quais carrego comigo a cada dia da minha existência.

À minha irmã Maria Gisele de Oliveira Borges que tanto me inspirou e incentivou a prestar concurso público na área da Educação para o Estado de Mato Grosso e aqui estou.

À toda as Pessoas em Situação de Rua deste país e aos atores das ruas que participaram desta pesquisa.

*“Carpinteiro do universo inteiro eu sou.  
Carpinteiro do universo inteiro eu sou.*

*Não sei por que nasci pra querer ajudar a querer consertar.  
O que não pode ser.  
Não sei pois nasci para isso, e aquilo. E o enguiço de tanto querer.*

*Carpinteiro do universo inteiro eu sou.  
Carpinteiro do universo inteiro eu sou.*

*Estou sempre pensando em aparar o cabelo de alguém.  
E sempre tentando mudar a direção do trem.  
À noite a luz do meu quarto eu não quero apagar.  
Pra que você não tropece na escada, quando chegar.*

*Carpinteiro do universo inteiro eu sou.  
Carpinteiro do universo inteiro eu sou.*

*O meu egoísmo, é tão egoísta que o auge do meu egoísmo é querer ajudar.  
Mas não sei por que nasci pra querer ajudar, a querer consertar, o que não  
pode ser.  
Não sei pois nasci para isso, e aquilo, e o enguiço de tanto querer.*

*Carpinteiro do universo inteiro eu sou.  
Carpinteiro do universo inteiro eu sou (Ah eu sou assim!).  
No final, Carpinteiro de mim!”*

**Carpinteiro do Universo, Raul Seixas**



## RESUMO

Ao nos depararmos com as pessoas em situação de rua, as quais são tão exploradas, excluídas e subjugadas socialmente em todo o território nacional, é que necessitamos refletir sobre as comunidades sociais em que estamos inseridos. Portanto, o objetivo é apresentar o resultado da pesquisa de mestrado problematizando as relações que as pessoas em situação de rua da cidade de Cáceres/MT tiveram com a educação escolarizada. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, bibliográfica e documental, contemplando o campo da fenomenologia e da crítica dialética. O trabalho se desenvolveu durante os anos de 2019 e 2020, foram entrevistadas dez pessoas (homens e mulheres). Os motivos pelos quais essas pessoas estão em situação de rua são os mais diversos possíveis, além de toda a questão histórica étnico-racial no Brasil, convivemos ainda com o desemprego, a falta de moradia, a exclusão social. Dentre tantos fatores relevantes a pesquisa tratou sobre significados e memórias acerca do processo de escolarização destas pessoas durante suas trajetórias de vida. Como resultado da pesquisa identificou-se a presença da relação de poder na escola, e a desconexão destes com o mundo escolarizado, também identificou-se as relações saudosistas nas vivências educacionais dentro dos espaços escolarizados. Houve interesse no processo educacional e na escola por grande parte dos atores entrevistados, o rompimento com a escola tem várias causas, problemas e ausência familiares, desemprego e/ou pelo uso abusivo do álcool e das drogas, relações de poder dentro da escola. Verificou-se no processo da investigação que estar fora da escola não é ficar fora da arte. Eles transitam em mundos, assim, evidenciaram sua sensibilidade para com a arte. Os atores da pesquisa se expressaram e criaram várias “formas de arte”, tais como poesias, pinturas, desenhos, malabares, artesanatos e criações plásticas, momentos de compartilhamento de um mundo próprio.

**Palavras-chave:** Pessoas em Situação de Rua; Educação Escolarizada; Arte.

## ABSTRACT

When we come across people living on the streets, who are so exploited, excluded and socially subjugated throughout the national territory, we need to reflect on the social communities in which we are inserted. Therefore, the objective is to present the result of the master's research questioning the relationships that people living on the streets in the city of Cáceres/MT had with schooled education. It is a qualitative research with an exploratory, bibliographical and documentary nature, covering the field of phenomenology and dialectical criticism. The work was developed during the years 2019 and 2020, ten people were interviewed (men and women). The reasons why these people are on the streets are as diverse as possible, in addition to the whole ethnic-racial historical issue in Brazil, we still live with unemployment, homelessness, social exclusion. Among so many relevant factors, the research dealt with meanings and memories about the schooling process of these people during their life trajectories. As a result of the research, the presence of the power relationship in the school was identified, and the disconnection of these with the school world, it was also identified the nostalgic relationships in educational experiences within the school spaces. There was interest in the educational process and in the school by most of the actors interviewed, the break with the school has several causes, family problems and absence, unemployment and/or the abusive use of alcohol and drugs, power relations within the school. It was verified in the research process that being out of school is not being out of art. They move in worlds, thus, showing their sensitivity to art. The research actors expressed themselves and created various "art forms", such as poetry, paintings, drawings, juggling, handicrafts and plastic creations, moments of sharing a world of their own.

**Keywords:** Street People; School Education; Art.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Pessoa em situação de rua (artesão) almoçando e deixando suas roupas pegar um sol na praça Barão do Rio Branco.....	25
FIGURA 2 – Mapa do Brasil e do Estado de Mato Grosso.....	46
FIGURA 3 – Mapa da área urbana da cidade de Cáceres/MT.....	47
FIGURA 4 - Menino abrigado dentro de uma caixa de papelão - Centro de Cáceres/MT.....	58
FIGURA 5 - Pessoas em situação de rua (embriagados), na praça Barão do Rio Branco.....	69
FIGURA 6 - Acampamento na Baía do Malheiros - Rio Paraguai-Cáceres/MT.....	70
FIGURA 7 - Brecheret organizando o espaço em que o mesmo está abrigado.....	72
FIGURA 8 - Barraca de Oswald de Andrade.....	73
FIGURA 9 - Anita Malfatti.....	76
Figura 10 - Anita sendo socorrida pelo Corpo de Bombeiros.....	77
FIGURA 11 - Vick Muniz.....	78
FIGURA 12 - Machado de Assis.....	80
FIGURA 13 - Mario de Andrade e Tarsila do Amaral.....	81
FIGURA 14 - Mazzaropi no sinaleiro da Avenida Sete de setembro em ação com seus malabares.....	83
FIGURA 15 - Raul Seixas acordando em uma manhã fria na Praça Duque de Caxias.....	84
FIGURA 16 - Poesia criada por Raul Seixas durante as atividades artísticas desenvolvidas durante a pesquisa.....	101
FIGURA 17 - Criações plásticas feitas com materiais recicláveis.....	104
FIGURA 18 - Filtro dos sonhos criados por Oswald e Vick em uma tarde de muitas experiências.....	105
FIGURA 19 - Criação plástica e poética feita por Portinari.....	106
FIGURA 20 - Pessoa em situação de rua fazendo uma leitura na praça Barão do Rio Branco.....	111

## **LISTA DE GRÁFICOS**

GRÁFICO 1 – Quantidade de famílias em situação de rua no Cadastro Único – Brasil, 2012 A 2019.....	50
--	----

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Estimativa da população em situação de rua por porte municipal e grande região – Brasil.....51

TABELA 2 – Distribuição da população em situação de rua por escolaridade..90

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- CEJAS - Centro Educacionais de Jovens e Adultos
- CIAMP.RUA - Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política Nacional para a População em Situação de Rua
- COHAB – Companhia de Habitação
- CRAS - Centro de Referência de Assistência Social
- CRDH - Centro de Referência dos Direitos Humanos
- DPU - Defensoria Pública da União
- ENEM - Exame Nacional de Ensino Médio
- IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
- MNPR – Movimento Nacional da População de Rua
- MT – Mato Grosso
- PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
- PNISPSR – Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua
- PT – Partido do Trabalhadores
- SEDUC - Secretária de Educação do Estado de Mato Grosso
- SMAS – Secretaria Municipal de Assistência Social
- SUAS - Sistema Único de Assistência Social
- TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
- UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso
- UNEMAT – Universidade do Estado do Mato Grosso

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO: INICIANDO O MOSAICO</b> .....	16
1.1 PERCURSO – MOSAICO ARTÍSTICO-METODOLÓGICO: ORGANIZAÇÃO DE TESSELAS .....	18
<b>2. TESSELA CONCEITUAL E LEGAL DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA</b> ...26	
2.1. Pessoas em situação de rua, atores do cenário brasileiro e suas relações históricas.....	26
<b>3. CONSTRUÇÕES COLETIVAS DOS ESFARRAPADOS (PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA): EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA COMO DIREITO</b> .....	36
3.1 Educação: produções de lugares, espaços e vivências.....	36
3.2 Educação como Direito Fundamental de Natureza Social.....	39
3.3 Histórias coletivas: sentidos de opressão, os esfarrapados nas ruas.....	42
<b>4. PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NO CENÁRIO BRASILEIRO E MATOGROSSENSE</b> .....	46
4.1 Tesselas: Pequenos fragmentos na construção do cenário .....	47
4.2 Cenário Mato-Grossense: Políticas para pessoas em situação de rua na cidade de Cáceres-MT.....	57
<b>5. PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM CÁCERES-MT: TESSELAS DE EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS, HISTÓRIAS DE VIDA E ARTE</b> .....	68
5.1 Pessoas em situação de rua em Cáceres- MT: moradias, trabalho, relações sociais e políticas públicas.....	68
5.1.1. Estar no mundo, pessoas em situação de rua. ....	70
5.1.2 Formas de captar algum dinheiro e recursos, para se sobreviver em situação de rua.....	85
5.2. Memórias oralizadas: Relações das pessoas em situação de rua com a educação escolarizada.....	90
5.3. A arte e a aproximação com as Pessoas em Situação de rua em Cáceres-MT.....	99
5.4 A Constituição dos Fragmentos e o Mosaico: Sonhos de uma arte educação com as pessoas em situação de rua.....	109

<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>120</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>124</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>129</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>132</b>



## 1 INTRODUÇÃO: INICIANDO O MOSAICO

Esta dissertação é construída peça a peça. É uma artesanaria que está sendo elaborada pelas mãos deste artesão que usa da grafia para grafar, ou seja, escrever um mundo de interpretações feito à mão, com cautela e com a utilização fenomenológica na busca dos sentidos do habitar e do estar das pessoas em situação de rua. A presente temática trata das “Pessoas em Situação de Rua na cidade de Cáceres/MT, suas relações com a Educação Escolarizada e a Arte”.

Encontro-me como professor da Educação Básica, com formação acadêmica em Licenciatura Plena em Artes e Especializações em Metodologia do Ensino em Arte e em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar.

Vivo atualmente em terras mato-grossenses, porém, sou natural do estado do Paraná. Estar no Mato Grosso, e em especial na cidade de Cáceres, município fronteiro com a Bolívia, deslocou meus olhares para uma situação inquietante, uma vez que há nas ruas dessa cidade um rodízio e mesmo uma permanência de pessoas em situações de rua. Aliás, ultimamente, muitas pessoas vindas da Venezuela têm desenvolvido trabalhos de pequenas vendas; muitas são mulheres, geralmente acompanhadas de crianças, vendendo guardanapos ou apresentando cartazes em seus peitos identificando-se e solicitando auxílios.

Outra situação observada foi a presença de pessoas em situação de rua com desenvoltura artística, principalmente artistas plásticos, artesões, artistas de rua, malabares e outras artes circenses. Essas pessoas se encontram em diversos espaços da cidade: nas praças, na orla do Rio Paraguai, em frente aos bancos, supermercados, semáforos, enfim, elas ocupam os espaços públicos.

Essas pessoas necessitam de um olhar mais apurado por parte do poder público e de toda a comunidade, considerando que elas são importantes atores no contexto social, apresentam-se como um grupo heterogêneo, entre eles homens e mulheres, sendo em sua maioria negros, alguns imigrantes, enfim, pessoas em situação de pobreza extrema e vulnerabilidade, com vínculos interrompidos com a família, trabalho, educação, entre outros. Portanto, os motivos pelos quais essas pessoas estão em situação de rua são os mais diversos possíveis, além de toda a questão histórica étnico-racial no Brasil, que as faz conviver ainda com o desemprego, a falta de moradia, a exclusão social.

Nesse contexto, Nunes (2013) explica que as pessoas em situação de rua quase sempre ficam à margem do poder público, pois a maioria dos municípios do país não faz mapeamentos e/ou construção de indicadores sobre a quantidade de pessoas que se encontra nessa situação e, ainda, sequer observa as diferenças dos grupos sociais em situação de rua dentro das suas cidades como forma de propor medidas preventivas ou qualquer estratégia de gestão política.

Consubstanciado desse pensamento e inquietações, bem como considerando que existem na sociedade estruturas de formação humana institucionalizada, entre elas a escola, que tem se objetivado que todas as pessoas passem por dentro desta instituição, a hipótese do estudo é que essas pessoas que se encontram em situação de rua devem e/ou podem ter vivenciado experiências não tão agradáveis no mundo escolarizado, sejam elas relacionadas aos colegas, aos profissionais da educação e/ou à família. Dessa forma, questiono: qual a relação que as pessoas em situação de rua tiveram com a educação escolarizada?

A investigação teve como objetivo geral: apresentar e retratar a relação que as pessoas em situação de rua tiveram com a educação escolarizada. Nesse sentido, os objetivos específicos se constituíram em torno do aprofundamento da problemática, das questões relacionadas às suas trajetórias escolares e à criação de alguma forma de expressão artística (poesia, desenho, pintura, arte circense, entre outras). Portanto, se organizaram-se da seguinte maneira:

- a)** Realizar uma pesquisa teórica e documental sobre a temática;
- b)** Apresentar o significado dessas relações, as condições de vida das pessoas pesquisadas (passado, presente) e suas expectativas através de seus relatos, principalmente na perspectiva da educação escolarizada, inclusive usuários da Casa de Passagem, serviço oferecido pela prefeitura do município;
- c)** Criar atividades artísticas com temáticas relacionadas às suas histórias de vida através de desenhos, pinturas e/ou poesia;
- d)** Realizar o registros fotográficos desses atores (com as devidas autorizações), que retratem suas realidades.

A pesquisa foi aplicada com abordagem qualitativa, sendo exploratória e descritiva, de cunho bibliográfico e documental. As vertentes epistemológicas e abordagens foram a Crítico-dialética, juntamente com a Fenomenologia.

Dentre as composições da vida social, a escola é uma das peças do mosaico, compreendendo que o mosaico seria uma junção de várias peças que possibilitaria o

desenho completo, neste caso, a composição desta dissertação em sua totalidade. Após descrever os caminhos que me levaram a este estudo, trago os movimentos que realizei ao longo de minha trajetória acadêmica, com a finalidade de produzir cada vez mais a aproximação com o objeto de estudo.

Entretanto, no decorrer da pesquisa de campo a realidade se fez diferente da ideia inicial, pois a partir do terceiro ator das ruas que adentrou nesta pesquisa, o rumo desta começou a tomar um novo caminho, como evidenciado no percurso – mosaico artístico-metodológico.

Dessa forma, esta pesquisa está organizada da seguinte maneira: esta introdução, contendo a apresentação do mosaico, justificativa, hipótese, problema, objetivos geral e específicos, interesse pela temática e campo de pesquisa. Na sequência, o caminho metodológico: mosaico artístico, apresentação dos métodos utilizados, forma de pesquisa, os atores, as categorias e forma de análise, partindo para o estado da arte da pesquisa. Após, tem-se a análise de resultados e, por fim, as considerações finais e referências.

Sobre os atores da pesquisa, quero salientar que se tratam de sujeitos histórico-críticos. A criticidade está na reinvenção e na criatividade da sobrevivência; são, então, sujeitos em movimento, ainda que desumanizados socialmente. Portanto, os atores são sujeitos do mundo vivido e da arte, por isso atores. Também, compreendo os sujeitos como atores porque produzem a arte de viver e em muitos momentos precisam assumir personagens diferentes para enfrentar os desafios impostos pelo sistema-mundo-sociedade.

## 1.1 PERCURSO – MOSAICO ARTÍSTICO-METODOLÓGICO: ORGANIZAÇÃO DE TESSELAS

Como a escrita desta dissertação é a formação de um mosaico, é importante a escolha e a organização de tesselas, que são os cubos que formarão a imagem do todo, ou seja, o mosaico. Assim, as escolhas e a seleção do que fazer parte da organização metodológica foram realizadas com cautela e objetivou saber selecionar peças fundamentais e adequadas para o mosaico.

Explico que a organização metodológica desta pesquisa se constituiu como uma das partes do todo, portando, sendo peça não é fragmentado, e a qual denomino de Mosaico Artístico Metodológico da Pesquisa. Todo o passo a passo dessa

organização, métodos, técnicas empregadas, materiais utilizados, definições levantadas e análises dos dados possibilitaram construir o percurso metodológico desta pesquisa e também reorganizá-la.

Este trabalho se trata de uma pesquisa qualitativa, perpassando por aspectos quantitativos, de cunho bibliográfico, que contempla ainda uma pesquisa documental e a realização de entrevistas semiestruturadas, além de atividades práticas de desenho, pintura e/ou poesia, registro de fotografias e, finalizando, a análise dos resultados. Para esse mosaico artístico metodológico, optou-se pela vertente epistemológica e abordagem Crítico-dialética, juntamente com a Fenomenologia.

Respondo no processo descritivo que as tesselas são as decisões dos passos da pesquisa, as técnicas usadas, o método de abordagem, enfim, todo o movimento produzido na construção da pesquisa.

Mas o que efetivamente faz parte dessa tessela metodológica?

A pesquisa utilizou a técnica de entrevistas, que foram realizadas no município de Cáceres/MT durante os anos de 2019 e 2020. Os entrevistados são homens e mulheres que se encontram em situação de rua na referida cidade, além de duas Assistentes Sociais que trabalham no Centro de Referência da Assistência Social – CRAS e na Secretaria Municipal de Assistência Social – SMAS, respectivamente.

Em relação às pessoas em situação de rua, aos poucos foram feitas aproximações a elas, ao mesmo tempo que se construía um pequeno vínculo. A oportunidade para conversar, registrar e fotografar surgia enquanto relatavam suas experiências. A maneira de abordar os entrevistados se deu de forma aleatória, sem hora ou local definido. Já em relação às entrevistas com as Assistentes Sociais do município, ocorreram em dois momentos, uma no CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e outra da SMAS (Secretaria Municipal de Assistência Social).

Então, para discorrer sobre a organização metodológica, apresento em tesselas gráficas os/as sujeitos/as da pesquisa: são 10 pessoas em situação de rua, de ambos os sexos (homens e mulheres), com idades variadas (entre 18 e 46 anos). São em sua maioria advindos de cidades do estado de Mato Grosso, tais como Várzea Grande, Cuiabá e Cáceres, tendo também um entrevistado do estado de Espírito Santo – cidade de Vitória, um do estado de Goiás – cidade de Mineiros, um casal de estrangeiros da Venezuela e um da Argentina. Ressalto que os nomes dos entrevistados foram substituídos por nomes fictícios que remetem a grandes artistas: Victor Brecheret, Machado de Assis, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Oswald de

Andrade, Amácio Mazzaropi, Raul Seixas, Candido Portinari, Vik Muniz e Machado de Assis.

Entretanto, no decorrer da pesquisa de campo a realidade se fez diferente da ideia inicial, pois a partir do terceiro ator das ruas que adentrou a esta pesquisa, o rumo desta começou a tomar um novo caminho. Assim, explico a seguir.

A mudança na forma do trabalho de campo (aplicação da entrevista semiestruturada e atividades artísticas práticas) ocorreu devido ao convite feito por Brecheret ao autor da pesquisa, para que as entrevistas e as criações artísticas fossem realizadas em seu local de ocupação e moradia da época (uma barraca de lona que fica à beira do Rio Paraguai, no centro da cidade de Cáceres).

Tal convite foi aceito e isso auxiliou na centralização de um espaço físico para a execução das atividades da pesquisa, bem como possibilitou o encontro com as demais pessoas em situação de rua que por ali transitavam diariamente fazendo o armazenamento de alguns materiais recicláveis, orgânicos, tintas e criações artísticas que naquele local foram produzidas e expostas ao público pelos atores artistas desta pesquisa.

Diante dessa nova proposta, foi elaborado um roteiro de encontros, os quais ficaram definidos em sábados no período vespertino durante os meses de setembro e outubro do ano de 2020. Esses encontros eram sempre certos entre mim e Brecheret, porém, os outros atores desta pesquisa que ali participaram das atividades propostas eram algumas vezes convidados durante a semana por Brecheret e pelo pesquisador para que comparecessem ao local no sábado à tarde, e quando eles não apareciam, ficávamos esperando alguém passar pelo local para convidarmos ou até mesmo dávamos uma volta no entorno da região no sábado à tarde em busca de pessoas que quisessem participar. Foram momentos de muita interação e produção.

Atualmente, Brecheret voltou a morar e trabalhar com sua filha em outra cidade. Já a tal “barraca”, ele negociou com um grupo de estrangeiros argentinos que atua como artesões e artistas circenses que já estavam ocupando e morando em barracas de acampamento, um pouco mais acima, também as margens do Rio Paraguai, região central de Cáceres.

O segundo plano de abordagem com essa população foi através da Casa de Passagem do município de Cáceres/MT, local que fica situado na Rua dos Jornaleiros, no Bairro Vitória Régia. Mas ao chegar ao local, fui impedido em um primeiro momento

de conversar com os “usuários” (termo usado pelos profissionais do município para se referirem às pessoas que ali se encontram). Fui orientado pelo segurança da Casa (segundo ele, não havia nenhum gestor naquele horário) a me dirigir até a Secretaria Municipal de Assistência Social – SMAS, a qual se encontra na prefeitura da cidade, para conversar com os gestores da citada Secretaria.

Apesar de o pesquisador em outro momento já ter feito contato e realizado a primeira entrevista semiestruturada (Apêndice 1) com uma das Assistentes Sociais do CRAS (Centro de Referência da Assistência Social), que fica localizado na Rua dos Operários, Centro de Cáceres, não pude adentrar a casa. Ao me dirigir até a Secretaria de Assistência Social do município, um segundo roteiro de perguntas semiestruturadas (Apêndice 2) foi elaborado para ser **aplicado** a pessoas componentes daquele órgão. Todas as questões levantadas foram respondidas por parte da assistência, porém, foi negada a gravação de áudio da entrevista e também o acesso do pesquisador às dependências da Casa de Passagem do município, fatos que mudaram mais uma vez as propostas iniciais desta pesquisa. Porém, são desses peças sólidas, que **ao tesselas** começam a se tornar um elemento só, o mosaico.

A entrevista semiestruturada (Anexo 3) foi dividida em três partes: a primeira teve o objetivo de investigar informações referentes à origem e à família da pessoa em situação de rua. A segunda parte abordou a relação que essas pessoas tiveram com o processo da educação escolarizada e suas aptidões profissionais de vida. Por último, formulamos questões que abordaram sobre expectativas futuras de vida, considerando o lugar que essas pessoas ocupam na sociedade e o impacto da Covid-19 em suas vidas. Dessa forma, trouxeram à tona alguns traços sobre a relação que essa população tem com a sociedade cacerense e brasileira.

Dos questionamentos surgiram questões relacionadas ao tempo em que se encontram nas ruas, detalhes de como é morar nas ruas, de que forma a sociedade os trata, como encaram a vida e quais seriam seus planos para o futuro. Sentimentos intrínsecos foram expostos, os quais os acompanham há muitos anos. Por fim, alguns registros fotográficos sobre as situações foram realizados e, assim, foi possível, como verão em outra seção, retratos, tesselas da cotidianidade habitacional das pessoas em situação de rua.

Os momentos de estada com essas pessoas foram de fundamental importância, pois o encontro entre este pesquisador, atores da pesquisa e suas

realidades produziram sentimentos que alteraram a relação de pesquisador e também dos sujeitos, colaboradores desta investigação.

É assim, aos poucos, e com cuidados que este mosaico artístico metodológico da pesquisa foi sendo organizado. Fui compreendendo que esse grupo populacional nos grandes centros e também em pequenas cidades, como em Cáceres-MT, faz parte do mundo, como qualquer outra pessoa, com sonhos e desejos.

Foram realizadas análises documentais de âmbito nacional e regional, tendo sempre como foco a instituição de políticas públicas para essas pessoas. Em nível nacional, a pesquisa se orienta pelo Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009, o qual “Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências”.

Já em âmbito regional, a pesquisa apresenta um dos primeiros documentos que tenta instituir uma política pública para as pessoas em situação de rua no estado de Mato Grosso e dá outras providências. Trata-se do Projeto de Lei nº 57/2016, de autoria da Deputada Estadual Janaina Riva, que acabou sendo vetado no ano de 2018 pela Assembléia Legislativa do estado.

Em nível municipal, deparamo-nos com algumas ações, tais como programas e políticas públicas, que ao longo dos últimos anos vêm sendo implementada através do Centro de Referência Especializada de Assistência Social (CREAS), como por exemplo a Casa de Passagem, que se enquadra na categoria de abrigo, albergue, moradia provisória, república e outros. O município também conta com o Centro de Referência dos Direitos Humanos (CRDH) de Cáceres, o qual ajuda por meio de discussões e ações na sociedade e no poder público.

Quanto à abordagem metodológica e para a análise das entrevistas, utilizou-se nesta pesquisa a abordagem crítico-dialética. Segundo Sánchez Gamboa (2007), a abordagem crítico-dialética, cultural ou social, deve de ser compreendida não como um todo, mas sim como fragmentos da história social da humanidade que perpassaram por diversos tipos de fatores e alternâncias ao longo da história das sociedades.

[...] na medida em que se acumulam forças e tensões que produzem transformações radicais e estruturais (metamorfose). Para poder compreender essas mudanças, necessitamos de uma massa grande de informações e uma extensão maior delas, pois para compreender as inter-relações sociais e as dinâmicas de tempos longos é preciso recuperar dados

que permitam ver o movimento histórico, a gênese e a transformação dos fenômenos. (SÁNCHEZ GAMBOA, 2007, p. 116).

De acordo com Ferrari, a crítica dialética está sempre atrelada à historicidade (fatos) e às mutações (ressignificações) diárias que a sociedade produz a partir dos fenômenos. “Na dialética, fenômenos são considerados em constante transformação, sendo determinados pela sua historicidade” (FERRARI, 2008, p. 6). Nessa perspectiva, Horkheimer cita:

Os homens não são apenas um resultado da história em sua indumentária e apresentação, em sua figura e seu modo de sentir, mas também a maneira como veem e ouvem é inseparável do processo de vida social tal como este se desenvolveu através dos séculos. Os fatos que os sentidos nos fornecem são pré-formados de modo duplo: pelo caráter histórico do objeto percebido e pelo caráter histórico do órgão perceptivo (HORKHEIMER, 1975, p. 133).

A abordagem crítico-dialética como abordagem metodológica é o objeto direto desta pesquisa, pois está relacionada com os aspectos que alicerçam as questões sociais, tais como a economia, política, educação, sociedade, crenças, culturas, ideologias, questões de poder, estruturas sociais, que estão intrínsecas no sistema educacional nacional.

A apreciação em torno da abordagem crítico-dialética nesta pesquisa se apresenta na forma de esclarecer suas implicações em torno de sua utilização, já que elas vêm se afirmando em diversas áreas das Ciências Sociais e Humanas. Destaca-se que a abordagem crítico-dialética teve origem a partir do materialismo histórico-dialético de Karl Marx, pois é a partir da obra “O Capital”, de Marx, que vem surgindo uma nova vertente de tratamento crítico-analítico das sociedades contemporâneas, principalmente das sociedades capitalistas. Segundo Marx (2007, p. 28), a essência humana “não é uma abstração inerente ao indivíduo singular. Em sua realidade ela é o conjunto das relações sociais”.

Já a fenomenologia, dentro desta pesquisa, surge no intuito de justificar a inevitabilidade de se enaltecer a busca do ser, pois nos dias que correm, as diversas produções nessa área nos assessoram melhor dentro da compreensão do ser em sua subjetividade. A proposta de Edmund Husserl – Filósofo criador da fenomenologia – é de que esse ramo filosófico não pode ser considerado uma Ciência imperfeita, até porque ela não é uma Ciência (ao menos por enquanto). Assim, as irrefutáveis propensões da cultura humana, nada obstante, exigem a esquematização de uma



filosofia especificamente científica, fazendo divergir a crítica do historicismo e do naturalismo. Tais abordagens metodológicas serão explanadas na sequência com um pouco mais de profundidade.

Ao se trocar as estruturações explicativas pelas descrições do que realmente acontece através dos olhos e das vivências das pessoas em situação de rua é que a fenomenologia **abrange** essa e outras situações que a pesquisa **abrange**. Pois o pensamento fenomenológico dentro da metodologia qualitativa possibilita, através dos filtros desses atores das ruas e de suas realidades, atribuições e ressignificações aos objetos e às contribuições sociais que eles desenvolvem.

Nessa perspectiva, o uso do materialismo histórico-dialético ajuda a compreender o lugar dessas pessoas no mundo da rua e suas relações com a instituição escola e com o próprio contexto de vivências. Une-se a essa abordagem compreensiva a fenomenologia.

Segundo Gamboa (1998, p. 104): “A presença das várias opções epistemológicas na produção permite uma melhor definição metodológica e uma maior profundidade na reflexão sobre a problemática educativa”. Assim, reafirmo que a outra perspectiva teórico-metodológica que irá compor este mosaico artístico metodológico é a fenomenologia.

Explico que a teoria metodológica da fenomenologia ocorre temporariamente dentro deste mosaico metodológico, mas em consonância com a crítica-dialética. Triviños (1987) nos apresenta que a base que estrutura a proposta do fenômeno é a perspectiva da intenção. A intenção, dentro da filosofia, é a concretizadora do raciocínio lógico. Assim, a opção fenomenológica se situa na necessidade explicativa das descrições de fatos reais por parte daquele que as vive, considerando o ponto de vista de quem vive e o ponto de vista dos demais. Nesse sentido, Husserl nos traz o cogito como sendo “uma volta ao mundo da vida, no confronto como mundo de valores, crenças, ações conjuntas, pelo qual o ser humano se reconhece como aquele que pensa a partir desse fundo anônimo” (HUSSERL, 2010, p. 68).

Por outro lado, Minayo (1994) assevera que as pesquisas fenomenológicas que envolvem procedimentos qualitativos se operam, em geral, com categorias. Essas categorias remetem a palavras ou até mesmo conceitos para melhor classificá-las. Portanto, ao trabalhar com categorias dentro da perspectiva fenomenológica significa juntar elementos, raciocínios, conceitos que envolvem a capacidade de absorver toda

essa gama. Ainda, com a perspectiva de produzir compreensão desse caminho procurou-se entender a fenomenologia a partir de Gamboa (1998, p. 55), o qual diz que “a teoria fenomenológica é apresentada através de níveis, sendo eles o técnico, o metodológico, o teórico, o epistemológico e o gnosiológico”.

Assim, no sexto capítulo aprofundaremos um pouco mais sobre a teoria e a abordagem desenvolvidas nesta pesquisa, que se tornaram suportes para a compreensão dessas realidades e circunstâncias que o meio social em que estamos inseridos nos influencia, dirige e determina nossos significados dentro de toda a historicidade da humanidade, a qual está em constante transformação diante dos fenômenos diários enfrentados pelos humanos.

A seguir apresento um pouco desse fenômeno enfrentado por parte de algumas pessoas que se encontram em situação de rua e que tentam sobreviver do seu artesanato (adornos corporais e outros) como forma de trabalho e subsistência.

FIGURA 1 – PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA (ARTESÃO) ALMOÇANDO E DEIXANDO SUAS ROUPAS PEGAR UM SOL NA PRAÇA BARÃO DO RIO BRANCO



FONTE: O Autor (2021).

## 2 TESSELA CONCEITUAL E LEGAL DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Apresento a primeira tessela sob a leitura conceitual do que se compreende sobre as pessoas em situação de rua, com uma abordagem da condição dessas pessoas no cenário brasileiro, condição que não se encerra apenas na questão econômica e/ou a falta de moradia, mas nas relações que essas pessoas atribuem à vivência nas ruas. Também abordo os aparatos legais, suas limitações e incongruências dentro dos pressupostos de atendimento às pessoas em situação de rua.

### 2.1 PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: ATORES DO CENÁRIO BRASILEIRO E SUAS RELAÇÕES HISTÓRICAS

A existência de pessoas em situação de rua é uma realidade do cenário brasileiro. Essas pessoas têm sonhos, desejos e são seres humanos na essência da humanidade, porém, são alijadas e compõem um grupo que se difere daqueles que ordenadamente habitam com fixidez as casas. Por que são denominadas como pessoas em situação de rua? O que as levaram para esse lugar?

Para compreender melhor o termo “pessoas em situação de rua”, explico que ele foi adotado nos últimos anos aqui no Brasil e está ligado mais expressamente à condição com que a pessoa se relaciona com as ruas, e não somente com a falta de moradia, condição que difere de outros países, ou seja, no Brasil, a condição de vida em sua realidade é levada em consideração e, portanto, é heterogênea; em outras realidades internacionais, a situação está mais atrelada à questão da falta de moradia (ADORNO; WARANDA, 2004).

Nesse contexto, Escorel (1999, p. 32) traz como exemplo a “exclusão social em meio a um processo no qual – no limite – os indivíduos são reduzidos à condição de animal *laborans*, cuja única atividade é a sua preservação biológica, e na qual estão impossibilitados de exercício pleno das potencialidades da condição humana”.

A condição animal desses que perambulam pelas ruas sem destino, que se alimentam do lixo, que moram debaixo das pontes e marquises e que muitas vezes se encontram desmaiados pelas praças e vielas, dificultam que exerçam suas potencialidades, os “prazeres de consumo social” da condição humana; estes só se

encontram pelas ruas e praças graças ao “respeito” pela preservação da raça humana, biologicamente falando.

Assim, Castell (1997) opta pelo termo “desfiliação” para descrever o processo que essas pessoas adotam as ruas, já que diante de tantos rompimentos (desfiliações) esses atores vão deixando de pertencer aos meios sociais, vão desfilando seu dia a dia do universo do trabalho, da família e de seus direitos civis e constitucionais.

O personagem tipo da zona de grande marginalidade, ou de desfiliação, é o vagabundo. Ele não trabalha, apesar de poder trabalhar, no sentido de estar apto ao trabalho. Ao mesmo tempo, ele está cortado de todo apoio relacional. É o errante, o estrangeiro que não pode ser reconhecido por ninguém e se encontra rejeitado, de fato, por toda parte. Consequentemente, sobre ele recaem medidas repressivas cruéis, do rechaçamento à exposição à morte, em casos extremos. (CASTELL, 1997, p. 24).

Esse e outros autores utilizam termos específicos para a “pessoas em situação de rua”. Ainda, existem várias pesquisas socioetnográficas institucionais que relevam bases de dados (renda, moradia, grau de instrução e outros) de alguns municípios e nacional (BRASIL, 2009).

Antes da Constituição Federal de 1988, não existiam políticas públicas efetivas para essas pessoas, A maioria das ações sempre ficou a cargo de igrejas ou de pessoas civis e teve cunho assistencialista em favor dos pobres, sempre decorrente de caridade (SPOSATI, 1985).

Com a Constituição Federal de 1988, iniciou-se uma nova fase jurídica no Estado brasileiro, a qual assegura ideais de redemocratização e proteção aos direitos e garantias fundamentais à nação, pois a é garantido de maneira incontestável o seu propósito protetivo a todo e qualquer cidadão, com a dignidade humana alçada aos fundamentos da República Federativa do Brasil. Portanto, os direitos sociais se tornaram de caráter fundamental, em consonância com a ordem internacional.

Os legisladores não previam e também não incluíram medidas específicas a esses grupos sociais. Por mais de 20 anos não houve legislações específicas em âmbito nacional de proteção para essa população que se encontra em situação de rua no Brasil.

Apenas em 2009 institui-se o Decreto Federativo nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009, cujo Artigo 10 cita que “Fica instituída a Política Nacional para a População em Situação de Rua, a ser implementada de acordo com os princípios, diretrizes e

objetivos previstos neste Decreto”. Dessa forma, a Lei nº 12.435/2011 alterou a Lei orgânica da Assistência Social (Lei nº 8.742/93), indicando que “na organização dos serviços da assistência social serão criados programas de amparo, entre outros: [...] II - às pessoas que vivem em situação de rua” (BRASIL, 2009). Tal legislação define ainda que:

Parágrafo único. Para fins deste Decreto, considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

No estado de Mato Grosso, a deputada estadual Janina Riva criou o Projeto de Lei nº 57/2016, que infelizmente foi vetado no ano de 2018 pela Assembleia Legislativa do estado:

O presente projeto de lei tem por finalidade instituir uma Política para a População em Situação de Rua no estado de Mato Grosso, definindo o conceito de população em situação de rua e estabelecendo princípios, objetivos, diretrizes e fontes de recursos da política em questão. População em situação de rua, conforme o Decreto Federal nº 7.053/2009, pode ser definida como o conjunto de pessoas excluídas do mercado formal de trabalho e destituídas de um local fixo de residência, em pobreza extrema. Pessoas em situações idênticas ou semelhantes rompem vínculos sociais, culturais e econômicos. Iniciativas de organização da população em situação de rua vêm sendo feitas há mais de 50 anos em algumas cidades no País e há cerca de 20 anos, vêm se intensificando. Exemplos disso são as mobilizações de entidades da sociedade civil organizada para a estruturação de políticas públicas que auxiliam essa população a superar a condição de vulnerabilidade. Os Conselhos de Assistência Social e órgãos correlatos em âmbito federal, estadual e municipal têm organizado discussões e alcançado avanços nas políticas públicas de tal natureza. As cidades do estado de Mato Grosso contabilizam grande número de pessoas dentre as quais a metade vive em situação de rua e a outra em centros de acolhimento. Sendo assim, julgamos importante instituir a Política Estadual para a População em Situação de Rua, no estado de Mato Grosso, para garantir direitos fundamentais garantidos no país. Pelo exposto e com intuito de proporcionar um trabalho eficaz e efetivo ao tema, contamos com o apoio dos Nobres Pares para aprovação deste Projeto de Lei, bem como a sensibilidade do Governador do estado para implantá-lo. (MATO GROSSO, PROJETO DE LEI Nº 57/2016).

Segundo Ferro (2012), existem duas formas de políticas públicas para as pessoas em situação de rua, as quais sempre estão relacionadas às mais diversas realidades dessa população.

Um primeiro tipo de política, que remonta à origem das ruas, é a criminalização e repressão dessas pessoas por agentes públicos. O uso da violência tem sido prática habitual para afastar essas pessoas dos centros urbanos e levá-las para áreas remotas ou para outros municípios, em nítidas políticas de higienização social.

O segundo tipo de política consiste na omissão do Estado e, como consequência, na cobertura ínfima ou inexistente das políticas sociais para este segmento em todos os três níveis de governo (municipal, estadual e federal), ou seja, a invisibilidade do fenômeno para o poder público. Nesse sentido, a ausência de políticas sociais também é uma política. (FERRO, 2012, p. 36).

Considerando o momento pandêmico, é importante salientar que Mato Grosso, em conformidade com as orientações nacionais, obrigatoriamente elaborou a Lei nº 11.156, de 23 de junho de 2020, que apresenta em seu Art. 2º o texto de que o “Estado, em articulação com a União e os Municípios, adotará medidas de proteção social de grupos vulneráveis da população, destinadas a reduzir os efeitos socioeconômicos decorrentes das ações de enfrentamento da pandemia de Covid-19”. Assim, estabelece que:

[...]

III - proteção à população em situação de rua, de modo a garantir:

- a) segurança alimentar;
- b) condições adequadas para o abrigo e o acolhimento temporário;
- c) acesso à água potável para consumo próprio e para higiene pessoal, além de materiais de higiene apropriados, observada, quando couber, a competência de entidade municipal autônoma;
- d) informações sobre os riscos de contaminação e sobre as medidas de proteção adequadas. (MATO GROSSO, LEI nº 11.156, 23 JUN. 2020)

Observa-se que as pessoas em situação de rua, aos poucos, foram inseridas na legislação brasileira, ocupando um lugar de direito. Um reconhecimento como pessoas humanas de direito e, portanto, cidadãos que precisam ter acesso à justiça social. Pode-se dizer que elas fazem parte da produção de um mundo alicerçado no modelo capitalista, funcionam como produtos de uma organização socioeconômica que se estrutura na relação de poder e de classes.

Compreende-se que as pessoas em situação de rua fazem parte e/ou são também produtos do processo de globalização. Assim, é necessário inteirar-se de que esse processo se inicia durante a época das grandes navegações, juntamente com a colonização das Américas, África e Ásia por parte de povos europeus a partir dos séculos XV e XVI. Trata-se, assim, de um fenômeno associado ao capitalismo colonial e eurocentrado que se estabeleceu como uma forma de soberania mundial.

Quero dizer que existe uma relação da produção da sociedade brasileira, inclusa na relação de poder, que se constituiu a partir da linha de raciocínio eurocêntrico. **Um raciocínio pautado na relação etnias** (povos/raças), elemento que criou um mecanismo para classificar socialmente a população mundial a partir da “ideia de raça”. Esse raciocínio expressa um progresso do pensamento colonial significativo para obtenção total do domínio sobre os territórios, as pessoas e as classificações das pessoas.

Nessa perspectiva histórica, a classificação e a categorização de classes pautou-se na raça e, assim, pelo processo expropriação dos povos nativos e sua invisibilidade produzida socialmente, bem como pela exploração violenta do povo negro, que ao longo dos séculos ocupou o lugar da desigualdade social. Também se observou que esses grupos passaram a ocupar o lugar dos “sem direitos” por muito tempo, grupos esses que compuseram e/ou que compõem a produção de vidas nuas, ou seja, a captura da vida pelo poder soberano do próprio capital, tudo isso desenhado sobre a astúcia do capitalismo e seu movimento globalizante crescente dentro dos Estados.

Desta forma, Agamben (2013) nos traz o significado da neutralização, subalternização e até mesmo o extermínio de algumas “raças”:

Um ser que fosse radicalmente privado de toda identidade representável seria para o Estado absolutamente irrelevante. É isso que, na nossa cultura, o dogma hipócrita da sacralidade da vida nua e as declarações vazias sobre os direitos do homem têm a tarefa de esconder. Sacro aqui não pode ter outro sentido senão aquele que o termo tem no direito romano: sacer é aquele que foi excluído do mundo dos homens e que, embora não podendo ser sacrificado, é lícito matar sem cometer homicídio. (AGAMBEN, 2013, p. 79).

Dentro desse cenário, que é o da produção violenta (do ser oprimido), do alijamento (dos excluídos) e o da produção das pessoas em situação de rua pelos processos coloniais e globalizantes, pode-se dizer que há com certeza uma aproximação desses fenômenos com a produção da pobreza, resultando em pessoas em situações de rua.

Em 2008, o Censo Pop Rua identificou que 67% das pessoas (O Censo Pop Rua abrangeu 71 cidades brasileiras, incluindo 23 capitais e 48 municípios com mais de 300 mil habitantes. Totalizando 31.922 adultos em situação de rua, o que equivale a 0,06% da população dos municípios pesquisados), os quais se declararam pardas ou negras, dados que apontam para uma proporção bem maior se comparado ao

índice relativo à população brasileira em 2008 (45%), dados que evidenciam que há uma relação de classificação e de produção da pobreza com os fenômenos colonialistas e globalizantes (MINISTÉRIO DE CIDADANIA, 2019).

Pode-se dizer que grande parte das pessoas em situação de rua no cenário brasileiro é composta por negros, grupo alijado de seus direitos como humano e cidadão desde o período da colonização.

Saliento, portanto, dois paradigmas históricos que nortearam as novas formas de poder. O primeiro é a tipificação do ser colonizador (europeu, branco, olhos claros) e a do colonizado (negro, indígena, mestiço), fato esse que explica o número elevado de negros, mestiços e indígenas em situação de rua no Brasil. Segundo Carvalho (2002, p. 152), esse fenômeno está presente na sociedade brasileira desde a formação das primeiras cidade. O segundo é o engendramento de toda e qualquer forma histórica de controle do trabalho, dos recursos, dos produtos, girando tudo em torno do capitalismo.

Diante desses entendimentos, podemos compreender que questões ligadas à raça, são uma categoria mental intrínseca na sociedade moderna, na qual estamos inseridos até os dias atuais, ou seja, um preconceito criado há mais de 500 anos contra os povos originários das Américas, África e Ásia. Povos que foram colonizados, explorados e subalternizados e receberam uma classificação inventada acerca da raça de origem. Portanto, a etnia racial se tornou, basicamente, um instrumento para classificar as populações que compõem as sociedades.

A formação de relações sociais fundadas nessa ideia produziu na América identidades sociais historicamente novas: *índios*, *negros* e *mestiços*, e redefiniu outras. Assim, termos como *espanhol* e *português*, e mais tarde *europeu*, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial. E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, **com constitutivas** delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população. (QUIJANO, 1993, p. 107).

Essa classificação produziu exclusões históricas, por exemplo: a Lei Áurea; a Lei do Sexagenário, que não libertou ninguém, e sim despejou os afrodescendentes nas ruas, em situações desumanas, sem nenhum amparo político de direito. Isso se reflete, na atualidade, na identificação de que a maioria de pessoas em situação de



rua no Brasil é pessoas de pele negra, advinda das favelas, cortiços e periferias, heranças de mais de três séculos de escravidão.

Não significa que há apenas negros em situação de rua; há também indígenas, mestiços e brancos. O que ocorre é que o julgamento social destinado aos três primeiros grupos é tido como condições de miserabilidade normal: ou são preguiçosos, ou “bandidos”, ou seja, estão nessa condição porque querem. Porém, quando se trata de uma pessoa em situação de rua com estereótipo branco, pele clara, olhos azuis/verdes, a percepção ou o julgamento sobre esse sujeito será completamente oposto. Então, questiona-se: quem são as pessoas em situação de rua?

Segundo o relatório do Primeiro Encontro Nacional Sobre População em Situação de Rua, organizado e realizado em 2005 pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome por meio da Secretaria Nacional de Assistência Social, a caracterização da população em situação de rua ficou definida como: grupo populacional heterogêneo, composto por pessoas com diferentes realidades, mas que têm em comum a condição de pobreza absoluta, vínculos interrompidos ou fragilizados e falta de habitação convencional regular, sendo compelida a utilizar a rua como espaço de moradia e sustento, por contingência temporária ou de forma permanente.

Essa política nacional é resultado da luta das pessoas em situação de rua, mas sabemos também que a sua existência está atrelada ao sistema de capital instaurado no poder mundial, ou seja, o mesmo poder que produziu/produz os excluídos. A partir de um certo momento da História, as relações sociais e os papéis de cada cidadão começavam a se definir, criando assim as relações de poder e as hierarquias.

Esses grupos de pessoas em situação de rua fazem parte de um constructo histórico, social e cultural fundamentado na forma de pensar e conceber a humanidade e as relações de poder. Como se apresenta na discussão deste trecho da dissertação, há uma relação que se associa à organização estrutural capitalista das sociedades desde tempos remotos.

Assim, em contínuo diálogo reflexivo, menciono de forma sintética o capitalismo e as suas relações com a produção dos atores/as em situação de rua. Nas Américas, no Brasil, o pré-capitalismo mercantilista tem início com o tráfico negreiro, que objetivou o enriquecimento dos *colonizadores* à custa do trabalho escravo, assim, o avanço do capitalismo se dá na ampliação da exploração muitas vezes sob a titulação

de formas de poder, inclusive do Estado produzindo fenômenos de violência, o maior deles a escravidão, nos moldes antigos e no período contemporâneo consentido, quando se atende aos objetivos de trabalhos desumanos e da própria exploração do trabalho assalariado.

Portanto, ao se constituir um novo formato de controle e exploração do trabalho, todo o processo de produção, comercialização e distribuição ficou atrelado ao capital e ao salário. Novas formas de controle do trabalho surgem, como a escravidão, a servidão, pequenas produções mercantis, a reciprocidade e o trabalho. Assim, iniciou-se um formato globalizado de controle do trabalho, dos recursos e de seus produtos, surgindo, assim, o capitalismo mundial.

O trabalhador tem a infelicidade de ser um capital vivo e, portanto, carente (bedürftig), que, a cada momento em que não trabalha, perde seus juros e, com isso, sua existência. Como capital, o valor do trabalhador aumenta no sentido da procura e da oferta e, também fisicamente, a sua existência (Dasein), a sua vida, torna-se e é sabida como oferta de mercadoria, tal como qualquer outra mercadoria. O trabalhador produz o capital; o capital produz o trabalhador. (MARX, 2010, p. 91).

O fenômeno da população em situação de rua é causado pela exclusão social, que conseqüentemente está atrelada à falta do capital (dinheiro/economia), fato que a posiciona como não detentora de capital algum. Cada dia envolve e debilita um grande número de pessoas que não se enquadra no atual modelo econômico, modelo esse que faz com que o trabalhador tenha por obrigação uma boa qualificação profissional, sem levar em consideração a realidade e a inacessibilidade de meios e recursos à maioria da população.

Por outro lado, no processo de constituição histórica da América, todas as formas de controle e de exploração do trabalho e de controle da produção-apropriação-distribuição de produtos foram articuladas em torno da relação capital-salário (de agora em diante, capital) e do mercado mundial. Incluíram-se a escravidão, a servidão, a pequena produção mercantil, a reciprocidade e o salário. Em tal contexto, cada umas dessas formas de controle do trabalho não era uma mera extensão de seus antecedentes históricos. Todas eram históricas e sociologicamente novas. (QUIJANO, 1993, p. 108).

Essas práticas foram impostas a toda sociedade da nova ordem mundial que se instaurava a partir dessas linhas de raciocínio eurocêtricas, de cunho capitalista. Nos dias atuais, podemos identificar que tais heranças da colonização europeia são ainda muito determinantes dentro do nosso meio de convívio diário. Tais fatos históricos explicam o porquê das populações de origem africana, indígena e os

mestiços serem tão discriminados e subjugados há tantos séculos, sendo que hoje são essas populações que se encontram muitas vezes em situação de rua ou de extrema pobreza.

É nítida a classificação dessas identidades raciais dentro da nova ordem do capitalismo global, cujas heranças históricas influenciam e determinam diretamente nossas estruturas de concepção familiar, social, econômica e outras. Questões como essas evidenciam o porquê da maioria da população negra, indígena e de mestiços, se encontrar na extrema pobreza.

Segundo pesquisas de fontes que constituem a Política Nacional para a Inclusão Social da População em Situação de Rua, de maio de 2008 (BRASIL, 2008), essa proporção (de pessoas negras) é semelhante à observada no conjunto da população brasileira (38,4%). Declararam-se brancos 29,5% (53,7% da população em geral) e pretos 27,9% (apenas 6,2% na população em geral). Assim, a proporção de negros (pardos somados a pretos) é substancialmente maior na população em situação de rua, constituindo o grande percentual das pessoas que se encontra em situação de rua.

Sendo assim, Quijano (1993) é bem explícito ao apresentar os papéis e lugares dessas raças subalternizadas (africano, indígena, asiático), que foram colonizadas por nações europeias a partir das grandes navegações (século XV), classificando e determinando até os dias atuais a realidade de muitas pessoas.

As novas identidades históricas produzidas sobre a ideia de raça foram associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global de controle do trabalho. Assim, ambos os elementos, raça e divisão do trabalho, foram estruturalmente associados e reforçando-se mutuamente, apesar de que nenhum dos dois era necessariamente dependente do outro para existir ou para transformar-se. (QUIJANO, 1993, p. 108).

A partir da ideia de “raça”, instrumento eficaz para a dominação social criado por volta dos séculos XV e XVI e que impôs sobre toda a população do planeta as origens do capitalismo como parte da dominação colonial da Europa, deparamo-nos com os estereótipos das pessoas em situação de rua e podemos compreender pelas suas origens étnicas quais foram as relações históricas que esses sujeitos perpassaram e perpassam aos olhos da sociedade. Afinal, qual é o papel do negro, do indígena, do mestiço, do asiático e do europeu na sociedade?

A partir da colonização das Américas houve uma incisiva monetarização do mercado mundial, com os recursos advindos de metais preciosos. Na Europa, constituiu-se uma nova identidade geopolítica e cultural no leste europeu, bem como no Oriente Médio e Ásia, fato esse que favoreceu aos europeus o controle do vasto comércio sobre países como China, Índia, Egito, Síria, entre outros. Isso também fez com que todo o controle sobre o mercado mundial, o capital, a mão de obra reforçasse ainda mais a dominação colonial europeia sobre as diversas populações mundiais.

Com o processo do capitalismo globalizado instaurado, iniciou-se o engendramento de uma nova forma de cultura, a “cultura única”. Cultura essa que despreza as diversidades culturais dos povos nativos colonizados e as classificam como culturas atrasadas e empecilho à globalização capitalista. E a partir do momento em que uma cultura começa a se sobrepor a outra(s), criam-se os implícitos culturais.

A partir desse implícito cultural, encontramos frequentemente a tendência a inferiorizar o saber, a visão de mundo, a concepção e o modo de vida das outras culturas. A pretendida universalidade da cultura ocidental veicula igualmente certas “verdades”, concebidas sobre a base de um único modelo de sociedade, induzindo as “outras culturas” a recuperar “seu atraso” com relação à sociedade ocidental. (MARÍN, 2006, p. 40).

Essa disputa de imposições culturais norteia as concepções ideológicas das sociedades, sendo o ponto em que as culturas dos povos tradicionais vão se perdendo. Um bom exemplo que podemos analisar é este: uma região muito exuberante na qual já existam comunidades tradicionais residindo há gerações, mas que de umas décadas para cá o turismo nessa região se tornou tão forte que as culturas nativas começaram a se perder e, por um outro viés, acabaram adquirindo uma nova cultura. Com isso, muitos membros dessas comunidades acabam migrando para os grandes centros urbanos, fragilizando ainda mais suas tradições e cultura.

### 3 CONSTRUÇÕES COLETIVAS DOS ESFARRAPADOS (PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA): EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA COMO DIREITO

Para apresentar esta terceira seção, primeiramente discuto um pouco o sentido da educação como mecanismo de formação da pessoa humana, como fenômeno que ocorre em diversos contextos. Faço isso trazendo o reconhecimento pelo povo negro, povos originários e “colonizadores” deste país. Abordo formas de organização sociocultural que podem se aproximar da realidade desses povos.

Sigo questionando a Educação como Direito Fundamental de Natureza Social, ao mesmo tempo que anuncio que, de alguma maneira, nem todos acessam esse direito, mas que ele deveria ser construído sobre o processo da emancipação dos esfarrapados e da transformação social, e não sob a égide da manutenção da sociedade opressora.

#### 3.1 EDUCAÇÃO: PRODUÇÕES DE LUGARES, ESPAÇOS E VIVÊNCIAS

A Constituição Federal apresenta que a educação é um direito fundamental de natureza social, sendo um direito de todos e dever do Estado e também da família promover esse direito inalienável, portando, direito de todas as pessoas.

A educação é um direito e também manifestação de diferentes formas de compreender e de estar no mundo, em família, em sociedade. Dentro das perspectivas humanas, no decorrer dos séculos a humanidade se educou, se organizou de diferentes maneiras. Assim, a educação é também o ato do ser humano conhecer, compreender e exercitar os saberes no seu convívio diário, sejam eles individuais, familiares e ou sociais; fez e faz com que a espécie humana aperfeiçoe seus processos de adquirir, experienciar e repassar o conhecimento.

Nessa compreensão, **os lugares** e as relações ocorridas **nesses lugares** educam as pessoas. Pode-se dizer que o espaço da rua, com todas as suas mazelas e produção de desigualdades, também educa, pois

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender - e - ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 2007, p. 3).

Desta forma, a rua também pode ser lugar de educação, pois há regras, desafios e relações pessoais empreendidas nesse espaço. Saliento que as primeiras civilizações, das comunidades tribais mais antigas às atuais que aqui no planeta deixaram seus registros, já traziam consigo o conceito e a prática da educação (apesar de não usarem esse termo), pois cada comunidade ou grupo traz em sua carga cultural hábitos, rituais e costumes próprios, os quais sempre estão carregados de muitas informações, simbologias e referências condizentes com uma comunidade ou sociedade específica:

Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar — às vezes a ocultar, às vezes a inculcar — de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem. (BRANDÃO, 2007 p. 4).

No que se refere às pessoas em situação de rua, as trocas sociais ocorrem com grande amplitude, mas se diferem das situações dos grupos étnicos e outros porque as atitudes não são passadas de geração para geração, mas se constituem por trocas que os/as educam, no sentido de perceberem no lugar/espaço que ocupam quais relações/situações são aceitáveis para a permanência e a convivência nesse lugar. Um fator importante de ressaltar é que as pessoas em situação de rua às vezes se encontram em grupos e outras vezes são solitárias, mas o que importa é a relação estabelecida com o lugar onde essas pessoas habitam, ou por tempo longo, ou por curto período.

As pessoas em situação de rua se enquadram, por vários motivos, no processo de exclusão social criado pela lógica capitalista, pois não dispõem da possibilidade de ter um lugar fixo para habitar, bem como, por diversos outros fatores, experienciam a educação da/na rua. A rua é, nesta interpretação, a moradia, a escola e o lugar do trabalho dessas pessoas. De alguma forma, ela é o abrigo que desabriga, a liberdade que aprisiona, a escola que não ensina os conteúdos como os da escola, o lugar de aprendizagem da violência, mas também da solidariedade, da indiferença, da exclusão, pois quase sempre essas pessoas não são alcançadas pelas políticas públicas de direito.

Dessa forma, as pessoas em situação de rua enfrentam diferentes tipos de obstáculos e também criam análises sociais com a inclusão da sua própria vivência na sociedade – quando tem consciência no seu lugar no mundo –, isso quando não fazem parte de grupos de pessoas em situação de rua que apresentam problemas mentais.

Enfim, há ‘educações’ nas ruas e elas se dão nas relações, sendo fundamentadas pela forma de viver e de sobreviver desse grupo. Nesse sentido, e de maneira complexa e ampla, é preciso reafirmar que a educação está em todos os lugares e se sustenta nos mecanismos de saber sobreviver, ler e compreender o mundo, ainda que essa educação esteja permeada de desigualdades sociais. Sentir a dor do próprio reconhecimento da exclusão produz uma educação de anulamento, de inferioridade, de não pertencimento social, mas por outro lado aprende-se que esse lugar é espaço de vivência e de diferentes trocas que subsidiam a permanência e a busca da sobrevivência. Assim, com seus objetivos e finalidades, envolvendo pessoas em diversos contextos, a educação se faz presente, portanto, está em todo lugar.

Se a educação está em todos os lugares, ela está inclusive na escola. “A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado” (BRANDÃO, 2007 p. 6).

Ao afirmar que a educação existe onde não há escola, considero que há uma aproximação da educação dos povos originários em seus territórios do passado e do presente com as pessoas em situação de rua. Quero dizer que há uma “liberdade”, que os lugares onde estão apresentam desafios conforme os espaços de vivências. No entanto, com os povos originários a educação se dá de forma transgeracional; com as pessoas em situação de rua, ela acontece na efemeridade das circunstâncias e necessidades que surgem em decorrência da vivência/sobrevivência e da organização das cidades, das *pólis*.

Com a expansão dos territórios e a dominação sobre os povos originários, muitos costumes, culturas e comunidades inteiras foram dizimadas pelos chamados “colonizadores”. Estes, na grande maioria das vezes, exterminaram a cultura local e a partir daí começam a impor sua cultura colonizadora. Tais práticas se sucedem em todo o globo terrestre desde os princípios dos primeiros povos e sociedades que aqui se registram. Foi sob a ótica colonizadora que se conheceu a estrutura escola e a

educação dentro do âmbito escolarizado, ou seja, a educação sistematizada sob o aprisionamento e finalidade das estruturas sociais dos colonizadores para os colonizados.

Então, conhecer, aprender, tornou-se sinônimo de escola. Continuo reafirmando que a educação se faz presente nos mais diferentes espaços, porém, os objetivos são dados e/ou construídos pela necessidade do grupo que a vive e/ou que a aplica.

De maneira complexa, sabemos que não é preciso estar dentro de uma escola ou de uma sala de aula para receber conhecimento e ao mesmo tempo transmiti-lo. Veja que existem transmissões de saberes, de conhecimentos de diferentes dimensões, que acontecem nas comunidades remanescentes indígenas, quilombolas, de ribeirinhos, ciganos, entre tantos outros grupos que temos neste planeta e que por gerações e há milhares de anos se educam entre si e se autossustentam em seu meio, mesmo que tenham organizações hierarquizadas dentro das suas comunidades.

Assim, também as pessoas em situação de rua aprendem e se educam na rua. Uma educação balizada pela sobrevivência e narrada nas memórias produzidas pelo estar na rua.

### 3.2 EDUCAÇÃO COMO DIREITO FUNDAMENTAL DE NATUREZA SOCIAL

As pessoas em situação de rua aprendem e se educam na rua, mas sob que circunstâncias? O que leva essas pessoas a estarem na rua da *pólis*?

Para responder a esse questionamento, talvez seja preciso buscar outras tesselas, e estas consubstanciadas pela história da humanidade, ainda que de maneira rápida e sucinta.

Assim, trago para esta reflexão que os processos educacionais da transmissão do saber e dos conhecimentos acompanham a raça humana desde seu surgimento, que se deu a aproximadamente duzentos mil anos atrás na região onde atualmente conhecemos como o continente africano. De lá, a espécie dos *Homo sapiens* migrou para o resto de todo o planeta Terra, sempre em busca da sobrevivência, da água e dos alimentos.

Historicamente, pode-se dizer que houve períodos históricos que as organizações dos grupos humanos se deram de forma diversa. Todas elas consubstanciadas pelo processo educativo de aprender viver em grupo e de



sobreviver na natureza, usando transformações e/ou aplicações de saberes e trabalho. Em todos esses lugares sempre houve formas de educação direcionadas à espécie.

A dominação do espaço e as formas de estar nos lugares produziram escritas, desde as primitivas, encontradas nas cavernas, até a organização da escrita como a conhecemos. Assim, como já mencionado, encontram-se nas sociedades grupos ágrafos e não ágrafos, ou seja, grupos que dominam a escrita e grupos que não a dominam. Esse fato é de suma importância para a história da humanidade, pois se trata da criação das primeiras escritas gráficas. No entanto, é preciso compreender que existem diferenças entre as sociedades grafadas e as ágrafas.

Dois pontos são importantes para a compreensão da educação nas sociedades ágrafas. Um primeiro, o da ausência de instituições. Uma segunda questão é a compreensão mítica do universo. Estes dois elementos explicam o modo difuso de educação praticado nestas sociedades. (CLASTRES, 2003 p. 253).

Com a questão do desenvolvimento da agricultura, com a fixação das pessoas nos lugares, situação vivida pela grande maioria dos grupos humanos no mundo, além do aprimoramento de técnicas de domínio da natureza empreendido pelas relações de trabalho e sua transformação e também o domínio de povos sobre povos, no caso das sociedades que dominavam a *pólis* e/ou das ditas populações civilizadas, tem-se o início do capitalismo primitivo.

Essas novas técnicas de dominação e formas de viver se sucederam ao mesmo tempo, por todo o globo terrestre em diferentes espaços, mas com o passar do tempo essa forma de organização social foi se fixando e passada de geração para geração com a contribuição da criação de espaços sistematizados da transmissão dessa organização social. Nesse contexto surge o aparelho ideológico e formador da civilização, a escola. Assim,

A educação da comunidade de iguais que reproduzia em um momento anterior a igualdade, ou a complementariedade social, por sobre diferenças naturais, começa a reproduzir desigualdades sociais por sobre igualdades naturais, começa desde quando aos poucos usa a escola, os sistemas pedagógicos e as "leis do ensino" para servir ao poder de uns poucos sobre o trabalho e a vida de muitos. (BRANDÃO, 2007, p. 15).

Essa instituição chamada escola inicia sua atuação no Brasil por meio da Companhia de Jesus, grupo religioso que compunha a equipe de colonizadores da América brasileira. A escola foi o aparelho de apropriação, de dominação e de silenciamento da diversidade étnica no país. **Foi negada a negros e mulheres por se tratar de uma instituição com finalidades de domínio social**, por ter o objetivo de formar pessoas para a obediência e homens para o domínio territorial.

Aos poucos, a instituição escola assumiu caráter diferente, sendo abordada como espaço não apenas de dominação, mas também de emancipação. Um lugar de aprender a aprender, inclusive a viver dentro da sociedade da *pólis*. Compreender todo esse processo histórico-educacional pelo qual a humanidade percorreu e percorre faz a possibilidade de identificar que as pessoas necessitam de saberes educacionais para poderem sobreviver, tanto na cidade, quanto no campo ou na floresta, e serão justamente esses saberes e conhecimentos educacionais que irão também distinguir e classificar socialmente as pessoas umas das outras.

A partir dessa classificação social através dos saberes e conhecimentos educacionais é que a educação começa a ser engendrada nos mecanismos sociais com a clara intenção de instruir, ensinar tecnicamente e direcionar crianças, jovens e adultos para funções sociais específicas, o “trabalho”. Tais funções irão definir se o sujeito irá ser um médico, um gari, um astronauta, um desempregado. Em outros tempos ou realidades, podemos ter a figura de sujeitos como um feiticeiro, um escriba, um escravo, um guerreiro, um pajé. Portanto, os processos educacionais pelos quais as pessoas passam durante as suas vidas também irão definir seu papéis na sociedade.

Trata-se de um pensamento complexo, cuja instituição escola pode ser a definidora de papéis e funções sociais, mas ainda assim é preciso pensar em uma educação que emancipa as pessoas. Uma educação emancipatória, com práxis, seria aquela em que estudar pudesse não apenas possibilitar a inclusão social, mas transformá-la e, nesse sentido, a educação escolarizada precisa ser direito de todas as pessoas. Ou seja, Educação como Direito Fundamental de Natureza Social.

Uma escola, uma educação de direito, onde ensinar é mais que transmitir saberes, que seja lugar de criação, produção de pensamentos, uma escola com uma pedagogia política e, portanto, de direito, com acesso e permanência. Um lugar onde as pessoas se educam entre si mediadas pelo mundo, em comunhão e de forma coletiva, conforme nos ensina Freire (2005).

Como direito fundamental, a educação na forma escolarizada deve ser acessada por todas as pessoas. É um direito preconizado na Constituição Federal Brasileira de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), no Planos Nacionais de Educação, entre outros documentos oficiais que asseguram esse direito à população. Além de direito, é também dever da sociedade como um todo, da família e do Estado, prover esse direito.

O Brasil é um Estado, segundo a Constituição, democrático e social. Nessa perspectiva, faz-se necessário que as políticas estatais realizem atividades que atendam ao público social, pois,

[...] como decorrência da adoção do modelo de Estado social, impõe-se aos poderes públicos uma série de tarefas tendentes à realização de finalidades coletivas – as quais não se limitam à produção de leis ou normas gerais (como ocorre no Estado de direito liberal); tampouco há garantia de participação popular no processo de tomada de decisões (exigência do Estado democrático de direito). No Estado social de direito, é a elaboração e a implementação de políticas públicas – objeto, por excelência, dos direitos sociais – que constituem o grande eixo orientador da atividade estatal, o que pressupõe a reorganização dos poderes em torno da função planejadora, tendo em vista a coordenação de suas funções para a criação de sistemas públicos de saúde, educação, previdência social etc. (DUARTE, 2007, p. 694).

Sendo direito de todas as pessoas e considerando os desenhos sociais no Brasil, no estado de Mato Grosso e, especificamente, em Cáceres, que histórias, memórias e narrativas existem das pessoas em situação de rua sobre o acesso a esse direito, à permanência da inserção na sociedade (moradia, alimentação, saúde e outros), usufrutos desse direito, enfim, como esse direito fundamental de natureza social faz e/ou fez parte da vida das pessoas em situação de rua?

### 3.3 HISTÓRIAS COLETIVAS: SENTIDOS DE OPRESSÃO, OS ESFARRAPADOS NAS RUAS

Os esfarrapados que aqui apresento são cunhados dentro da perspectiva de Paulo Freire em sua obra “Pedagogia do Oprimido”. Diz daqueles que buscam e que lutam por uma educação emancipatória, compreendendo-a como um ato de transformação social, de respeito ao cidadão, que deveria ser dever do Estado e luta

de toda sociedade, pois a emancipação é de extrema importância para a construção de um país melhor, mais justo e que valorize e liberte o ser humano.

Falar de emancipação é também falar de uma educação de qualidade e equitativa; uma educação que atinja todos os níveis sociais, uma educação que circule de maneira formal, informal, escolarizada, não escolarizada, que considere todos os saberes. Para construí-la, necessário se faz descobrir-se esfarrapado e produzir a luta, assim como Freire pontua: “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 1987, p. 23).

Com essa perspectiva é que o autor deste trabalho acadêmico se descobre e se posiciona também como um esfarrapado do mundo, o qual em sua alteridade sofre com os esfarrapados à margem da sociedade, ou seja, neste contexto, com as pessoas em situação de rua. Nesse sentido, vale ressaltar a ação dos Movimentos Sociais e atores sociais que lutam e transformam a realidade de uma parte da população, pois descortinam os processos sistemáticos de opressão, conscientização e liberdade, acreditando e trabalhando fortemente para transformações sociais e visando ao aprofundamento desses conceitos em diversos espaços, como na academia, os quais são paradigmas essenciais dentro das questões de formação educacional dos cidadãos.

É na rua que essas pessoas estão, lugar onde também se constroem histórias de opressões coletivas. Histórias que podem ou não estar ligadas ao não acesso e/ou permanência do uso do Direito Fundamental da Educação Escolarizada. Assim, argumento sobre essas histórias coletivas como a história dos esfarrapados, citados anteriormente, nesta dissertação.

Os esfarrapados estão por todo lugar: estão no país, nos estados, em Cáceres-MT. Fazem parte do que se escreve como “populações menos favorecidas”. Esfarrapados que muitas vezes não se indagam sobre os fenômenos de exploração que servem, como partes de um mecanismo de opressão social, classificados como os sem trabalho, sem emprego, sem educação, sem moradia e, assim, muitas vezes se encontram sem alimentação, sem saúde, sem direitos. Dessa forma, fazem parte de um ciclo de opressões e são oprimidos, assim, não mais conseguem se desvencilhar dessas amarras, as quais condenam homens e mulheres a condições de extrema dependência e miserabilidade, fixando-os como esfarrapados dos fenômenos de exploração mundial.

A tomada de consciência do esfarrapado, a “apropriação de conhecimentos do mundo” de alguns seres humanos em suas questões mais profundas, faz com que essas “apropriações” abram a mente para diversas questões complexas que fazem parte da realidade. Muitas vezes, não se consegue mais negar ou se paralisar diante das várias mazelas sociais, situações por vezes extremamente opressoras e que geram sentimento de impotência. Assim é o movimento de despertar para uma realidade que por vezes se insiste em negá-la. Então, “se a tomada de consciência abre o caminho à expressão das insatisfações sociais, se deve a que estas são componentes reais de uma situação de opressão” (FREIRE, 1987, p. 24).

Sendo assim, aqueles que buscam o contato com a conscientização poderão compreender melhor o termo liberdade. Nesse sentido, os sujeitos dentro de uma formação conscientizadora, libertadora, muitas vezes começam a se questionar em relação ao seu processo de humanização e desumanização dentro de uma perspectiva ambígua, a qual definirá sua própria formação em relação aos conceitos do que é realidade e sua consciência de inconclusão permanente. Assim, Freire destaca que “a desumanização, que não se verifica apenas nos que tem sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais” (FREIRE, 1987, p. 30).

Assim, as pessoas em situação de rua, os esfarrapados, precisam tomar consciência do roubo que lhes é feito, e os que roubam e oprimem precisam reconhecer, pela consciência dos oprimidos, que a rua e na rua estão pessoas, e não normais ou anormais; ela – a rua – é lugar social, porém, também lugar de opressão, de opressores, dos esfarrapados. Assim,

Ao mesmo tempo, a rua não deve ser vista somente como lugar de circulação entre espaços privados, uma espécie de limbo entre situações reconhecidas, mas como espaço em si, tão abarcador e produtor de realidades como qualquer outro. Estar na rua é ocupá-la, não como violação do espaço limpo e vazio. É preciso desconstruir a bipolaridade ontológica entre normal e anormal colocada para as pessoas em situação de rua, considerando a produção e reprodução de identidades sociais dentro mesmo do que Gregori (2000) conceitua como circulação entre espaços e papéis sociais. (BRASIL. Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação, 2006, p. 4).

A rua, espaço de circulações sociais, em se tratando das pessoas em situação de rua é espaço de opressão. Essa opressão, trabalhada antes de levar as pessoas à situação de rua, distorceu a humanização dessas pessoas, e quando isso acontece

a pessoa passa a ter imensas dificuldades em formar seus próprios conceitos de liberdade, criticidade, expressividade, ficando à mercê de falsas ideologias, as quais em sua grande maioria vão na contramão de seus próprios interesses libertatórios. “A relação intrínseca entre existência e transcendência é o que constituiu o inacabamento como possibilidade do *inédito*, gerado na complexidade das relações intersubjetivas e planetárias” (ZITKOSKI, 2006, p. 246).

Toda essa desumanização está dentro da história coletiva humana, já que todo esse processo é resultado também de uma nova ordem sistemática global, portanto, para Freire: “constatar esta preocupação implica, indiscutivelmente, reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica” (FREIRE, 1987, p. 29).

Como realidade histórica, volto a mencionar os argumentos da produção do capital, da constituição das Américas a partir das ideias de Quijano (1993) a respeito das raças, a constituição social pelo capitalismo, que produz esfarrapados no mundo, e essas histórias são coletivas porque são feitas sob a égide das ações sociais.

#### 4 PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NO CENÁRIO BRASILEIRO E MATOGROSSENSE

Tecendo, colorindo, e ao colorir o mosaico procuro expressar o viver, o sentir e as lutas dessa parcela da nação que atualmente se encontra em situação de rua. Assim, grafar na dissertação é como colorir o abstrato, o figurativo, todas as colorações possíveis de serem expressas do ser consigo e em sociedade. Atores que ressignificam impactantemente os sentidos das cores dos espaços da sociedade.

Esta parte discute diferentes peças com colorações diferenciadas. As peças são lugares como o Centro de Referência de Direitos Humanos, Institutos de Pesquisa, práticas e experiências em diferentes lugares do Brasil e do Mato Grosso (Figura 2) que auxiliam na compreensão de tessela que representa o colorido – diferentes realidades – das pessoas em situação de rua no contexto brasileiro.

Geralmente, a população tem uma compreensão equivocada das pessoas em situação de rua, como se elas não fossem pessoas de direito. Há, então, um preconceito destinado a esse grupo. Pensa-se que elas são responsáveis pela condição de vida em que se encontram.

A seguir, apresento o mapa do estado de Mato Grosso, que é composto por 141 municípios e cuja população é de pouco mais de 3,5 milhões de habitantes. Na parte vermelha do mapa está o município de Cáceres, o qual está localizado na região centro-sul do estado e tem uma população estimada em 95.000 habitantes, segundo dados do IBGE em 2020.

FIGURA 2 – MAPA DO ESTADO DO MATO GROSSO E LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CÁCERES

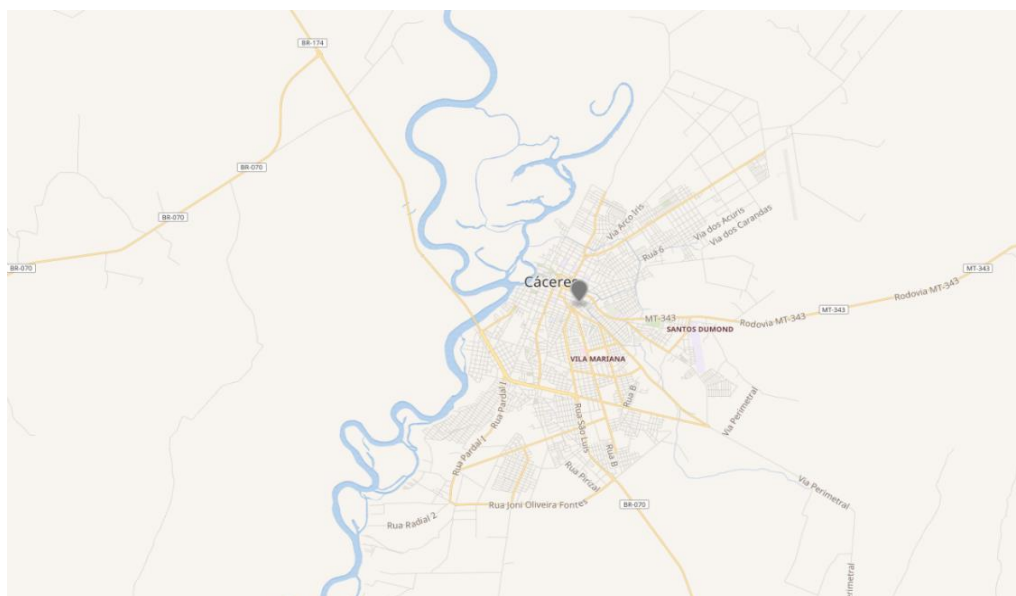


FONTE: GOOGLE MAPS (2021).

#### 4.1 TESSELAS: PEQUENOS FRAGMENTOS NA CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO

As tesselas que apresento são fragmentos que no conjunto evidenciam a complexidade do mosaico que vai se desenhando acerca das pessoas em situação de rua em Cáceres/MT. Essas pessoas fazem parte de uma população maior que está no país e no estado. Além disso, formam um grupo que sofre preconceito social e que também são responsabilizados por sua própria miséria. Tais moradores de rua se encontram na área urbana central (Figura 3).

FIGURA 3 – MAPA DA ÁREA URBANA DO MUNICÍPIO DE CÁCERES/MT



FONTE: GOOGLE MAPS (2021).

É preciso compreender que essa população que vive abaixo da linha da pobreza tem direitos e devem ser atendidos pelo poder público, porém, sabe-se que muitas vezes são ignorados pelas esferas de governo. Ainda que timidamente no país existem espaços de luta e de enfrentamento a esse preconceito, há desejos de que essas pessoas possam acessar direitos. Assim, trago que os direitos humanos são fundamentais a todas as pessoas e existem organizações com essa nomeação: são os Centros de Referência em Direitos Humanos. Estes são espaços dos movimentos sociais, espaços de luta pela efetivação de legislações que preconizam os direitos das pessoas, bem como espaços de pesquisa e promoção dos direitos dos cidadãos e cidadãs. No estado de Mato Grosso:



O Centro de Referência em Direitos Humanos, como proponente da pesquisa, é uma unidade da Secretaria de Estado de Direitos Humanos de Mato Grosso, criado pelo Decreto nº 1.094/2011. Dentre suas finalidades, propõe-se: ser um espaço de promoção, defesa, garantia e ampliação dos direitos de grupos e pessoas em condição de vulnerabilidade social, nas quais se incluem **as populações em situação de rua**; além de ser um espaço dialógico de articulação política dos movimentos sociais, de produção e difusão de conhecimentos relativos aos direitos humanos e à dimensão política dos cidadãos (GUIMARÃES; CARVALHO; PASSOS; MARIN, 2014, p. 15).

Trata-se de um lugar que reconhece os direitos humanos e, ainda, produz pesquisas, dados importantes para essa causa. Outro espaço importante que busca compreender e produzir dados que auxiliam os movimentos sociais na implementação de políticas públicas são os centros de pesquisa, como universidades, institutos etc.

No Brasil, há o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), cujo estudo realizado ano de 2016 revelou que o país não conta com dados oficiais sobre a população em situação de rua, fato que acaba se tornando um empecilho para a implementação de políticas públicas voltadas a tal público. Infelizmente, todas as esferas do poder público (federação, estados e municípios) acabam falhando por desassistirem as realidades essenciais de suas comunidades. Segundo esses órgãos, é imprescindível produzir leituras das realidades e dos contextos das pessoas em situação de rua para incluí-las nos preceitos do atendimento ao público.

Assim, tornar uma população legível ao Estado implica em procedimentos de padronização que configuram espécies de “mapas abreviados” que refazem as realidades que retratam e que são fundamentais para a ação [...] Entretanto, como é possível perceber no caso das práticas de inscrição política da população de rua no Brasil, tais técnicas de legibilidade não são apenas isso: ao mesmo tempo em que simplificam, classificam e conformam uma “população” às possibilidades do governo, também as inscreve nos cenários de atenção pública. (SCHUCH, 2015, p. 123).

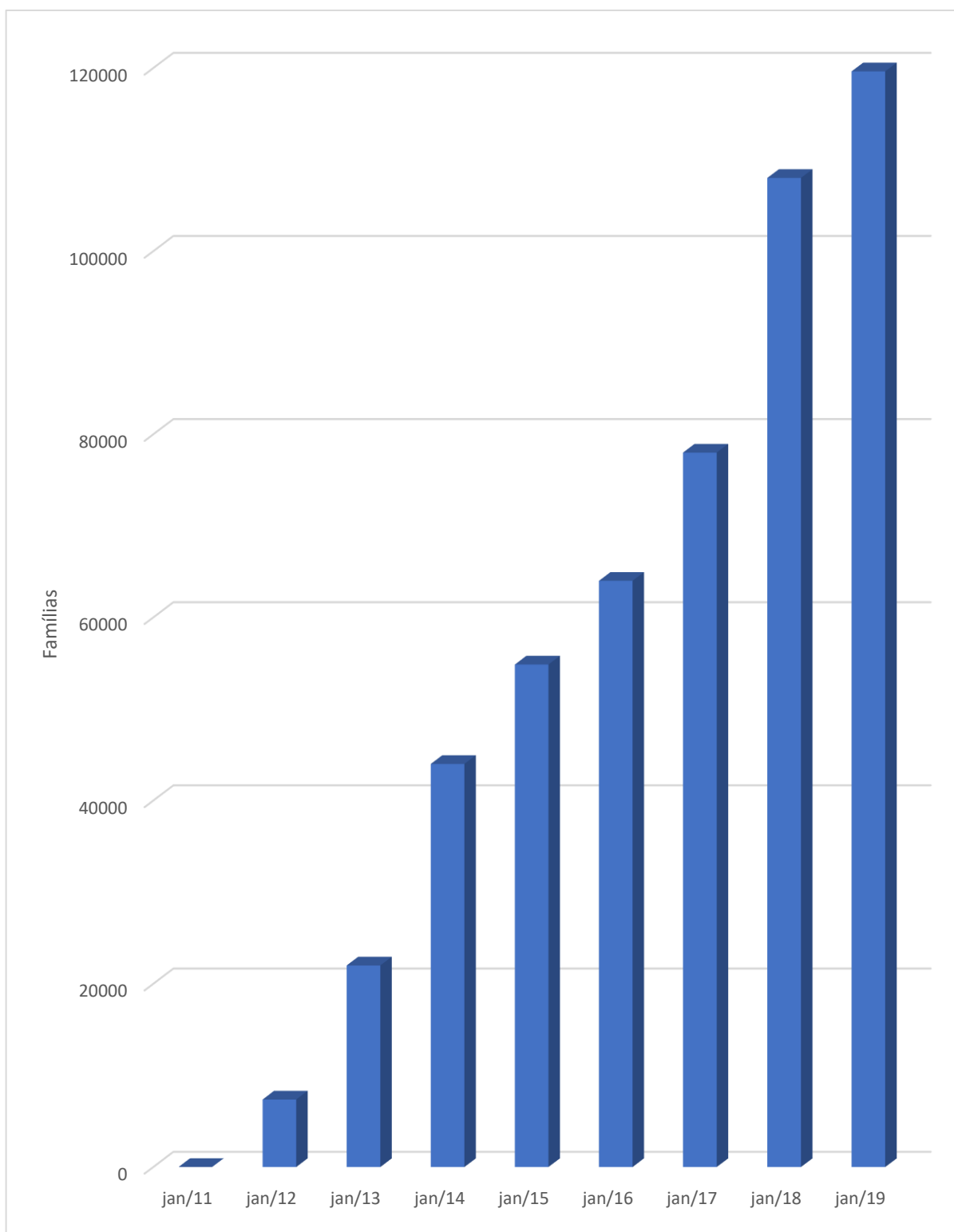
Os censos são técnicas que podem produzir leituras e informações necessárias à implementação de políticas que asseguram os direitos fundamentais a todas as pessoas. Nessa perspectiva e com a leitura do contexto das pessoas em situação de rua a partir de informações, mapeamentos e dados, apresento o estudo realizado pelo Ipea, no ano de 2015, que retrata um provável número total dessa população em nível nacional.

Esse estudo traz uma certa estimativa do número de pessoas em situação de rua em 1.924 municípios, produzido através de uma base de dados do Sistema Único de Assistência Social (Suas), via Censo Suas. Outra base de dados levantada foi a do Cadastro Único para Programas Sociais, do governo federal (Cadastro Único). Portanto, essa população no Brasil no ano de 2015 era de, aproximadamente, 101.854 pessoas em situação de rua. Lembrando que o Brasil é um país composto por 26 estados e um distrito federal e, atualmente, por 5.570 municípios. Portanto, é de suma importância que municípios menores pesquisem, criem e se comprometam com a aplicação das políticas públicas voltadas às suas realidades e à da sua população. Destaco, ainda, a importância da inclusão dessa população no Cadastro Único.

O Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política Nacional para a População em Situação de Rua (Ciamp-Rua), instituído em conjunto com a Política Nacional para a População em Situação de Rua via Decreto nº 7.053/2009 (RICARDO, 2013), solicitou ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que incluísse a população de rua no Censo de 2020. Como etapa preparatória, o IBGE realizou um pré-teste no município do Rio de Janeiro em 2014 (IBGE, 2014), que apontou diversas dificuldades em incluir este público no próximo censo. Ressalte-se, em particular, a dificuldade observada pelo IBGE em realizar pesquisas com populações sem domicílio fixo, o que exige metodologias de amostragem, logística de campo e abordagem do entrevistado bastante distintas do padrão usualmente utilizado por esta instituição. (IPEA 2016, p. 8).

Portanto, o fato de o IBGE não ter experiência prática e técnica para contagem e classificação dessa população faz com que esse desafio se torne ainda maior. Uma das grandes dificuldades da realização do censo desses atores é que a grande maioria não obtém endereço e/ou moradia fixa.

GRÁFICO 1 - QUANTIDADE DE FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO DE RUA NO CADASTRO ÚNICO – BRASIL, 2012-2019



FONTE: Adaptado de CECAD (2019).

TABELA 1 – ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA POR PORTE MUNICIPAL E GRANDE REGIÃO – BRASIL

Porte	Grande região	Número de municípios	População em situação de rua	Total de municípios (%)	Total em situação de rua (%)
Pequeno I	Norte	276	429	5,00	0,42
	Nordeste	1.195	2.302	21,50	2,26
	Sudeste	1.145	1.933	20,60	1,90
	Sul	943	1.131	16,90	1,11
	Centro-Oeste	360	961	6,50	0,94
	Total	3.919	6.757	70,40	6,63
	Pequeno II	Norte	111	653	2,00
Nordeste		428	2.711	7,70	2,66
Sudeste		285	2.674	5,10	2,63
Sul		147	1.341	2,60	1,32
Centro-Oeste		72	877	1,30	0,86
Total		1.043	8.255	18,70	8,10
Médio		Norte	43	595	0,80
	Nordeste	113	2.363	2,00	2,32
	Sudeste	99	3.465	1,80	3,40
	Sul	53	1.313	1,00	1,29
	Centro-Oeste	17	650	0,30	0,64
	Total	325	8.385	5,80	8,23
	Grande	Norte	18	1.716	0,30
Nordeste		53	8.393	1,00	8,24
Sudeste		133	16.981	2,40	16,67
Sul		46	7.416	0,80	7,28
Centro-Oeste		16	3.103	0,30	3,05
Total		266	37.608	4,80	36,92
Metrópole		Norte	2	1.007	0,00
	Nordeste	5	7.095	0,10	6,97
	Sudeste	6	24.740	0,10	24,29
	Sul	2	4.821	0,00	4,73
	Centro-Oeste	2	3.186	0,00	3,13
	Total	17	40.848	0,30	40,10
	Total	Norte	450	4.399	8,10
Nordeste		1.794	22.864	32,20	22,45
Sudeste		1.668	49.792	29,90	48,89
Sul		1.191	16.021	21,40	15,73
Centro-Oeste		467	8.777	8,40	8,62
<b>Total</b>			<b>5.570</b>	<b>101.854</b>	<b>100</b>

FONTE: IPEA (2016).

Estima-se que existam 101.854 pessoas em situação de rua no Brasil. Deste total, estima-se que dois quintos (40,1%) habitem municípios com mais de 900 mil habitantes e mais de três quartos (77,02%) habitem municípios de grande porte, com mais de 100 mil habitantes. Por sua vez, estima-se que nos 3.919 municípios com até 10 mil habitantes habitem 6.757 pessoas em situação de rua (6,63% do total). (IPEA, 2016, p. 8).

Portanto, a tessela que apresento é a figura de pessoas em situação de rua presentes em todos os municípios brasileiros. Eles colorem, no sentido presencial, os lugares, e o fazem como sujeitos de direitos, porém, com atendimentos escassos por parte do poder público. Dessa forma evidencio que a primeira pesquisa no Brasil realizada com a finalidade de mapear essa população foi feita em 2007, no governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A primeira e única pesquisa ampla sobre a população de rua foi realizada entre 2007 e 2008 pelo Ministério do Desenvolvimento Social (agora transformado em secretaria vinculada ao Ministério da Cidadania), mas não atingiu todo o território nacional. Avaliou um público composto por pessoas com 18 anos completos ou mais e abrangeu 71 cidades, sendo 48 municípios com mais de 300 mil habitantes e 23 capitais. Foram detectados 31,9 mil adultos em situação de rua. Somando-se os resultados de pesquisas feitas à parte em São Paulo, Belo Horizonte e Recife, o contingente se elevou a 44 mil. (MDS, 2008 ).

Um dos grandes marcos na luta da população em situação de rua é a sua inclusão no censo do IBGE que seria realizado no ano de 2020, porém o IBGE alega ter graves empecilhos para a realização do censo, já que atualmente o órgão não dispõe de verbas nem para realizar o censo dos brasileiros domiciliados, quem dirá dos sem domicílios.

Outra questão é a capacitação para os agentes censitários que realizarão a coleta dos dados, já que eles irão se deparar com as situações mais adversas possíveis, tais como: trabalho diurno e noturno, abordagem a pessoas com transtornos mentais, sem endereço fixo, ex-presidiários, entre tantas outras. Todo esse processo demanda um tempo muito mais prolongado do que os censos habituais.

As tesselas que apresento vão trazendo cores e produzindo uma complexa organização na compreensão do contexto das pessoas em situação de rua, uma complexidade que inclui determinações judiciais, lutas, movimento

e o próprio fenômeno do “produto” social capitalista na estreita relação de poderes, preconceitos e de direitos.

Os estados brasileiros são parte da construção de mapeamentos, pesquisas, leituras e determinações judiciais. No estado do Rio de Janeiro, no mês de janeiro de 2019, a Justiça Federal determinou que o Governo Federal e o IBGE tomassem as medidas cabíveis para que houvesse a inclusão da população em situação de rua de todo o país no censo de 2020. A decisão é fruto de uma ação movida pela Defensoria Pública da União (DPU).

Segundo a juíza federal Maria Alice Paim Lyard, "Considerando o longo prazo desde a edição do decreto, entendo que restou caracterizada a inércia prolongada e omissão dos réus, que comprometem o planejamento e efetivação de políticas públicas direcionadas à população de rua". (IBGE, 2020).

Portanto, a compreensão da justiça é de que há inércia do Estado em colocar o decreto em prática e por isso determinou que a União e o IBGE tomem as medidas cabíveis para a inclusão dessa população no censo. Devido à pandemia causada pela Covid-19, o Censo do ano 2020, que seria realizado pelo IBGE, foi transferido para o ano de 2021, portanto, a população fica no aguardo de sua realização para compreender o que será feito a respeito da inclusão das pessoas em situação de rua no país em relação ao Censo de 2021, **que, a princípio, também foi suspenso.**

Dentro dessa tessela, não é apropriado deixar de fora algumas análises em relação às questões econômicas do país, uma vez que anteriormente foi apresentada a ideia de que a emergência das pessoas em situação de rua tem ligação com a sociedade globalizada, com o capitalismo.

É notório entre a população, mídia, estudiosos, governantes e mercado de trabalho o agravamento da crise econômica e política no Brasil de 2015 para cá, e com esse prolongamento da crise, o aumento do desemprego e a exclusão social é cada vez mais expressiva nas cidades brasileiras, o que faz com que se hipotetize o possível aumento da população de pessoas em situação de rua.

Outra situação que evidencio é a realidade de 2020 com a pandemia do Covid-19, que alterou a forma de trabalho e que em uma leitura social breve, fez com que houvesse um agravamento da crise econômica, evidenciada pelo

aumento de preços dos produtos alimentícios, assim como pelo desligamento de muitas pessoas dos seus postos de trabalho.

Segundo o IBGE, com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) divulgados em 30/04/2020:

A taxa de desemprego no país subiu para 12,2% no primeiro trimestre, na comparação com o último trimestre de 2019, atingindo 12,9 milhões de pessoas. Segundo analista do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), ainda não é possível medir o impacto do corona vírus sobre esse resultado, já que os dados são dos meses de janeiro a março. A alta do desemprego foi de 1,3 ponto percentual (p.p) sobre o trimestre anterior (10,9%), o que representa 1,2 milhão de pessoas a mais na fila por um emprego. (IBGE, 2020).

Ou seja, no Brasil já nos primeiros meses da pandemia, o número de desempregados chegou aos 12,85 milhões; são milhões de trabalhadores que perderam seu emprego, fator que é primordial para a sobrevivência financeira, familiar, social dos mais de 200 milhões de brasileiros que atualmente integram a nossa sociedade.

Outras pesquisas, estudos e relatos realizados na área da questão social com a população em situação de rua comprovam que o emprego é um dos alicerces principais que sustentam essas pessoas longe das ruas, pois quando rompem esse vínculo empregatício formal de sustentabilidade e de responsabilidade acabam muitas vezes não se reinserindo no mercado trabalho formal, fato que os exclui do consumo de bens e os marginalizam socialmente cada vez mais.

Um fator de peso que deu voz e vez em nível nacional para essas pessoas foi a criação do Movimento Nacional de População de Rua (MNPR): “Em 2004, na cidade de São Paulo, ocorreu a barbárie conhecida como chacina da Praça da Sé. A partir daí iniciaram a mobilização para consolidar o Movimento Nacional da População de Rua” (CARTILHA DE FORMAÇÃO DO MOVIMENTO NACIONAL DA POPULAÇÃO DE RUA, 2010, p. 29). Já nos anos 2000, as pessoas em situação de rua vinham se organizando em várias capitais e cidades através de fóruns, seminários, manifestações, sempre trazendo as questões sociais em que estão inseridas. O movimento se faz presente desde 2005.

Em setembro de 2005 novamente a história da rua e dos catadores se cruzaram. “Convidados a participar do 4º Festival Lixo e Cidadania, as pessoas em situação de rua de Belo Horizonte mobilizaram outros

companheiros do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Cuiabá”. (CARTILHA DE FORMAÇÃO DO MOVIMENTO NACIONAL DA POPULAÇÃO DE RUA, 2010, p. 29).

Dentro do cenário mato-grossense, trago um ensaio para a implementação de um marco para a população em situação de rua no estado de Mato Grosso. Refiro-me à implementação da lei que institui a política estadual para a população em situação de rua do estado de Mato Grosso, cuja autoria do Projeto de Lei foi da **Deputada Estadual Janaina Riva**, que em fevereiro de 2016 apresentou-o em sessão plenária na Assembleia Legislativa do estado para os demais deputados, ao poder executivo e à sociedade.

O projeto foi aprovado pelo plenário em sessão ordinária no dia 12 dezembro de 2017, porém, em janeiro de 2018 o Projeto de Lei nº 57/2016, que *“Institui a Política Estadual para a população em situação de rua do Estado de Mato Grosso e dá outras providências”* foi vetado integralmente, com a Procuradoria Geral do Estado (PGE), que por meio do Parecer nº 19/SGACI/18, manifestando-se pelo veto integral diante do obstáculo constitucional inscrito no art. 39, parágrafo único, inciso II, alínea “d”, da Constituição do Estado de Mato Grosso. Assinaram esse documento os senhores José Eduardo Botelho (Deputado Estadual e Presidente da Assembleia Legislativa) e o senhor Pedro Taques (Governador do estado).

Mesmo sem uma lei no estado que reconheça as pessoas em situação de rua como sujeitos de direitos, destaco ações realizadas na capital do estado, Cuiabá, de vanguarda nas ações das políticas públicas para essa população, já que o município em sua gestão atual (2018 a 2022) criou e está desenvolvendo o “Projeto Quero te Conhecer”, que mapeia o perfil da população em situação de rua de Cuiabá. A princípio, em 2018 a amostragem realizada em julho já tinha conseguido cadastrar 150 pessoas em situação de rua que sobrevivem em vários pontos da cidade.

O estudo indicou que 67% da população é formada por homens e 65% estão morando nas ruas há cerca de 3 anos. O estudo também caracterizou que 37% das pessoas se declararam pardas e estão na faixa etária dos 22 aos 31 anos. Em relação à formação educacional escolarizada, 38% relataram ter o Ensino Fundamental incompleto. O projeto é desenvolvido pela equipe da Secretaria de Assistência Social e Desenvolvimento Humano.



No entanto, a Assistente Social do município, Vera Lúcia Martins, retrata que só durante o ano de 2018, em Cuiabá, havia mais 400 pessoas que se encontravam em situação de rua. Outro fato importante levantado foi a presença dos cidadãos venezuelanos, que por muitas vezes se encontram com suas famílias inteiras em situação de rua, por várias cidades do estado, pedindo por trabalho, por dinheiro e muitas vezes por comida também nos faróis, comércios e praças.

Outras tesselas importantes são as instituições e ações das universidades, representantes da defensoria pública e legislativo, que reforçam a luta pelos direitos dessa população no estado do Mato Grosso. Entre elas está a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), que através de seus grupos de docentes e discentes que compõem as áreas das Ciências Humanas e da Saúde do campus de Cuiabá, pesquisam, discutem, reúnem e criam novas formas de compreensão dessas realidades e políticas sociais que nos permeiam. Organizam fóruns, seminários, encontros regionais e nacionais que tratam com mais ênfase as questões das realidades dessa população que se faz presente tanto na capital, Cuiabá, como também no interior do estado.

Atualmente, a Defensoria Pública do Estado do Mato Grosso, dentro dos poderes que cabem a essa instituição, é representada pela defensora pública Rosana Esteves Monteiro, que **bravamente** está sempre à frente das discussões, eventos e encontros que permeiam as políticas públicas destinadas a esses atores da capital e do estado do Mato Grosso como um todo.

Na esfera legislativa do estado, cito a luta da Deputada Federal Professora Rosa Neide (PT/MT), que no seu atual mandato (2018-2022) vem se dedicando às causas da população em situação de rua e participando dos encontros intersetoriais, fóruns, encontros on-line durante o período de pandemia de Covid-19 com autoridades (defensoria pública, município) e movimentos sociais ligados à causa na capital, entre outras ações.

Importante destacar que para entender a situação da população em situação de rua no estado de Mato Grosso e depois, no município de Cáceres, fez-se necessário identificar, localizar, políticas que se direcionam à construção de ações presentes e futuras a essa população.

Assim, evidencio que em 14/04/2020 o Deputado Estadual Thiago Silva solicitou que o estado de Mato Grosso criasse um programa de atendimento aos

moradores de rua, e apresentou a indicação (nº 1479/2020) cobrando medidas imediatas do estado, pois tal indicação vem ao encontro das necessidades dessa população, ainda mais durante tempos da propagação da Covid-19.

#### 4.2 CENÁRIO MATO-GROSSENSE: POLÍTICAS PARA PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE CÁCERES-MT

À medida que vou escolhendo as tesselas, também construo o mosaico. A cada peça colocada na dissertação **produz-se uma harmonização diante da combinação. Os desenhos** que vão sendo elaborados possibilitam a compreensão do todo, assim como anunciado mesmo na metodologia da pesquisa deste trabalho. Para esta peça, discorro em um primeiro momento explicando o lugar Cáceres.

Assim, a cidade de Cáceres, está localizada no centro-sul do estado no do Mato Grosso, dentro da microrregião do Alto Pantanal. Sua população é de aproximadamente 94.376 habitantes, segundo dados do IBGE/2019. O município faz fronteira com a Bolívia e é a principal cidade mato-grossense abrangida pelo Pantanal. A comunidade é composta por pessoas das mais diversas etnias, tais como: afro-brasileiras e remanescentes de quilombos da região, indígenas de nacionalidades brasileira e boliviana (chiquitanos), ribeirinhos, brancos, pardos e imigrantes venezuelanos e bolivianos.

O município também tem uma grande rotatividade turística, já que a cidade fica às margens do Rio Paraguai e detém uma grande parte do Pantanal mato-grossense, o qual é de uma biodiversidade riquíssima para o equilíbrio do planeta e, conseqüentemente, para a humanidade. Outra característica marcante é em relação ao fluxo de caminhoneiros e de pessoas que transitam pela **Rodovia Federal BR-070**, pois Cáceres é passagem para outras regiões, inclusive liga a capital ao interior (centro-sul, sudoeste, oeste e noroeste), e também a outros estados e países da região.

Atualmente, a sociedade cacerense é formada por essa parcela da humanidade que por aqui se faz presente, mas já há milhares de anos essas terras foram ocupadas pelos povos originários que por aqui habitaram antes mesmo da chegada dos europeus e, conseqüentemente, pelos povos afros que foram escravizados e para cá trazidos à força para a construção do ideal europeu

de sociedade. Atualmente, vivemos as heranças desses fatos, episódios que datam por volta do início do século XVIII, já que a cidade foi fundada em 6 de outubro de 1778 pelo tenente de Dragões Antônio Pinto Rego e Carvalho, via determinação do quarto governador e capitão-general da capitania de Mato Grosso, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres.

Cáceres foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 2010. Há na parte central ruas e casas históricas datadas desde o início de sua fundação, mas também há no município fazendas construídas pelo trabalho escravo como as fazendas Jacobina e Descalvados, muitas construídas pelas mãos de indígenas e escravos.

FIGURA – 4 PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA (EMBRIAGADOS), NA PRAÇA BARÃO DO RIO BRANCO



FONTE: O Autor (2021).

A cidade abriga, atualmente, uma população de 94.376, segundo dados do IBGE em 2020, e além dessas pessoas, há as que se encontram em situação de rua. Aliás, muitas dessas pessoas se encontram na região central, pelas praças, na orla, nas ruas, em frente aos comércios e agências bancárias, na rodovia e nos bairros. Estão presentes nesses lugares com a finalidade de conseguir auxílios alimentares, quase sempre por via do desenvolvimento de trabalhos informais. Basta prestar atenção durante a rotina diária da cidade que toda a sociedade perceberá a presença desses atores na cidade.

Mesmo essa abordagem sendo feita na próxima seção, evidencio pelas observações que no município de Cáceres, aparentemente, a sociedade é solidária até certo ponto para com essas pessoas, já que muitos comerciantes e moradores, de certa forma e de vez em quando, doam e ajudam com alimentos, roupas, pequenos serviços e muitas vezes até abrigos emergenciais, como por exemplo em barcos ancorados, casas desocupadas por seus proprietários, ocupação temporárias em locais públicos da região central (orla do Rio Paraguai, praças, patrimônios tombados) e outros.

Mas se trata de iniciativas particulares. Assim, reafirmo que o poder público do município, assim como o estado, atualmente não tem política específica de inclusão em relação a essa população que se faz presente na cidade. Questões como essas ficam a cargo da Secretaria de Assistência Social que, aliás, é um setor da esfera pública que tem a função de promover a seguridade social daqueles que necessitam. Tem como um dos setores de proteção social básica a constituição de Centro de Referência de Assistência Social – CRAS e como um dos setores da Proteção Social Especial a formação de Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua.

Na prefeitura da cidade de Cáceres tem o atendimento de proteção social básica, ou seja, o CRAS, com o cadastramento e atendimento via Casa de Passagem, conforme informação obtida por entrevista com representante da Secretaria de Assistência Social do município de Cáceres.

Assim, o texto que segue foi construído a partir da entrevista realizada na data de 25 de junho de 2019, com uma das Assistentes Sociais, a qual não autorizou a gravação de áudio durante a entrevista. Foi produzido um roteiro de entrevista com a intenção dela auxiliar na compreensão do contexto dessas pessoas em situação de rua em relação à participação do poder público.

As questões que serviram de apoio para a leitura desse contexto foram: Existe um número estimado de pessoas em situação de rua no município de Cáceres? Dentre essa população, quem são essas pessoas que procuram a assistência social e com qual frequência isso acontece? Existe algum albergue público no município?

Em relação à Lei nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009, da Presidência da República Federativa do Brasil, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua, como o município trata toda essa questão? De que forma a assistência social do município consegue assessorar essas pessoas?

Toda a explicação fornecida pela Assistente Social faz parte de um banco de dados das pessoas cadastradas no CRAS. Assim, em 2019 – Período da entrevista –, o número de “usuários” cadastrados na assistência social como pessoas em situação de rua somou 32 pessoas, entre elas homens e mulheres, sendo 2 menores de idade, com família na cidade, mas que vivem em situação de rua devido ao uso abusivo de drogas. A seguir, trago em narrativa as informações cedidas pela assistência social do município.

Ao perguntar a respeito do número estimado de pessoas em situação de rua no município de Cáceres, obtive a seguinte informação: *“Temos 32 ‘usuários’ cadastrados aqui na assistência social nessa situação, entre eles homens e mulheres. Sendo 2 deles menores de idade (os quais têm família na cidade, mas vivem em situação de rua devido ao uso abusivo de drogas”*. A espécie humana se constitui em sua pluralidade individual de cada ser: “a pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir” (ARENDDT, 1991, p. 23).

Nesse sentido, compreende-se que todos somos humanos e compomos essa pluralidade humana que traz em si individualidades, mas também coletividades, pois se trata de uma condição humana sermos únicos, mas ao mesmo tempo plurais. Assim, estando ou não em situação de rua, estando ou não longe da família, e também inseridos ou não em um meio social onde se experimenta opressões econômicas e simbólicas que remete muitas pessoas a uma vida de precarização, de uso de drogas, de álcool, constituímos-nos como plurais.

Percebe-se nitidamente em algumas falas dos atores desta pesquisa que uma das causas que impactaram diretamente suas permanências fora de casa e longe da família é o uso abusivo do álcool e das drogas. Oswald de Andrade nos relata que *“Infelizmente a gente começa a usar bebida e muitas vezes até a se drogar muito cedo, isso faz com que a gente se afaste da escola, da família e de tudo”*.

Portanto, essas são algumas das causas que levam as pessoas a irem parar nas ruas como lugar de vivências. Iniciam o uso dessas substâncias muitas vezes quando ainda estão junto com suas famílias e, posteriormente, passam a habitar os espaços da rua. Tornar-se pessoa em situação de rua por fazer uso abusivo das drogas pode estar ligado a outras complexidades relacionais dessas pessoas com a vida em sociedade. Observa-se que os usuários de drogas são tanto homens quanto mulheres, porém, dentro desse quadro as mulheres assumem um lugar de vulnerabilidade maior em relação aos homens. A informação obtida em campo ainda evidencia crianças em situação de rua que fazem o uso de drogas (fato esse que traz consequências desastrosas na formação biológica e mental desses menores). Essa realidade, infelizmente, encontra-se pelas ruas de todo o país, e em nosso município não é diferente.

Com o intuito de saber, dentre essa população, quem são essas pessoas que procuram a assistência social e com qual frequência isso acontece, dialogamos no processo da entrevista com a Assistente Social, que narrou que as pessoas que procuram *“São homens, mulheres e menores de idade (esses acompanhados pelo Conselho Tutelar e/ou familiares). A procura pelos serviços da assistência social por essa população é frequente, tendo vários casos registrados semanalmente pelos usuários”*.

Geralmente, essas pessoas procuram a casa de passagem porque estão passando necessidades na rua. Portanto, compreende-se como assistência social a busca de direitos, do bem-estar, da proteção social, portanto, inclui alimentação, abrigo, encaminhamentos a centros de saúde. Muitos entrevistados comentaram que não frequentam a Casa de Passagem por causa das regras lá impostas, tais como: horários, disciplinas e todo o trâmite de ter que passar por uma “entrevista” com a Assistente Social responsável.

Na sequência, trago a fala do senhor A. M. S., 36 anos<sup>1</sup>, que em 30 de abril de 2020 fez tal relato em relação às condições do abrigo: “*aqui na Casa de Passagem, em Cáceres, é um pouco complicado. Hoje, quinta-feira, tentei falar com a Sra. Dirce, e depois do almoço ela foi tirar uma sexta (uma folga)... Com a pouca grana que resta, peguei um mototáxi e fui correndo no centro e quando voltei, ela tinha saído duas horas antes. Praticamente não existe nenhum vínculo social com os monitores e os moradores em situação de rua, a comida, responsabilidade no horário... Isso sim é excelente, porém, as máscaras que são exigidas em um letreiro na porta, não temos acesso. O álcool em gel... Só na sala da guarda e na sala da senhora Dirce, na parte dos fundos; não temos acesso.... Fui pedir o favor à senhora Dirce, para digitalizar uma solicitação para pedir meus documentos... A resposta é que a máquina estava com defeito... Porém, com internet, dava para digitalizar... A internet é para alguns... É horrível estar em situação de rua; tomara que nunca esteja em essa situação... Morei anos na Colômbia e por situação da pandemia, viajei em um voo de repatriação do governo. Como trabalho com turismo, estava em outro extremo do país (Caribe), e não me alcançou e tampouco tinha ônibus para ir a minha casa pegar meus documentos brasileiros. O único motivo de estar em Cáceres é que estou perto da fronteira e a situação da pandemia atinge menos pessoas que no Rio de Janeiro... E se não volto à Colômbia, em determinado tempo... Perco o visto...*

*Tudo isso é meu problema, porém, se não consigo um auxílio a mais da secretaria de assistência social, aí sim vai dificultar muitas coisas...*

*Não temos kit de higiene, tampouco papel higiênico e pasta dental e, como falei, o álcool em gel e o sabão para lavar as mãos são restritos na sala deles...*

*Sou brasileiro, consegui o auxílio do governo, porém, não posso sacar. Um enfermeiro trabalha na Secretaria de Saúde, quando veio visitar-me, me disse: se precisar de algo, era para falar com ele, e fiz uma pequena lista e pedi ao guarda **Sr. Caetano** que fizesse o favor de entregar a ela... Porém, agora só segunda-feira.*

*Por favor, senhora secretária... Peço que a senhora **Dirce** tenha um pouco mais de integração conosco... Não que não possa tirar uma ‘sesta’ depois do*

---

<sup>1</sup> Usuário da Casa de Passagem do município de Cáceres.

*almoço... Porém, ela não ia perder muito tempo se tivesse dado a atenção... Muito obrigado”.*

No que se refere à cidade de Cáceres e às informações da segunda Assistente Social da Secretaria Municipal de Assistência Social, na época havia 32 pessoas cadastradas. Normalmente, muitas famílias que buscam auxílio nesse órgão para os seus parentes é que por eles serem usuários de drogas passam a ser pessoas em situação de rua. No caso das crianças menores de idade (que estão acompanhados seus pais), há a participação direta do Conselho Tutelar do município de Cáceres. Como buscam a assistência social, é importante explicar que na cidade de Cáceres há um abrigo para essas pessoas que se encontram em situação de rua, que é a Casa de Passagem.

*A Casa de Passagem, que está localizada na Rua dos Jornaleiros, s/nº, Bairro Vitória Régia, é a antiga Casa das Crianças. Nesta Casa de Passagem, 99% dos ‘usuários’ são homens de até 45 anos. Mulher só se instala se estiver acompanhada de seu esposo ou companheiro (já tivemos alguns casos isolados). Caso contrário, uma mulher jamais poderá ficar abrigada lá até mesmo pela sua própria segurança. Menores de idade não podem de maneira nenhuma se abrigar lá. O tempo máximo de permanência na Casa de Passagem pelos ‘usuários’ é de 3 meses. Alguns idosos ‘usuários’ conseguem permanecer por mais algum tempo”.*

Observe que a casa de passagem não funciona como um abrigo para as pessoas que fazem uso de drogas ilícitas, pois segundo informações passadas pela Assistente Social do município, os usuários não podem adentrar, portar ou fazer uso de qualquer substância ilícita ou até mesmo álcool ou cigarro durante a permanência na casa como um usuário. Uma das funções da assistência social geralmente se inicia com um atendimento de proteção social básica, dentro do CRAS, mas é importante para aqueles que aqui têm familiares, principalmente as duas crianças, que continuem sendo atendidas pela Proteção Social Especial em atendimento no CREAS – Centro de Referência Especializado da Assistência Social.

Dentro dessa perspectiva de direito e bem-estar das pessoas, questionamos em relação à Lei nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009, da Presidência da República Federativa do Brasil, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua. Perguntei: como o município trata toda



essa questão? E de que forma a assistência social do município consegue assessorar essas pessoas? Obtive a seguinte resposta:

*“O município não tem nenhuma política específica para essa população. Muitos destes ‘usuários’ estão apenas de passagem pela cidade. Os mesmos estão atrás de roupas limpas, banho, segunda via de seus documentos, encaminhamentos para oportunidades de emprego e, principalmente, por passagens rodoviárias para outros municípios da região. A assistência social não dá passagem rodoviária para ninguém, salvo algumas circunstâncias na qual a assistência social tenta ‘embarcar’ algumas pessoas em situação de rua (‘usuários’ x) para Cuiabá por intermédio do ônibus da Secretaria de Saúde (o qual transporta diariamente pacientes para tratamentos médicos específicos que só se têm na capital mato-grossense) ”.*

Diante de tais fatos, podemos observar que a assistência social do município, com a Casa de Passagem, tem a finalidade de atender as pessoas em situação de rua, porém, há nela pouca estrutura no sentido da política de um atendimento que insira essas pessoas na sociedade. Essas pessoas cadastradas compõem o quadro de excluídos e de desigualdades no país, muitas com certeza provenientes de um contexto de extrema pobreza.

Há, ainda, muito a ser construído para essa população em nosso município, já que as secretarias responsáveis acabam atendendo apenas uma pequena parcela por meio da Casa de Passagem; não sabem o número exato de pessoas que se encontram em situação de rua e cadastram apenas aqueles que procuram a assistência social (CRAS). Esse grupo de cadastrados soma-se a todos os outros esfarrapados do mundo que vivem em situação de rua.

Com as atuais políticas públicas do governo federal e seu plano neoliberal, as verbas públicas estão cada vez mais reduzidas para os planos assistenciais destinados às camadas mais necessitadas da sociedade. Conforme Bisneto (2007, p. 40): “políticas sociais públicas são reduzidas ou repassadas ao setor privado. O Estado neoliberal reduz as políticas sociais à funcionalidade de manter a reprodução social a custos mínimos”.

[...] as políticas sociais no Brasil têm sido marcadas pela prevalência da lógica liberal em detrimento da perspectiva universalizante, ainda que as lutas desencadeadas no curso do processo constituinte, em 1988, tenham propiciado a garantia de vários direitos sociais e apontado uma direção universalizante para as políticas sociais na Constituição Federal, promulgada naquele ano. Entretanto, o avanço

do projeto neoliberal, nos anos posteriores à promulgação da Carta Constitucional, imprimiu às políticas sociais com profundos limites de cobertura e abrangência. Até mesmo as políticas que têm como base princípios e diretrizes universalizantes, como a saúde e a educação, têm sido implementadas de forma residual e restritiva. (SILVA, 2009, p. 175).

Diante dessa política neoliberal, o governo sucateia as instituições públicas, investindo o mínimo de verba possível para o seu péssimo funcionamento e tenta vender a ideia de que a privatização das instituições estatais é a melhor saída para uma reestruturação dessas instituições, as quais foram sucateadas propositalmente em algumas situações.

Mas contraditoriamente (ou não!), os governos continuam interessados em repassar verba pública para os empresários do setor psiquiátrico e “terceiro setor” filantrópicos, através de convênios que pagam internação para os usuários dos serviços de Saúde Mental, para continuar enriquecendo a burguesia e outros setores conservadores que compõem a base de sustentação de seus mandados. (BISNETO, 2007, p. 42).

Portanto, o sentido dessas políticas públicas, por muitas vezes dentro das instituições privadas, acabam por se tornar um viés de exploração dos internos e de seus familiares. Um exemplo é que atualmente, no Brasil, existem muitas “Clínicas de Reabilitação” (de igrejas evangélicas, ONGs, clínicas privadas etc.) para pessoas alcoólatras e **drogaditos** que recebem verbas públicas do governo para reabilitarem essas pessoas. Porém, elas não são fiscalizadas, não disponibilizam acompanhamento médico especializado ou medicamentos apropriados e, por muitas vezes, acabam explorando a fé dos internos, criando uma falsa perspectiva de cura ou reabilitação.

Com relação à entrevista com a segunda Assistente Social, é importante elencar alguns pontos, entre eles, a questão da Casa de Passagem ser um órgão com finalidade assistencialista sem ter efetivamente uma política específica para as pessoas em situação de rua. Também, a informação de que a grande maioria é usuário de drogas.

O primeiro é que, geralmente, as políticas aos grupos oprimidos são feitas diante de muitas lutas e enfrentamentos e, nesse caso, estamos falando de um grupo que fica à margem da margem, ou seja, na rua, fora das construções imaginária de quem está dentro; eles são os de fora. Assim, as políticas geralmente são construídas para aqueles que estão dentro, que dominam, que

mantêm o *status quo*. Dentro dessa perspectiva, interpreto que as ações sociais se inserem dentro de uma política assistencialista, e mesmo assim com pouquíssimo alcance. Não há alteração do quadro, e talvez nem se queira tais alterações; há uma manutenção das condições sub-humanas e um tratamento assistencialista sem um enveredamento político e humanizante.

O segundo ponto diz respeito ao uso de drogas pela maioria daqueles que passa pela Casa de Passagem. Há uma identificação dessa situação, no entanto, não há um assumir no sentido de produzir ações de enfrentamento.

Sabemos que a cidade de Cáceres é um corredor de trânsito de drogas ilícitas, estando a apenas 90 km do país Bolívia, e que países como Peru, Colômbia e Bolívia têm legalização para o plantio de coca. No entanto, sabe-se também que a veiculação de drogas e o uso destas se difere do que apresento a seguir sobre a coca. “A folha de coca, em seu estado natural, tem uso cultural/ancestral aparentemente inofensivo à saúde. Geralmente, é mascada ou utilizada em forma de chá” (BARRETO, 2013, p. 628).

De acordo com Barreto, a coca é cultural na Bolívia e passou por vários momentos interpretativos. Nessas interpretações, incluem-se questões científicas e econômicas. Dentro de uma sintética história cronológica, em 1860, o químico alemão Albert Niemann destacou a folha de coca nas ciências médicas, “entretanto, as percepções sobre a cocaína sofreram transformações ao longo de mais de um século, tornando-se uma droga ilícita e alvo de ações internacionais proibicionistas” (BARRETO, 2013, p. 631).

Posteriormente, o austríaco Carl Köller, em 1884, incluiu a coca como o primeiro analgésico nas aplicações cirúrgicas e a partir de 1890, ela perdeu o lugar de remédio na medicina, passando a ser considerada droga perigosa, com preocupantes consequências sociais.

Observe que as discussões aqui propostas estão em direção à coca, e não à cocaína, pois na cocaína é feita a inclusão de outros elementos químicos na folha da coca, tornando-a perigosa.

Ainda a respeito dessa discussão, ressalto que a produção deste texto é importante porque somos fronteirizos à Bolívia e que compreendemos que muitas vezes existe uma discriminação em relação a esse país vizinho, como se fossem responsáveis pela produção dos “drogados” brasileiros, cacerenses. Há

outras discussões necessárias, mas que não poderemos tratá-las nesta produção textual.

O que se coloca é que a situação capitalista se alicerça em opressões violentas, sendo uma delas a própria produção do tráfico e da expropriação de vidas humanas. O traficante cumpre a comercialização e os usuários cumprem a opressividade, o anulamento humano, a desgntilização pela desumanidade dos grupos do narcotráfico.

Nesse sentido, afirmo a existência de uma rede da falta de compromissos do poder público, com uma política que ultrapasse o assistencialismo para que possa produzir tesselas diferentes das **quais temos** na atualidade.

## **5 PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM CÁCERES-MT: TESSELAS DE EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS, HISTÓRIAS DE VIDA E ARTE**

Nesta tessela da arte musiva em escrita, uso da arte para apresentar as pessoas em situação de ruas em Cáceres, ou seja, os esfarrapados como os estou chamando. Assim, apresento as moradias, o trabalho, as relações sociais e políticas públicas as quais tive acesso. Depois, as relações com a educação escolarizada – esse direito fundamental e social e de responsabilidade do Estado –, as memórias e as histórias de vida.

Para conhecer essa população, foi necessário passar por todo um processo de compreensão em relação ao mundo e à vida dessas pessoas, fato esse que autores das áreas das Ciências Humanas, Saúde e outras descrevem e conceituam, produzindo um vasto material publicado e referenciado tanto dentro como fora do Brasil. Outra questão primordial é a forma da abordagem por parte do pesquisador a essas pessoas que se encontram em situação de rua, já que esse momento irá definir a forma como aquela pessoa irá contribuir com a pesquisa. As abordagens sempre se sucederam de forma cordial e explicativa (de todo o projeto) por parte do pesquisador para com os pesquisados.

Na metáfora que venho usando na construção desta dissertação, enxergo que estou fazendo as últimas escolhas das tesselas, e neste momento, não são apenas escolhas, mas construções de algumas que agora passam a ser produzidas no coletivo, ou seja, como e junto dos esfarrapados.

### **5.1 PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM CÁCERES-MT: MORADIAS, SOBREVIVÊNCIA, ESTAR NO MUNDO**

Quero apresentar essas pessoas, onde elas estão e o que têm feito no período do contato da pesquisa. Assim, relato que ao longo dos anos de 2019 e 2020, estabeleci contato com algumas pessoas em situação de rua na cidade de Cáceres, das quais três ainda mantenho contato até os dias atuais. O contato feito teve como objetivo criar relações de aproximação e de confiabilidade para o desenvolvimento da pesquisa de campo com a produção de artes, que deveria

acontecer em 2020, mas que diante da pandemia da Covid-19 foi interrompida durante a parte mais severa da pandemia.

Observo que as pessoas em situação de rua apresentam um perfil de movimento, ou seja, produzem um movimento produzido, de às vezes compõem inclusive grupos de andarilhos artísticos que se deslocam de cidade em cidade. Em 2020, o cenário foi outro, diferente de 2019, onde se observou a inclusão de novos atores em situações de rua na cidade de Cáceres. A pesquisa contou com a participação de 10 pessoas que se encontram em situação de rua na região central da cidade.

FIGURA 5 - MENINO (MENOR DE IDADE) ABRIGADO DENTRO DE UMA CAIXA DE PAPELÃO, CENTRO DE CÁCERES/MT



FONTE: O Autor (2018).

Os nomes verdadeiros dos entrevistados serão preservados em respeito e por solicitação deles. Assim, apresento os nomes fictícios dessas pessoas em forma de homenagem a grandes artistas brasileiros: Victor Brecheret, Oswald de

Andrade, Cândido Portinari, Anita Malfatti, Vik Muniz, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Amácio Mazzaropi e Raul Seixas.

### 5.1.1 Estar no mundo, pessoas em situação de rua

A pesquisa de campo com os atores direto desta pesquisa, se inicia em um final de tarde de outono, aonde o pesquisador na busca pelos sujeitos da pesquisa, percebe a presença ilustre de uma pessoa em situação de rua, o qual já vem residindo as margens do Rio Paraguai, em plena orla central (cartão postal) da cidade de Cáceres, há aproximadamente seis meses conforme relatado pelo mesmo posteriormente.

FIGURA 6 – ACAMPAMENTO NA BAÍA DO MALHEIROS - RIO PARAGUAI, CÁCERES-MT



FONTE: O Autor (2020).

Descrevo a cena com a qual me deparei: essa pessoa estava varrendo a frente de sua “casa” – um barraco feito com madeiras e lonas (Figura 6), onde na parte interior continha alguns paletes, colchão, roupa de cama, entre outros pertences –, momento em que desci alguns degraus (os quais separam a calçada da beira do rio), cumprimentei-o e me apresentei dizendo o meu nome e, na sequência, já apresentei a proposta e as finalidades da pesquisa. Comentei

sobre minha formação e sobre o meu trabalho na área da Educação (lembranças do tempo de escola, filhos durante o período escolar, familiares e outros), fato este que me aproxima deles de uma forma um pouco mais receptiva pela maioria.

Esse ilustre cidadão prontamente me concedeu sua autorização para participação na pesquisa (responder ao questionário das entrevistas semiestruturadas e uma produção artística ligada à pintura, ao desenho ou à poesia). Na sequência, Brecheret (como passo a denominá-lo) comenta que outras pessoas em situação de rua costumam passar pelo entorno da região de onde ele está “acampado”, e que se fosse de interesse por parte do pesquisador ele poderia disponibilizar o espaço e alguns materiais recicláveis para a produção de algumas criações artísticas, e até mesmo aplicar a pesquisa na íntegra ali mesmo. Esse fato acabou acontecendo durante três sábados consecutivos durante o mês de novembro do ano de 2020 no período vespertino.

### **Victor Brecheret**

Victor Brecheret, de 46 anos, é o nome deste primeiro ator que lhes apresento aqui nesta pesquisa. Brecheret é natural do município de Castelo, que fica no estado de Espírito Santo. Encontra-se em situação de rua desde seus 16 anos de idade. Está em Mato Grosso desde 2007, diz que ama o estado e especialmente a cidade de Cáceres. Desde os 16 anos, há aproximadamente 30 anos, está distante de seus familiares: irmãos, um casal de filhos e a mãe, que acha que ainda vivem no estado do Espírito Santo. Ele é um dos 8 filhos que seus pais tiveram.

Brecheret diz: *“não vou chorar, e não é só pelo meu pai, mas pelas tristezas que eu já passei até hoje... E com a solidão, eu aprendi com a solidão, ela é ótima; pra mim, o que me machuca mais é a saudade. A saudade é uma rasteira, e assim eu aprendi a viver e se acostumar comigo mesmo”*.

Direcionado pelo questionário semiestruturado, Brecheret faz emergir as suas lembranças familiares e de outrora, o qual o envolve, aflora e faz com que revele seus signos, significados e sentimentos que o constituiu principalmente como pessoa em situação de rua. Ele relata que desde os seus 13 anos já fugia de casa e passava dias fora, até que sua mãe o encontrava e o levava para casa novamente: *“eu não recebi maus-tratos em casa, mas é que eu sempre gostei*



*de ser livre e ficar na rua, até que quando eu fiz 16 anos e cheguei para minha mãe e falei que eu queria ir embora de casa. Aí foi uma choradeira dos meus irmãos, mas eu dei um jeito e fui embora; até hoje nunca mais voltei”.*

Ao ser questionado de como é morar em situação de rua em Cáceres, Brecheret nos relata: *“Olha, eu tive uma decepção muito grande, porque meu pai morreu no dia dos pais. E eu tive um distúrbio mental, e daí vim para cá e eu acho que minha vida baixou, ou não vou chorar mais, porque se eu chorar mais de 10 rios desses... Não só pelo meu pai, mas pela tristeza que eu já passei até hoje, a solidão. Eu aprendi a viver com a solidão, entendeu? Pra mim ela é ótima; o que machuca mais é a saudade. Você pode ter milhões e milhões; você pode ter a mulher mais bonita e mais gostosa do mundo. A saudade quando vem, ela dá uma rasteira, e assim eu acostumei a viver e se acostumar comigo mesmo”.*

*“A minha mãe é filha de italiano, capici? Eu sou neto de italiano. Lá tem apartamento pela Vale do Rio Doce, em Vila Velha, casa, apartamento, mas eu não tenho interesse nenhum. E se alguém vier a duvidar, eu tenho como provar. Eu provo, eu provo, casa, apartamento. Minha mãe foi uma guerreira e teve oito filhos e depois criou mais uma; minha mãe é uma guerreira, e eu não quero nada que era dela, o que eu quero é viver. Eu achei o Mato Grosso uma delícia, e falo: para me levarem embora daqui só se for comigo morto. Eu amo o Mato Grosso, eu sou filho do Espírito Santo e tenho um caso particular com Cáceres, filha do Mato Grosso”.*

FIGURA 7 – BRECHERET ORGANIZANDO O ESPAÇO EM QUE ESTÁ ABRIGADO



FONTE: O Autor (ano).

*“Então, para mim morar em Cáceres é uma delícia. Eu almoço nos melhores restaurantes que tem, quando eu quero comer eu como. O Silvio (comerciante de um restaurante da região) é meu pai, aquele careca vagabundo, amo demais ele. Eu como no Kaskata (Restaurante da região), eu como aonde eu quero, porque eu não roubei, não comprei, não tomei; eu conquistei esse povo. Eu já tive várias casas, não consigo mora em casa; eu gosto de viver a vida, viver à beira do rio. Eu amo Cáceres”.*

### **Oswald de Andrade**

O segundo ator destas ruas que trago é Oswald de Andrade. Ele comenta que não gosta de falar seu verdadeiro nome por ser foragido da justiça e afirma ser natural de Cuiabá, mas é natural de Várzea Grande. Ao ser indagado sobre o tempo que se encontra em situação de rua, Oswald relata: *“Já está com um bocado de tempo moço, uns vinte anos já. Minha mulher está em Mirassol do Oeste e ela vinha esta semana agora pra trazer meus documentos; ela vai vir segunda-feira agora que eu vou receber, né? Eu tenho pai e tenho mãe; estava lá na casa da minha mãe agora e depois fui lá para Tangará da Serra eu e minha muié (mulher). Minha mãe me tirou do cadeião agora esses dias; eu tava preso aqui no cadeião. Eu sou homicida e me tiraram do cadeião. O cara falou que eu estou com Covid-19 e falou para minha mãe me internar, mas documentos estão lá em Mirassol, lá. Eu não tô falando que eu estou; eu fumo noia e toma cachaça e fico de boa”.*

FIGURA 8 – BARRACA DO OSWALD DE ANDRADE



FONTE: O Autor (2020).

Ao ser indagado de como é morar em situação de rua em Cáceres, Oswald responde: *“Aqui é bom. Já fiquei em Nova Mutum, Sorriso. Lá é lugar bom, mas morar na rua não é bom, não. O bom é você ter sua casa, né, cara, de boa. Ter uma casinha, um barraquinho, uma geladeira, uma televisão”*.

Os usuários de álcool são chamados de bêbados, bebuns, alcoólatras. Há também o uso de outras drogas na rua, como a maconha, o crack e a cocaína. Para os que usam álcool, de maneira geral, os usuários de outras drogas são chamados de nóia. Os que usam crack também são chamados de “pedreiros”. O crack, que esteve muito popularizado entre moradores de rua mais jovens, pode estar cedendo lugar à maconha, a julgar pelas narrativas de frequentadores de instituições para a população de rua. O uso de maconha não interfere tanto no acesso aos serviços e programas institucionais, como ocorre com os usuários de outras drogas, que apresentam alterações de comportamento conflitivas no ambiente institucional. (ADORNO; VARANDA, 2004, p. 58).

A problematização da drogadição e do alcoolismo entre as pessoas em situação de rua é algo muito nítido, já que muitos se encontram nas ruas diretamente devido a essas questões ligadas ao uso abusivo de álcool e droga. Segundo pesquisas, esse percentual chega até a 35,5% dos casos (dependendo do município).

Uma Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua foi realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social entre os anos de 2007 e 2008 com o objetivo de quantificar e qualificar todos esses fatores. Quanto aos motivos que levam as pessoas a morar nas ruas, os maiores são: alcoolismo e/ou uso de drogas (35,5%), perda de emprego (29,8%) e conflitos familiares (29,1%). (PNPSR, 2009, p. 87).

### **Candido Portinari**

O terceiro ator residente das ruas entrevistado é Candido Portinari, que tem 44 anos e é natural de Cáceres, mas infelizmente já se encontra em situação de rua há mais de 32 anos. Portinari comenta que foi abandonado pela família devido ao fato da droga e do álcool.

Ao ser indagado em relação à condição de morar em situação de rua em Cáceres, ele respondeu: *“É difícil, hein? Nem todo mundo tem o coração igual né, irmão? Muitos têm o coração perverso, cheio de malvadezas. Se você não souber do lugar certo para dormir, você pode morrer queimado”*.

Portinari comenta também sobre os enfrentamentos à atual pandemia: *“Tipo assim, né, cara? Pra mim não melhorou e piorou porque eu estava preso, né? Depois que eu saí, eu senti bastante; o Brasil ficou num blefe de 40%.”*

“A população em situação de rua costuma usar abusivamente o álcool, seja por comportamento e hábitos anteriores, seja pelos adquiridos em função da necessidade de não sentir frio e de esquecer as realidades adversas.” (BRASIL, 2009).

### **Anita Malfatti**

Nosso quarto participante é uma mulher, a qual será apresentada pelo nome de Anita Malfatti, mulher esta que sobrevive atualmente nas ruas de Cáceres de uma forma muito desumana, já que é muito subjugada por toda a sociedade cacerense devido a sua aparência, insanidade e agressividade. Anita tem 42 anos e é nascida no estado do Amazonas.

Quando a ela foi perguntado há quanto tempo e como era viver em situação de rua aqui em Cáceres, ela respondeu: *“Desde que seu filho, seu filho não, ela, tomou a Cohab residencial São Benedito, antes de eu estar nas ruas eu morava lá; desde setembro eu morava lá, entendeu? Daí eu fui embora, ela tomou a minha casa, ela é muito violenta com as pessoas, até comigo, porque ela come carne de gente, entendeu?”*

*E eu vou tomar banho daqui a pouco. Aqui não; ela pode escutar, porque ela é cadela; não é gato, porque ela come gente. Primeiro ela mata e espera apodrecer a carniça do ser humano, aí depois ela come, e tem um moço também que dirigiu, a mesma coisa. O importante é que ela suma do planeta, ela, a Alice; o nome dela sempre será Alice. Alice é o nome da doença cachorro e gato”.*

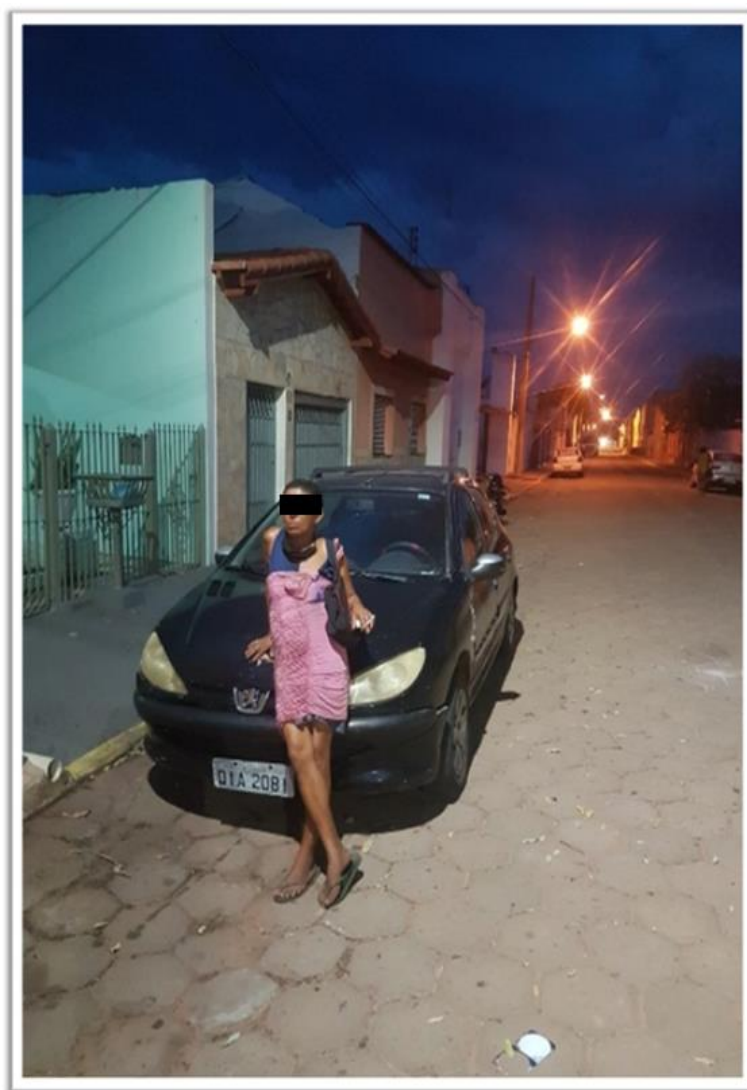
São estranhos seres que, nos intervalos das internações psiquiátricas ou completamente resistentes a elas, habitam as praças, os terrenos baldios das cidades contemporâneas, as esquinas, as casas abandonadas. Caminhantes solitários das cercanias, às margens das estradas, às margens da cidadania, numa busca heroica e “marcovaldiana” de sobrevivência material e psíquica. (BRITO, 2006, p. 323).

Já em relação a estar em situação de rua, Anita relata: *“Pra mim é uma maravilha, entendeu? Porque é ar livre, eu acho bom. Estou na rua desde quando eu saí do Residencial São Benedito, em Várzea Grande. Acho mais*

*gostoso dormir sozinha do que só transar, porque talvez a vida é louca; você tá ligado, né? A gente bebe um pouco e não sabe o que transforma aqui dentro”.*

Anita demonstra nitidamente a toda a sociedade o desequilíbrio psíquico em que vive diariamente. Infelizmente, ela tem sido notícia nos meios de comunicação do município, já que anda ameaçando e por algumas vezes até mesmo agredindo comerciantes e outras pessoas que simplesmente estão transitando pela região central da cidade, fato que faz com que ela também seja agredida inúmeras vezes.

FIGURA 9 – ANITA MALFATTI



FONTE: O Autor (2020).

Na madrugada de 27 de novembro de 2020, Anita acabou se abrigando dentro de uma agência bancária para dormir e no decorrer da madrugada para

se aquecer, provavelmente, resolve colocar fogo nos lixos que estavam no local, causando um princípio de incêndio dentro da agência. Anita acabou desmaiando devido à intoxicação pela fumaça e fraturando a cabeça na queda, sendo socorrida e levada para uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA).

FIGURA 10 – ANITA SENDO SOCORRIDA PELO CORPO DE BOMBEIROS



FONTE: CÁCERES NOTÍCIAS (2020).

### **Vik Muniz**

O quinto participante da pesquisa será identificado pelo nome de Vik Muniz. Vik relata que tem 33 anos e é natural da cidade de Mineiros, no estado do Goiás, mas que seus familiares residem em Campo Novo do Parecis-MT.

Em relação ao tempo em que está em situação de rua, ele nos relata: *“Desde os meus 18 anos que eu comecei a não aceitar minha mãe e a não aceitar meu pai. Aí minha mãe e meu pai falaram para eu ir aprender no mundo, e ainda tô aprendendo, claro... Pode vive dez anos, vinte anos, trinta anos, cem anos e eu não vou ver nada, veio (velho). Até você, qualquer um; ninguém ainda viveu nada.*

*Por isso que a gente tem que ser humilde. A primeira coisa é ser humilde e fé em Deus; ele está voltando, hein? A qualquer momento. Vai vir como um ladrão, na bíblia tá escrito”. Já em relação a estar em situação de rua aqui em Cáceres, Vik comentou que já está no município há 15 anos em situação de rua e acha uma maravilha, porque o pessoal é muito hospitaleiro.*

FIGURA 11 – VIK MUNIZ



FONTE: O Autor (2020).

## Machado de Assis

Nosso sexto e próximo ator participante desta pesquisa será conhecido como Machado de Assis. Ao me deparar com a pessoa de Machado logo fiquei espantado pela situação e também muito comovido, já que ele estava revirando um saco de lixo atrás de latas de alumínio na lixeira de uma lanchonete.

Abordei-o cumprimentando-o e explicando as propostas da pesquisa. De imediato, Machado se prontificou com a participação e informou que está com 42 anos e é natural de Várzea Grande.

Ao questioná-lo sobre a sua situação de rua, Machado diz: *“Eu fiquei 12 anos morando na rua. Atualmente, tenho um barraquinho lá na vila. Eu estava andando, daí a mulher, era 5 horas da manhã, daí eu vou entrar nessa igreja, que foi nessa catedral aí (aponta), entra lá aí ela me convidou. Eu moro aqui perto da barra da ponte; como eu tô morando aqui perto da barra da ponte, você me acompanha. Eu pensei que era para outra coisa e era, chegou lá falou assim: é aqui que eu moro, com essas pessoas aqui. Se você quiser continuar morando na rua você pode voltar, mas se você quiser morar comigo a casa está aberta para você.*

*Estou há 28 anos nessa residência. Morei 4 anos na rua aqui em Cáceres. Rapaz, fui tratado muito bem. Ganhei uma caixinha de engraxate, fui engraxando os taxistas e outros. Eu cato latinha, mexo... (lixo). Em Várzea Grande morei 2 anos na rua; entregava marmitta e daí conhecia pessoas atravessando a ponte de uma favela. Conhecia várias pessoas do exército”.*

Quem cata papel, latinha e cobre na rua, por exemplo, são os catadores – trabalhadores que vivem na rua –, reconhecidos legalmente por essa ocupação profissional. Grande parte deles se considera morador de rua, mas muitos, que têm o seu núcleo familiar constituído, estão vinculados a associações ou cooperativas e nunca estiveram na situação de dependência direta de serviços públicos assistenciais, morando nas ruas. (ADORNO; VARANDA, 2004, p. 54).

No que diz respeito aos seus familiares, Machado diz que: *“São de Várzea Grande, Morada do Ouro, e agora teve um **afastamento** de Cohab lá pra fazer e legalizaram. Correram dentro e eles mesmo estavam sabendo; localizaram a Morada do Ouro e colocaram ele lá ”.*



FIGURA 12 – MACHADO DE ASSIS



FONTE: O Autor (2020).

### **Mário de Andrade e Tarsila do Amaral**

Os próximos participantes da pesquisa são um casal de jovens venezuelanos que acabaram passando alguns dias em situação de rua aqui em Cáceres até que outros conterrâneos deles os abrigassem em suas residências atuais. Mário de Andrade e Tarsila do Amaral se encontravam no sinaleiro em frente ao hospital São Luiz com um cartaz solicitando dinheiro para os motoristas que por ali passavam.

Mário tem 22 anos e é natural de Porta La Cruz. Já Tarsila tem 18 anos e é de Porto Ordaz. Eles são pai e mãe de uma bebê de colo que sempre está junto deles. Ao serem questionados sobre como é estar em situação de rua em Cáceres, ambos responderam que é muito difícil e complicado. Tarsila comenta:

*“fiquei com muito medo, principalmente pelo nosso bebê”*. Já seus planos para o futuro são os de melhorar de vida e comprar uma casa.

FIGURA 13 – MÁRIO DE ANDRADE E TARSILA DO AMARAL



FONTE: O Autor (2020).

O Brasil, historicamente, sempre foi o destino final de muitos povos migratórios, e até hoje continua acolhendo pessoas de todos os cantos do mundo. Essas pessoas que por muitas vezes já vêm de seus países de origem completamente arrasados, ao chegarem ao Brasil acabam se deparando com situações que por muitas vezes acabam expondo-os ou até mesmo deixando-os em situação de rua.

Com a chegada da Covid-19 tudo ficou ainda mais difícil, pois eles têm dificuldades em encontrar emprego, de obter o Registro Nacional Migratório, o qual lhes garante as legislações específicas para refugiados e imigrantes – a Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997, para refugiados, e a Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017.

### **Amácio Mazzaropi**

Nosso nono participante e ator de destaque nesta pesquisa é Amácio Mazzaropi. Encontro Mazzaropi em uma manhã nublada no sinaleiro da Avenida 7 de Setembro, no centro de Cáceres, fazendo malabares para conseguir arrecadar algum dinheiro.

Me dirijo até ele e solicito para que contribua com a pesquisa; de imediato, após saber os fundamentos da pesquisa, ele corrobora e informa que tem 27 anos e é natural da cidade de Córdoba, na Argentina.

Ao ser questionado sobre quanto tempo se encontra em situação de rua, ele responde: *“estou ficando nas ruas do último ano para cá, antes desta pandemia era mais fácil das pessoas colaborarem”, “aqui em Cáceres eu já estou há uns três meses na rua, de vez em quando eu consigo alugar um quarto e me estabilizar, tomar um banho, ter uma cama, ultimamente quando eu tenho fome chego a ir até na porta dos bancos para pedir comida.*

Um problema frequentemente lembrado pelos entrevistados é a humilhação que sofrem quando confundidos com maloqueiro, mendigos, vagabundos, ou seja, com os que já se entregaram desistiram de lutar. Diante disso, a força dos preconceitos e estigmas, em relação à população de rua, atua como reforço dessa identidade negativa. (ROSA, 2005, p. 122).

Com a chegada da Covid-19, os artistas de rua de todo o país (assim como outras áreas de trabalho que envolvem o encontro físico das pessoas) acabaram sofrendo com a falta das pessoas circulando e consumindo produtos e/ou entretenimento em locais públicos ou privados, fato esse que impactou diretamente na renda diária e mensal de muitas pessoas.

FIGURA 14 – MAZZAROPI NO SINALEIRO DA AVENIDA SETE DE SETEMBRO EM AÇÃO COM SEUS MALABARES



FONTE: O Autor (2020).

### Raul Seixas

Por fim, o último ator participante desta pesquisa é Raul Seixas, que atualmente está com 37 anos e é natural de Várzea Grande. Ele vem sobrevivendo nas ruas de Cáceres de forma complicada, já que suas roupas sempre estão muito sujas, seu cabelo e barba sempre muito compridos, sem falar nos sacos, sacolas e mochila que o acompanham diariamente em suas caminhadas.

Refletindo a situação relacional entre os grupos e as instituições, as classificações operam, de certa maneira, com um conceito de “cronicidade”, que relaciona subjetivamente a aparência e comportamento do indivíduo a determinado “estágio de degradação” na significação do que seja a situação de rua. (ADORNO; VARANDA, 2004, p. 58).

FIGURA 15 – RAUL SEIXAS ACORDANDO EM UMA MANHÃ FRIA NA PRAÇA DUQUE DE CAXIAS



FONTE: O Autor (2020).

Raul comenta que está em situação de rua há muitos anos e em Cáceres há uns três já: *“Sempre durmo na rua, né? E sempre peço aqui na praça, na rua, um dinheirinho para quem poder me ajudar”*; *“Eu não tenho mais medo de ficar na rua, apesar que quando ninguém me ajuda, daí fica difícil”*; *“Eu não gosto de falar dos meus parentes, pois eles me roubaram”*.

Como se observa nos relatos acima descritos, é possível identificar que a relação dessas pessoas com as suas famílias parecem ser conflituosas e os sentimentos em relação à família são evidenciados nas palavras “tristeza”, “abandono”, situações advindas do envolvimento com drogas, justiça, problemas psicológicos etc. Parece que, com todos os percalços, a família é reconhecida por todos com saudade ou com indignação.

Sobre como é construído o estar na rua, pode-se dizer que é sob a ocupação pública, porém, com grande desassistência; ocupam-na como esfarrapados, com a utopia de uma liberdade, com a utopia da fuga das cercas ou das normalidades que a sociedade espera das pessoas. Assim, dizem gostar da rua, expressam que nela se sentem libertos, que estar na rua é uma maravilha, mas, para alguns, ainda há o sonho do aconchego do lar.

### **5.1.2 Formas de captar algum dinheiro e recursos para sobreviver em situação de rua**

Em meio ao bem-estar social, o dinheiro (capital) é essencial para a compra deste. Esse bem-estar, que envolve desde o trabalho, a saúde, a família, a habitação, o saneamento básico, a educação e a segurança, está atrelado aos direitos civis, os quais são garantidos na Constituição de 1988 da República Federativa do Brasil. Direitos esses que na realidade nunca foram alcançados ainda nos dias atuais por boa parte da população que mais necessitada deles neste país.

O capital não tem [...] a menor consideração com a saúde e com a vida do trabalhador, a não ser quando a sociedade o compele a respeitá-las. À queixa sobre a degradação física e mental, morte prematura, suplício do trabalho levado até à completa exaustão responde: por que nos atormentamos com esses sofrimentos, se aumentam nossos lucros? (MARX, 1988, p. 306).

#### **Brecheret**

Ao abordar a questão sobre sua formação profissional, Brecheret diz: *“Eu trabalho com a minha inteligência. Pra que trabalhar?! Eu fico sentado ganhando dinheiro com a minha inteligência. Pra que trabalhá?! Eu ganho sentado. Pego uma coisa e posso criar coisas, da vida. Pra que trabalhá?! Eu sou inteligente, eu que não ocupo minha inteligência. Pra que trabalhá?! Fico sentado aqui, ganhando dinheiro. Não é à toa que eu sou o Brecheret”*.

Realmente, Brecheret e alguns outros entrevistados trazem consigo toda uma versatilidade para conseguirem algum dinheiro, já que eles diariamente, de uma forma ou de outra, acabam sendo também consumidores dos mercados, distribuidoras de bebidas, panificadoras e lanchonetes das regiões da cidade.

## Oswald

Oswald apenas perambula pelas ruas da cidade e dificilmente pede dinheiro às pessoas: “*eu acabo me virando com o que me dão nos restaurantes, no mercado, aí pela rua, né?*”.

Infelizmente, Oswald e alguns outros entrevistados carregam toda essa dificuldade desumana em conseguir algum dinheiro para suprir algumas de suas necessidades mais básicas, tais como: higiene pessoal, alimentação, medicamentos... Pois eles vivem diariamente muito sujos, cheiram mal e não detêm nenhuma autoestima até mesmo para pedir dinheiro na rua. Algumas vezes coletam algumas latas de alumínio e talvez esta seja uma das poucas formas de conseguir algum trocado “da sujeira, do corpo abjeto que assusta e afasta” (FRANGELLA, 2005, p. 209).

## Candido Portinari

Candido Portinari é um velho residente do município e desde quando chegou aqui, há anos, encontra-se em situação de rua. Ele relata que ganha algum dinheiro cuidando de carros na região central e que inclusive tem o próprio ponto há anos, localizado ao lado do restaurante Kaskata. Além dessa atividade, Portinari muitas vezes consegue alguns trabalhos diários, tais como limpeza, pintura e pequenas manutenções, sendo “contratado por comerciantes, moradores da região central e às vezes trabalhando em fazendas no município.

Ao contrário do que se pode acreditar no senso comum, a maioria dos moradores de rua são trabalhadores. Grande parte deles, 70,9%, exerce uma atividade com remuneração e 58,6% afirma ter alguma profissão, mesmo que fazendo parte da chamada “economia informal”, na qual não há um trabalho fixo, contratação oficial e carteira assinada. As atividades mais praticadas por eles são as de: catador de materiais recicláveis (27,5%), “flanelinha” (14,1%), trabalhos na construção civil, “pedreiro” (6,3%), entre outras. (PNPSR, 2009, p. 93).

## Anita Malfatti

Anita Malfatti vive apenas de poucas doações que recebe de alguns transeuntes e certos moradores. Devido ao seu desequilíbrio emocional, ela já colocou fogo em uma agência bancária do centro da cidade no intuito de se esquentar à noite e, ultimamente, vem agredindo física e verbalmente várias pessoas que circulam pela região central do município.

Em sua fala é perceptível o seu desequilíbrio mental em relação à realidade na qual está imersa. Infelizmente, nem o poder o público, nem a família e nem a sociedade conseguem ou se importam com a reestruturação de pessoas como ela.

### **Vik Muniz**

Vik também nos relata um pouco de sua forma de trabalhar para conseguir seu sustento, suas expectativas de vida e o período de pandemia que está enfrentando: *“Trabalho do que aparecer. Cuido de carro, ajudo em um bar ou outro aqui na região. Quando tem o Fipe, sempre trabalho no parque de diversão já há alguns anos e assim por diante”*; *“Gostaria de ficar com minha mina novamente, mas acho que não dá mais certo; eu zoei muito com ela ”*; *“Porque a gente é morador de rua e daí as pessoas que têm dinheiro entende... Parece que chega perto da gente e daí, sei lá, não é a mesma coisa que antes”*.

Vik Muniz é uma pessoa muito articulada, trabalhadora e tranquila. Tive o prazer de conhecê-lo assim que cheguei em Cáceres para residir e me lembro que até no cinema da cidade eu fui com ele, sua esposa e meu filho para assistirmos um filme da época, pois o proprietário do imóvel que loquei o contratou para a limpeza do espaço, facilitando, assim, a nossa aproximação.

Sobre essa experiência de irmos ao cinema, confesso que foi muito significativa para eu compreender um pouco mais dessas pessoas em situação de rua da cidade de Cáceres que residiam em Chalanas abandonadas, “mas cedidas” para essas pessoas lá descansarem e se abrigarem, além de casas abandonadas e barracas na região central e orla do rio que elas “ocupavam”.

### **Mário de Andrade, Tarsila do Amaral**

Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e sua bebê se encontravam no sinaleiro em frente ao hospital São Luiz com um cartaz solicitando dinheiro para os motoristas que por ali passavam. *“Muitas vezes, quando necessitamos muito de dinheiro, viemos aqui para essa sinaleira”*. A falta de oportunidades educacionais e profissionais na sociedade latina é algo histórico e geracional, fato que só é superado através de muita luta e resistências.

Por muitas e muitas vezes nos deparamos com alguns imigrantes e/ou refugiados venezuelanos em situação de vulnerabilidade aqui na cidade de



Cáceres. Essas pessoas vêm em busca de novas oportunidades de vida para si e para os seus familiares e amigos, haja visto que a Venezuela vem sofrendo com os **altos da inflação**, embargos internacionais, desemprego e outros que acabam deixando a população muitas vezes sem outra opção a não ser fugir do seu país de origem.

Paugam (1999) aborda o “conceito de **desqualificação social**, que caracteriza o movimento de expulsão gradativa, para fora do mercado de trabalho [...] e as experiências vividas na relação de assistência, ocorridas durante diferentes fases deste processo”. Numa análise linear, ele identificou três fases nesse processo: a de fragilidade, relacionada à perda do emprego; a de dependência dos serviços sociais (entendida no contexto de países europeus) e aquela caracterizada pela ruptura dos vínculos sociais, “com um acúmulo de fracassos que conduz a um alto grau de marginalização”. (ADORNO; VARANDA, 2004, p. 62).

### **Mazzaropi**

Mazzaropi também é um estrangeiro – um argentino –, e tenta sobreviver diariamente da arte de seus malabares que apresenta pelos sinaleiros da cidade, lembrando que em alguns dias ele tem se dirigido até a frente das agências bancárias para pedir dinheiro, fato este que presenciei pessoalmente por inúmeras vezes.

Mazzaropi, apesar de jovem, a cada dia a vida tem se tornado mais dura, pois ele acabou de entrar em um ciclo em que a falta de dinheiro resulta diretamente em sua precarização social, uma vez que quando ele não consegue pagar a diária do hotel e o aluguel de um quarto, não consegue nem sequer tomar um banho e lavar suas roupas, fatos que o impedem ainda mais de se relacionar com a sociedade, segundo ele.

### **Raul Seixas**

Raul Seixas é outro pedinte das ruas de Cáceres que sobrevive apenas de pequenas doações que consegue ao solicitar das pessoas que por ventura cruzam o seu caminho durante suas atividades diárias e noturnas. Raul é sempre muito educado e fala pouco, porém é simpático. É homem de uns trinta e poucos anos, mas aparenta ter mais idade. Tem aproximadamente um metro e oitenta e sempre anda de preto pela cidade, com sua mochila nas costas.

Somos obrigados a começar pela constatação de um primeiro pressuposto de toda a existência humana, e portanto de toda a história, ou seja, o de que todos os homens devem ter condições de viver “para fazer história”. Mas, para viver, é preciso antes de tudo beber, comer, morar, vestir-se e algumas outras coisas mais. O primeiro fato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitem satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material; e isso mesmo constitui um fato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que se deve, ainda hoje como há milhares de anos, preencher dia a dia, hora a hora, simplesmente para manter os homens com vida [...] uma vez satisfeita a primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento já adquirido com essa satisfação levam a novas necessidades – e essa produção de novas necessidades é o primeiro ato histórico. (MARX; ENGELS, 2002, p. 21-22).

Como discorro no segundo capítulo desta dissertação, reafirmo que o fenômeno da população em situação de rua é causado pela exclusão social histórica, fato que subsequentemente traz em suas histórias todas as suas mazelas geracionais. “De um lado, os condicionamentos, as situações limites, a desumanização imposta pela globalização do capital com sua ‘natureza’ exploradora e dominadora: desumanizando e atrofiando a realização do ser mais” (ZITKOSKI, 2006, p. 246).

É comum essas pessoas não conseguirem acesso a trabalhos remunerados e às vezes não o querem porque fazer-se assalariado requer o cumprimento de horários, o que significa perder a utópica liberdade. Segundo Adorno e Varanda (2004, p. 62), “A realidade brasileira revela pessoas que já nasceram num contexto familiar cujos membros estavam fora do mercado formal de trabalho, numa realidade de ausência de políticas de suporte social”.

A pesquisa aponta que todos trabalham, quando com suas ações desenvolvem atividades remuneradas tais como cuidar de carros, apresentando-se como malabares, coletando materiais recicláveis, fazendo artesanato, auxiliando comerciantes da região central, ou até mesmo pedindo para a pessoas, ou seja, a maioria troca uma atividade braçal e/ou habilidosa por recurso financeiro ou por produtos alimentícios.

## 5.2 MEMÓRIAS ORALIZADAS: RELAÇÕES DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA COM A EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA

Nesta parte textual que segue poderemos compreender um pouco melhor sobre os processos de escolarização dos atores desta pesquisa através de seus

relatos. A Educação de qualidade tem sido discursada como um elemento de direito para todos, no entanto, a realidade observada no contexto brasileiro é que há diferenciações nos atendimentos a essas “educações”. **Assim, muitas vezes ela se constitui como privilégio para alguns segmentos da sociedade, enquanto para outros, ainda que seja um direito garantido, não recebe condições suficientes para a qualidade desejada e/ou, de maneira mascarada, alguns grupos sequer conseguem acessá-la.**

Assim, com a finalidade de evidenciar a distribuição da situação de escolaridade da população em situação de rua do Brasil, apresento a tabela a seguir.

TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA POR ESCOLARIDADE

ESCOLARIDADE	F	%
Nunca estudou	4.175	15,1
1º grau incompleto - Ensino Fundamental	13.385	48,4
1º grau completo	2.854	10,3
2º grau incompleto - Ensino Médio	1.045	3,8
2º grau completo	881	3,2
Superior incompleto	190	0,7
Superior completo	194	0,7
Não sabe / Não lembra	2.136	7,7
Não informado	2.787	10,1
<b>TOTAL</b>	<b>27.647</b>	<b>100,0</b>

FONTE: I CENSO E PESQUISA NACIONAL SOBRE A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA (2007/08).

Utilizo a tabela de 2007/2008 porque ainda não houve outro levantamento do país para esta população. Ainda assim, é possível perceber que tal população não tem sequer o que denominamos hoje de Ensino Fundamental completo.

Observo em diálogo com as narrativas feitas pelos atores desta pesquisa que a grande maioria estudou em estabelecimentos públicos, o que reafirma a importância de políticas públicas não apenas com políticas de acesso, mas também de permanência.

Início os relatos individuais com Brecheret e, posteriormente, trago os demais atores participantes desta pesquisa

## Brecheret

Em relação a sua formação educacional e como se relacionou com a escola durante seus tempos de estudante, ele se denomina como um “capetinha” na época e afirma que sabe ler, escrever e que adora história. Brecheret também nos relata que **“a escola era muito rígida, rígida. Meio-dia começava a aula e se você não chegasse meio-dia, ficava em pé, no sol, cantando o hino nacional. Era um colégio particular de dois andar. Você tinha que chegar meio-dia; caso você não chegasse, ficava no sol em pé cantando o hino nacional sozinho. É o Colégio João Blei, que fica no Espírito Santo. Eu estudava em colégio particular. O governador Gerson Camargo do Espírito Santo foi lá, era amigo da minha irmã que faleceu; ele era gente boa”**.

*O meu colégio tinha dois andar, particular, e rígido. Se você não chegasse meio-dia, meio-dia e um você já estava sozinho; era muito rígido. Naquele tempo eu era muito atentado e tinha muita menina sem vergonha... Mesmo assim, essa foi minha vida como criança. Eu aprendi pela vida, vida de homem, assim. Depois de um tempo passou, saí de casa com 13 anos e fugi para Guarapari. O oficial de justiça foi atrás, até que com 14 anos eu pedi para minha mãe que eu queria ir embora de casa. Meus irmãos choraram e eu quero ir embora, porra! (choro) Eu quero ir embora, eu quero é viver e consegui. Foi ruim para eles, uma parte; pra mim, não sei...”*

Em relação à participação da família em seus estudos, Brecheret comenta que: *“Sempre, minha mãe sempre foi uma guerreira, como eu já falei para você. O capetinha da família era eu. Minha irmã foi a matriarca da minha vida, de todos nós; gosto da minha mãe, mas a minha irmã matriarca, que já faleceu, cuidou de todos nós com carinho e amor. Ela sabe e foi no dia dos mortos que ela faleceu. Não faleceu, não; para mim, ela está aqui dentro e me ensinou muita coisa. Me bateu muito, mas aprendi muita coisa com ela. Muita, muita, muita”*.

Ao ser indagado sobre seus interesses pelo estudo, Brecheret comenta: *“Ah, tinha umas professoras que era amiga minha, mais tinha umas que eram um capeta; estagiárias muito pouco gostei... A minha amizade sempre foi com mulheres, eu sou um cara muito romântico com mulheres... E, assim, com transexuais, amizades, né? Com senhores de terceira idade, entendeu?! Assim, respeitando a vida de cada um.*

*Eu tinha necessidade, gostava de saber das histórias, porque as mulheres elas são mais carinhosas, entendeu?! É covardia... Eu sou dramático pelas mulheres e pelos senhores de idade, respeitando os problemas sexuais de cada um, porque nesse mundo, cada um sabe a dor e a delícia que passa o ... Eu era um capetinha, eu aprontava, eu sei lei e tal, e gosto de histórias. Sou bom em matemática, multiplicações, gosto de histórias, histórias... Os jovens hoje em dia tudo é internet, todo o passo a passo, não pegam mais uma cartilha com o A, B, C, D. Goiabada de marmelo, o sol nasce e é tão belo, é o sítio do pica-pau amarelo. Quem conhece isso hoje? Qual jovem?”.*

Questiono perguntando até que ano ele cursou e Brecheret comenta que “*não gosto de falar sobre essas coisas... Não sei se tranquei a faculdade, eu não sei...*”.

Percebe-se nas falas de Brecheret que ele sempre foi muito querido por seus pais e irmãos desde criança, porém, desde os seus 13 anos de idade já fugia de casa e assim que conseguiu a autorização de seus pais, “caiu no mundo” e para casa nunca mais voltou. Ele se casou e tem um casal de filhos que mora no Espírito Santo com seus demais familiares.

Atualmente, Brecheret foi embora de Cáceres. Ele me contou dias antes de ir embora que sua filha estava o chamando para ir residir junto a ela. Assim, ele se foi deixando aqui na região onde residia toda a sua alegria, amizade e saudades.

### **Oswald de Andrade**

Em relação aos estudos, trabalho e escola, Oswald nos relata que: “*Eu estudava lá (Várzea Grande), só que eu, tipo, com essa droga, cachaça e bebida demais, aí acabou com tudo, minha vida, família, acabou tudo. Inferno, virou um inferno, entendeu?! A droga e a cachaça misturados são um inferno*”.

Ao ser questionado sobre como era o seu interesse pelos estudos, ele relatou que: “*Sou noia desde os 10 anos de idade, mas eu gostava da escola. Eu sei ler e sei escrever, você pode colocar aqui... Sabe o que está escrito aqui? (aponta para a parede). É que aqui está meu pequenininha a letra... Eu entendo tudinho essas letras aí, é que eu estou... Eu fumei uma noia e tomei uma cachaça, então eu tô meio...*”.

Oswald conclui sua fala relatando sobre suas perspectivas para o futuro, dizendo: *“Cada um tem, né, cara? De boa. Meu plano é ficar de boa, com a graça de Deus, na paz, com a graça de Deus”*.

### **Portinari**

Na parte educacional, Portinari nos relata que era um estudante mediano, porém “bagunceiro”. Sua família não era muito presente em seus estudos, mas ele gostava da escola e cursou até a quarta série do primário (atual 5º ano do Ensino Fundamental). Portinari comenta: *“Sinto falta das professoras, né? Pois sem elas não haveria; são batalhadeiras, guerreiras”*.

### **Anita**

Em relação aos estudos e à escola, Anita comentou: *“Eu estudei em um colégio de freira, entendeu? Aonde um homem tem que cuidar do outro, entendeu? Eu fui freira, tenho doutorado, conheço todo quanto é tipo de remédio de mato; qualquer remédio pra mim está na minha folha. Sei tudo o que pode me curar, sei lavar meu cabelo, sei ficar bonita, linda, com essa cara. Tudo, tudo que você pensar eu já estudei. Trabalhei até para o rei e pra rainha, entendeu? Estudei tudo; hoje eu tô trabalhando na rua contra ela, a doença, entendeu? ”*.

### **Vik**

Em relação ao seu processo de escolarização, Vik nos revela: *“Fiz minha mãe passar a maior vergonha na escola, cara. Depois de véio que a gente vê essas coisas. Eu queria ser jogador de futebol; eu era para ser um profissional, sem droga, sem bebida”. “Até minha mãe teve que estudar comigo dentro da sala de aula pra mim ver... Que situação! A direção de escola convocou ela, eu era meio alterado. Até psicólogo, cara, minha mãe contratou pra mim”*.

Vik também comenta que esteve preso, momento em que teve a oportunidade de fazer o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem): *“Eu fiz prova de Enem, eu fiz. Eu fui preso na Mata Grande. Lá eu tive a oportunidade de fazer a prova do Enem, e eu passei, véio. Passei na prova do Enem lá na Mata. Aí eu tive o benefício para eu vir embora. Eu tô assinando, aqui em Cáceres, até 2025, por causa da prova. O gurizão aqui passou em 2019 ”*.

### **Machado de Assis**

Em relação a sua escolarização, Machado comenta que gostava bastante da escola e que estudou até o terceiro ano do Ensino Médio: *“Gostava, era excelente. Fui conhecendo os professores, conversando, dialogando, isso lá em Várzea Grande. Eu era excelente, acompanhava os estudos, falavam: se você não acompanhar os estudos, você senta próximo de mim. Ninguém nos maltratava”*.

Quando nos deparamos com os processos de exclusão escolar pelas partes menos abastadas da sociedade, em particular, pelas pessoas em situação de rua, percebe-se que muitas dessas pessoas vão abandonando o Ensino Fundamental e Médio ao longo de seus estudos devido a problemas sociais que suas famílias carregam consigo por gerações, problemas que por muitas vezes identificamos como a falta de moradia, de saneamento básico, alimentação, renda familiar, vestimentas, acesso à saúde, alcoolismo e drogadição, violência e abuso familiar, entre outros.

Essas problematizações atreladas às circunstâncias de opressões, de preconceitos e de dominações, definidas e distribuídas através do sistema capitalista de exploração e expropriação, impõem aos oprimidos exclusão e marginalização, circunstâncias essas que estão engendradas no processo do sistema, principalmente nos processos de escolarização pelos quais toda a sociedade passa.

### **Mário e Tarsila**

Em relação aos seus estudos, Mário responde que *“gostava muito da escola, bagunça um pouco, o mais gostava muito”*. Também relata que estudou até o primeiro ano do Ensino Médio. Já Tarsila informa que estudava à tarde e que se dedicava bastante. Estudou até o quarto ano e queria cursar uma faculdade. Eles comentaram que atualmente estão muito assustados com a Covid-19: *“fico pensando todo o dia. Estava muito preocupado; agora está passando”*.

### **Mazzaropi**

Em relação aos estudos, Mazzaropi comenta que estudou até o início do Ensino Médio e que gostava muito do colégio: *“meus pais de criação sempre me*

*fizeram ir para a escola todos os dias. Eu não podia faltar aula”. “Tive que parar de estudar depois que minha mãe morreu”. Ele informa que seu pai, tios e primos vivem em Córdoba.*

## **Raul**

Quando questionado sobre seus estudos, Raul comenta que sempre gostou da escola: *“foi uma época tão boa! Me lembro dos meus pais me levando e depois me buscando na escola, e foi por anos assim”. “Eu estudei até o oitavo ano, depois meus pais separaram e minha vida começou a ferrar toda, mas eu não gosto de falar disso aí”.*

Nos depoimentos, a maioria dos atores afirma gostar da escola, mas se observa também que a escola fez parte da vida deles com um sentimento de obrigatoriedade e com grande vigilância da família.

Dos 10 participantes colaborativos da pesquisa, 03 concluíram o Ensino Médio, sendo um deles em escola privada; 02 ainda estavam cursando o Ensino Médio quando foram para as ruas; 01 fez até o final do Ensino Fundamental; 03 cursaram o Ensino Fundamental, anos iniciais, sendo que destes apenas um de maneira completa; e de uma das pessoas não foi possível obter resposta. Assim, de todos os entrevistados que apresento, apenas Brecheret estudou na rede privada, no Ensino Fundamental, e os outros 09 estudaram na rede pública.

Com o Ensino Médio completo temos Vik Muniz e Machado de Assis, que conseguiram concluir seus estudos através dos Cejas (Centro Educacionais de Jovens e Adultos da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso – Seduc).

Constatou-se que todos os entrevistados passaram pelo processo de escolarização e que de alguma forma construíram sentimentos com educadores/as e com a aprendizagem, mas que socialmente não foram se enquadrando dentro deste mundo capitalista de produção de explorados e de marginalizados. Muitos fatores e causas levaram essas pessoas a serem habitantes das ruas, e nesta pesquisa os principais fatores se relacionam ao uso de drogas, às desavenças familiares e ao desemprego.

A escola, apesar de ser rígida, como relata Brecheret, possibilitou a ele o desenvolvimento da escrita: “gosto de ler e de escrever”. Assim, pode-se interpretar uma organização padronizada, bancária, como denomina Paulo



Freire (1987), em um movimento degradador da construção de textos escritos. Assim, gostar de ler e de escrever se articula com a escola, mas também se articula com os sonhos próprios de Brecheret.

A escola pública na qual a maioria dos entrevistados passou durante seus processos de escolarização nada mais é do que nossas escolas atuais, ou as escolas das pessoas que hoje se encontram em situação de rua. Uma escola pensada dentro de uma esfera governamental, mas também uma escola refletida na pergunta: Que escolas nós queremos? E no tocante a esta pesquisa, questiona-se que escola as pessoas em situação de rua e que foram participantes desta pesquisa tiveram.

O uso responder, pela interpretação da maioria das narrativas, que é uma escola que havia professoras que faziam acolhimento. Portinari evidencia uma saudade e diz: *“sinto falta das professoras”*. E assim, a maioria evidencia relatos de que gostava da escola, gostava daquele lugar de encontro, gostava de estar lá, porém, parece que mesmo gostando de estar lá, a escola não os cabia, não os compreendia e aos poucos eles escapuliam, afastavam-se dela.

O mundo não era só a escola, mas a família, o mundo lá fora, as drogas. Já dizia Oswald de Andrade, assumindo-se como usuário: *“Sou nóia desde os 10 anos de idade, mas eu gostava da escola. Eu sei ler e sei escrever”*. A droga o levou para fora da escola e a escola provavelmente não soube conviver com ele, pois a forma como o assunto “drogas” é tratado na escola muitas vezes interfere nas ações de prevenção, e aí essa condução afeta a trajetória escolar. Ou seja, o currículo escolar muitas vezes assume postura técnica, não reconhece os diferentes e os contextos dentro das suas construções. Por isso, o currículo é lugar de disputa e de relação de poder. Muitas vezes, o currículo define quem fica e quem sai ou como sai da escola. “Na visão crítica, o poder se manifesta através das linhas divisórias que separam os diferentes grupos sociais. Essas diferenças constituem tanto a origem quanto o resultado da relação de poder” (MOREIRA E SILVA, 2000, p. 29)

Vik, nessa mesma relação de poder, vê-se aprisionado pela escola, e a mãe precisa estar lá para assegurar a sua não fuga, mas... De alguma forma a escola o perdeu e Vik foi parar no presídio, lugar onde também se encontrou com a escola novamente até fazer o Enem. Mas, ainda assim, a escola não o tem. E escola, fora lugar de passagem, lugar que não o coube, lugar de conflitos e

intensa relação de poder e de seletividade, ainda que a queiramos lugar de acolhimento e que saibamos que como pública e com os profissionais que nela atuam, há uma constante relação de poder, conforme nos assinala Moreira e Silva (2000).

Perder a mãe, também pode perder a escola, como nos narrou Mazzaropi, uma comédia-dramatúrgica da vida de um brasileiro que provavelmente ficou desassistido. Essa também é uma relação de poder. Será que a escola ficou sabendo? Será que se perguntou: onde está Mazzaropi? Algumas perguntas não serão respondidas, mas sob a interpretação, afirmamos que a escola bancária não conseguiu manter essas crianças de outrora em seus bancos escolares, talvez sequer tenham se dado conta desses atores, hoje pessoas em situação de rua.

É provável que não houve a presença da dialogicidade freireana, porque ela tomaria o foco de uma educação humanista-libertadora. Porque pelo diálogo se poderia dizer ao mundo do sofrimento, do que se estava vivendo, do que se precisava. Como diz Zitkoski (2010), para que se tenha esse tipo de educação é preciso ter o diálogo verdadeiro, coerente, pois essa postura provoca a interação e a partilha de mundos diferentes.

A escola acaba representando nos imaginários dos atores da pesquisa um lugar de passagem, que estiveram e que de alguma forma se desconectaram dela. *Tarsila, Mário, Raul e Machado de Assis* afirmam gostar da escola, mas também não ficaram nela. Assim, há um movimento constante de expulsão, e não digo que é a escola sozinha a fazer isso, mas é a relação de poder que se inscreve sobre ela. Também não podem dizer contra a escola, afinal de contas, o pesquisador de alguma forma representa essa instituição. E o tempo junto com os entrevistados impossibilitou maiores aprofundamentos, em decorrência da pandemia.

Antes de encerrar estes comentários sobre os atores da pesquisa, quero muito trazer Anita, pois com ela aprendo um outro mundo, um mundo diferente do meu, que parece em alguns momentos se conectar a este tempo e, em outros, produzir uma fuga para outra dimensão. Ainda assim, ela me responde e me desafia: “*Eu estudei em um colégio de freira, entendeu?; Tenho doutorado, estudei tudo*”... Retiro esses fragmentos porque eles me dão a ideia de que Anita possa realmente ter um dia estudado em “escola de freira”, pois ela tem

conhecimento da existência de doutorado e muitos não têm... Ainda, afirma “estudei de tudo” e também me pergunta: “entendeu?”.

Enfim, a escola deve ter estado em sua vida e também ela, de alguma forma, não só se desconectou da escola, mas de muitos outros aspectos da sociedade. Contudo, está presente e compõe o grupo de pessoas em situação de rua em Cáceres.

São relações de poder, da sociedade, das escolas. Nesse viés, as escolas públicas assumem uma caracterização hibridizante de luta, de relações de poder. Assim, elas, com as pessoas que nelas estão, implementam lutas e resistem diariamente a um projeto de Educação Nacional que por muitas vezes é falha em seu todo, já que se encontram, em sua grande maioria, sucateadas em relação à humanização, recursos materiais e pedagógicos.

Compreende-se que de forma proposital e/ou parte dessa relação de poder pelos governantes das esferas dos municípios, dos estados e da União, com finalidade de continuar a seletividade e a manutenção da sociedade que se quer dentro desses objetivos estatais.

A partir do lugar que ocupo, compreendo que as escolas públicas são símbolos de conquistas, lutas e resistência de um povo trabalhador e muito alegre, que há séculos necessita de Educação, justiça e igualdade. Pois gerações foram e são educadas dentro da escola pública, solo este que é muito fértil para um projeto de liberdade e prosperidade de uma nação.

Sabemos das dificuldades das famílias brasileiras para criarem e educarem seus filhos. Infelizmente, ainda não há em grande parte da população o almejo e a possibilidade de uma vida melhor e mais justa através da escola e dos estudos. Jovens e crianças muitas vezes precisam escolher entre o trabalho, as atividades de casa (limpar, cozinhar, cuidar de irmãos menores) e a escola (estudo). Mas, infelizmente, sonhos são calados...

Na grande maioria das vezes, a escola e o estudo ficam em último plano, já que para ganhar dinheiro com o estudo são necessários muitos anos de dedicação. As atividades de casa ou o subemprego são mais imediatistas em relação ao obter algum recurso financeiro para a subsistência da família, ou se deixa a família, a escola, e se encontram outros espaços de vivências, outras formas de “educações” que não aquelas que se encontram nos interiores das

escolas. Enraízam-se nas ruas, sendo e tornando-se pessoas em situações de rua.

### 5.3 A ARTE E A APROXIMAÇÃO COM AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM CÁCERES/MT

O ser humano, em sua simples essência do existir, faz com que surja uma necessidade imensa de expressar seus sentimentos, e muitos se expressam através da arte, criando-a ou reproduzindo-a. Foi pensando na maleabilidade, na flexibilidade, na espontaneidade da arte que esta dissertação fez uso dela. Portanto, a arte, ao extravasar o seu significado, apresenta-se como uma:

maneira como configura um *sensorium* espaço-temporal que determina maneiras do estar junto ou separado, fora ou dentro, face a ou no meio de... Ela é política enquanto recorta um determinado espaço ou um determinado tempo, enquanto os objetos com os quais ela povoa este espaço ou o ritmo que ela confere a esse tempo determinam uma forma de experiência específica, em conformidade ou em ruptura com outras: uma forma específica de visibilidade, uma modificação das relações entre formas sensíveis e regimes de significação, velocidades específicas, mas também e antes de mais nada formas de reunião ou de solidão. (RANCIÈRE, 2010, p. 46).

Conforme proposta metodológica desta dissertação, as ações com a arte na busca da obtenção dos sentidos das pessoas em situação de rua em Cáceres, com a educação escolarizada, sucedeu-se da seguinte forma: o pesquisador, logo após as entrevistas (pós-primeiro contato), solicitou que os entrevistados criassem uma imagem e/ou uma poesia, para que eles se expressem artisticamente.

Pois através dessas criações, suas interpretações e sentimentos ligados a essas questões da pesquisa puderam vir à tona, fazendo, assim, emergir fatos que giram em torno da escolarização, família, o estar em situação de rua, entre outros.

A princípio, os materiais usados nessa atividade seriam folhas de papel A4 (sulfite) como suporte e canetas, lápis de cor, grafite e giz de cera (pigmento/tinta) como base. Porém, um dos atores (Brecheret) desta pesquisa disponibilizou seu espaço de moradia e alguns materiais recicláveis que já se encontravam no local para que ele e outras pessoas em situação de rua

pudessem criar algumas composições artísticas às margens do Rio Paraguai, em pleno centro da cidade de Cáceres.

Uma segunda atividade lúdica proposta, já contando com o espaço oferecido por Brecheret, foi – para aqueles que quisessem e/ou optassem – a criação artística de uma pintura, a qual teve como material uma folha A1 (cartolina) como suporte, pincéis de tamanhos variados e tinta guache como base, ou até mesmo fazer uso dos materiais recicláveis para essa atividade. O pesquisador também orientou os participantes a se expressarem através da pintura, suas interpretações e sentimentos ligados às questões da pesquisa, que giram em torno da escolarização, família, sociedade, as ruas e outros.

E como última proposta de criações artísticas sugerida nesta pesquisa, houve durante os processos das entrevistas: desenhos, pinturas e a exposição de alguns livros e pequenos textos relacionados a contos e poesias.

As estórias das trajetórias de vida dos atores (os quais se sucederam durante as entrevistas) seriam transformados em contos. Aqueles se propuserem a participar dessa atividade serão também convidados a criarem alguma forma de arte, tais como poesia, pintura, artes plásticas e/ou desenho. “A escrita de si contribui especificamente para a formação de si” (KLINGER, 2016, p. 26) (fazer um desfecho e abrir para a citação)

A relação oblíqua entre arte e vida é passível de intervenção entre as duas instâncias, sem que o lastro biográfico se defina pela empiria e pela interpretação textual baseadas em soluções fáceis e superficiais. A preservação da liberdade poética da obra na reconstrução de perfis dos escritores reside no procedimento de mão dupla, ou seja, reunir o material poético ao biográfico, transformando a linguagem do cotidiano ao ato literário. (SOUZA, 2011, p. 24).

Desta forma, dar o reconhecimento das expressões artísticas criadas por esses atores é descortinar as mazelas mais desiguais da nossa sociedade, pois é através da linguagem que a sociedade há milhares de anos se comunica, cria e expressa seus sentimentos mais intrínsecos.

Diante dos processos de criações artísticas, os atores se sentiram libertos para expressarem suas impressões e angústias da forma mais livre possível diante dos materiais à disposição durante a pesquisa.

FIGURA 16 – POESIA CRIADA POR RAUL SEIXAS DURANTE AS ATIVIDADES ARTÍSTICAS DESENVOLVIDAS NA PESQUISA



FONTE: O Autor (2020).

Com a produção artística produzida pelos atores desta pesquisa, os materiais começarão e compor um acervo artístico que será exposto a cada atividade relacionada à pesquisa, seja ela nas ruas e praças ou nas prefeituras e escolas. Compreendo que o uso da arte foi significativo, pois provocou uma aproximação com as pessoas em situação de rua; por outro lado, não se pode descartar que a arte tem papel importante em todo o processo da humanidade.

Conforme Coli (1995), pela arte se definem elementos essenciais para a preservação da cultura, dos saberes, das habilidades, dos rompimentos e compreensões do ser consigo, com seu meio social e habitat. Assim, pela cultura em arte se estabelece um conjunto complexo dos padrões de comportamento, crenças, instituições e outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade.

Dentro dessas perspectivas, a arte se apresenta como formas de expressões de mundos pessoais que comunicam suas crenças, indagações, desesperos, alegrias e outras, através das linguagens artísticas que compõem a vida e o mundo.

É possível dizer, então, que arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. Portanto, podemos ficar tranquilos: se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa ideia e como devemos nos comportar diante delas. (COLI, 1995, p. 8).

O objetivo de trazer as expressões artísticas desses sujeitos em forma de desenho, pintura e poesia para esta pesquisa é retratar suas impressões sentimentais em torno da proposta sugerida (origem, laços familiares, escola, trabalho e perspectivas futuras), em forma de belos trabalhos artísticos compostos por palavras, traços e cores que sintetizam, classificam e transformam a realidade.

Portanto, dentro dessa gama de possibilidades que surgirão das expressões artísticas criadas pelos sujeitos, eles poderão nos apresentar em suas obras relacionadas à poesia, à pintura ou ao desenho a sua maneira de encarar a vida e a forma na qual eles estão inseridos nela, vivenciando, retratando e inspirando-se sempre em sua trajetória de vida

Sempre enfatizando que o objetivo de tais propostas artísticas é livre expressão dos sentimentos através dessas formas de arte. Ela é como um instrumento valioso de compreensão pelo adulto do entendimento que ele tem de mundo; é também, dentro desta pesquisa, uma forma de expor memórias e sentimentos.

Vale lembrar que a arte está presente no mundo desde os povos ancestrais e muitas vezes acompanhada pelos grafismos das formas e das cores. A pintura se faz presente em nosso meio humano desde a pré-história (15.000 a. c.), pois foi através da pintura em paredes que os primeiros registros culturais foram criados pelos homens que habitavam as cavernas, e é por essa fabulosa expressão artística que a humanidade detém todo esse patrimônio que se encontra registrado e conservado em diversas cavernas espalhadas por todo o globo terrestre.

Desde então, não mais se parou de pintar. Todas as sociedades, sejam elas urbanas ou tribais, contemporâneas ou antigas, todas, sem exceção, criaram e criam suas composições artísticas relacionadas com a pintura, seja ela em uma parede, em uma tela, no corpo ou no espaço, ela esteve, está e estará compondo e colorindo a história da humanidade neste plano.

A pintura, dirá Batteux, “nada tem de real, de verdadeiro, tudo nela é fantasma”, sobretudo porque, em suas reflexões, ele atribui um valor essencial aos conceitos de gosto e de gênio. “Há um bom gosto que é o único bom”, escreve. “Em que ele consiste e depende? Será do objeto ou do gênio que se exerce sobre esse objeto? Terá ele regras? Ou será que não tem nenhuma?” Para Batteux, o gênio nada tem a ver com os desregramentos da imaginação ou do capricho: “Sua função

consiste não em imaginar o que não pode ser, mas em achar o que é... O gênio precisa, portanto, de um apoio para elevar-se, e esse apoio é a natureza. Ele não pode criá-la, nem mesmo deve destruí-la; nada pode fazer a não ser segui-la e imitá-la, e, por consequência, tudo o que produz só pode ser imitação. (LICHTENSTEIN, 2004, p. 68).

Nessa perspectiva, pintar o mundo experiencial e de vivências das pessoas em situação de rua pode ser imitação da dor, da alegria, da experiência. São, então, as pessoas em situação de rua, os gênios a desenharem, escreverem, pintarem e exporem em arte sua condição como pessoa em memória e história.

Assim, os esfarrapados, os gênios, os sujeitos da pesquisa que se propuseram a se expressar através da arte relataram que apesar de não terem o hábito, sempre gostaram muito de criações artísticas que tinham na escola. Conforme relata Candido Portinari: *“as aulas de educação artística era a que eu mais gostava. Lembro-me que na minha escola tinha uma sala só para as aulas de pintura, e eu gostava muito de pintar”*.

Em outro relato vindo de Brecheret, este comenta que nunca deixou de fazer em suas criações artísticas trabalhos que não envolvesse a pintura: *“pra mim, tudo tem que ser colorido. Eu sempre adorei pintar e ficar olhando para aquelas tintas, todas coloridas, então sempre que eu consigo um pouco de tinta, eu já corro para pintar alguma coisa, tipo: escrever frases em uma pedra, pintar um vaso e assim por diante”*.

A pintura é uma arte de imagem, isto é, do espaço, enquanto a poesia é uma arte da linguagem, isto é, do tempo. A pintura e a poesia são, portanto, submetidas a determinações específicas. O que um poeta pode contar nem sempre pode ser mostrado por um pintor. (LICHTENSTEIN, 2004, p. 68).

E diante de tais expressões artísticas, as quais conhecemos como pintura e poesia, e que se definem em únicas, mas que por muitas vezes se inter-relacionam dentro da área linguagem, é que tais expressões foram propostas nesta pesquisa como forma de comunicação.

### **Brecheret**

Brecheret é um artista plástico nato, em meu entendimento, já que comenta que sempre criou composições plásticas – “coisas com o lixo” –, e até



mesmo já possuía alguns materiais recicláveis (isopor, plástico, cadeiras, cordas, entre outros materiais que eram encontrados diariamente pelas ruas e que depois se encontravam em seu “barraco”). Brecheret criou composições plásticas como um avião e um helicóptero, sem falar do heliporto, para o qual ele obteve ajuda de seu colega Portinari.

FIGURA 17 – CRIAÇÕES PLÁSTICAS FEITAS COM MATERIAIS RECICLÁVEIS



FONTE: O Autor (2020).

## Oswald

A atividade artística criada por Oswald foi em parceria com um outro ator desta pesquisa, conhecido como Vik Muniz. Eles criaram um filtro dos sonhos feito com CDs descartados, os quais foram amarrados um em cima do outro até formarem uma coluna com aproximadamente 10 CDs. Após, mais duas colunas são criadas e então as 3 colunas foram amarradas em uma haste e depois estas foram amarradas em uma árvore.

FIGURA 18 – FILTRO DOS SONHOS CRIADO POR OSWALD E VIK EM UMA TARDE DE MUITAS EXPERIÊNCIAS



FONTE: O Autor (2020).

## Portinari

Como atividades artísticas, Portinari se propôs a pintar algumas pedras por completo (com fundo branco) e criar algumas palavras nelas, palavras estas que trouxeram muita carga representativa.

FIGURA 19 – CRIAÇÃO PLÁSTICA E POÉTICA FEITA POR PORTINARI



FONTE: O Autor (2020).

Aqui o fenômeno da arte se expressa e apresenta-se em sua forma, cor e consistência, qualidades estas que incidem no objeto tanto de maneira abstrata mas também como figurativa/gráfica, conforme Rocha cita abaixo:

Da mesma forma como a água existe através dos estados sólido, líquido e gasoso, dependendo, então, da maneira como se agregam seus átomos e suas moléculas, a arte depende de várias situações e agregações para apresentar-se como fenômeno diversificado. Seu aparecimento é reconhecido e sua identificação passa a ser feita conforme as características de cor, forma, linha, superfície, volume e luz – fatores que incidem no objeto ou no suporte através de suas qualidades. A arte, então, surge sob certas condições que se impõem como traços definitivos de sua existência factual, caracterizando-se por

seus vários estados, que se diferenciam entre si. São estados que se consolidam como abstrato e figurativo, construtivo e objetual, conceitual, performático e tecnológico, refletindo sempre a condição imposta pelo artista. (ROCHA, 2019, p. 93).

Os sete atores das ruas que participaram da proposta artística desta pesquisa se entregaram ao universo artístico durante a execução das obras, momentos estes em que eles não mais eram apenas pessoas em situação de rua, mas sim seres humanos que pensam, criam e se expressam através das linguagens artísticas aqui ilustradas.

### **Anita**

Anita se recusou a fazer as atividades artísticas sugeridas pelo pesquisador devido ao seu estado de agitação durante a entrevista.

“Dizem que sou louco”. Mas o que realmente é a loucura? Pessoti (1995) cita que não há uma única e definitiva afirmação sobre essa questão. Se o conceito da loucura é a perda razão emocional e/ou racional, precisaríamos aprofundar toda a trajetória histórica da humanidade. Pois se a loucura é encarada como um desvio de conduta perante a um padrão e valor impostos pelas sociedades, seria necessário observar todos os grupos sociais e suas referências, tais como valores e costumes, e enquadrar cada sujeito em seu contexto.

Para Frayze-Pereira (1983), era quase impossível perceber a loucura em si. Em seu entendimento, a loucura é relacional, pois se define como louco o sujeito cuja forma de ser é diferente; que tem uma outra maneira de ser.

No ano de 1929, Osório César, que foi um dos primeiros brasileiros a pesquisar e escrever sobre o tema, “A Expressão Artística do Alienados”, no qual apresenta 84 imagens artísticas (as quais são analisadas psicanaliticamente) – desenhos, pinturas e esculturas de internos do Hospital Juqueri, na cidade São Paulo. Esse livro foi considerado a obra de maior importância em relação aos loucos no Brasil.

As representações da arte desses doentes são todas emocionais, pois elas são de caráter espontâneo e se dirigem para um fio único: a satisfação de uma necessidade instintiva. Elas representam descargas acumuladas de emoções durante muito tempo no subconsciente adormecidas pela censura, em virtude de certos impulsos de ordem moral. (CÉSAR, 1929, p. 159).

Ao nos trazer tais descobertas, César nos ajuda a compreender um pouco mais sobre a essência dessas mentes e corpos que compõem o meio social cacerense e brasileira também na contemporaneidade.

### **Vik**

Vik criou junto com Oswald de Andrade um “filtro dos sonhos” feito com CDs descartados. Eles foram são amarrados um em cima do outro até formarem uma coluna com aproximadamente 10 CDs. Após, mais duas colunas foram criadas e então as 3 colunas foram amarradas em uma haste de madeira. Depois, elas foram amarradas em uma árvore (Figura 16). Essa atividade foi realizada com materiais recicláveis em uma tarde na qual nos reunimos na “casa” de Brecheret, todos inspirados pela vontade de criar algo, embriagados pelas conversas e lúcidos das lembranças e dos atos de vivemos.

### **Machado de Assis**

Machado, ao ser convidado a fazer uma criação artística, decidiu recitar um poema, salvo em áudio: “**Com o olhar te encontrei, com um sorriso te amei, com uma lágrima te deixei, mas nunca te esquecerei**”. “**Todo o sonho de um jovem lembrará a infância...**”.

Machado, ao concluir seu poema, agradece pelo momento descontraído que teve durante a pesquisa, pois segundo ele mesmo: “*nossa, me distraí... Voltei no tempo com esse nosso papo...*”. Mas ao retorna para o trabalho com seu saco de lixo com latas de alumínio, acabou retornando à sua realidade de situação de rua e vulnerabilidade.

### **Oswald e Tarsila**

Devido ao casal estar ocupado com a coleta de algum dinheiro no sinaleiro e com um bebê no colo, ambos não puderam participar das atividades artísticas propostas nesta pesquisa. Aqui se encontra a criatividade da sobrevivência, aliada à necessidade.

Lembro-me de ajudar este casal financeiramente com alguns trocados, já que eles, além de muito novos, ainda carregavam consigo, nos braços da mãe, a filha do casal, de apenas alguns meses de vida.

### **Mazzaropi**

Mazzaropi concluiu sua participação apresentando uma performance artística circense com seus malabares, como forma de agradecimento de sua participação nesta pesquisa (Figura 12).

### **Raul Seixas**

Como forma de criação artística (conforme solicitado pelo pesquisador), Raul escreveu uma poesia (Figura 14), expressando um pouco dos seus sentimentos. Ao declamar a poesia, Raul se emocionou e segundo ele, tal poesia tinha sido aprendida com sua irmã.

## **5.4 A CONSTITUIÇÃO DOS FRAGMENTOS E O MOSAICO: SONHOS DE UMA ARTE-EDUCAÇÃO COM AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA**

Dentro desses movimentos, destaco a relação entre a práxis da prática com a teoria apresentada nesta pesquisa, bem como com a concretização metodológica do estudo, realizadas através das entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo, a qual se fez presente na fala dos atores.

A realização desse “Estado da Arte” ou “Estado do Conhecimento”, conforme Ferreira (2002), trouxe o desafio não apenas de tecer um mapear de fragmentos que compõem esta pesquisa, mas também de discutir as produções acadêmicas sobre determinado objeto, possibilitando que pesquisadores/as dialoguem acerca das temáticas “comuns” nas investigações, formando, assim, todo um ou vários outros mosaicos.

Diante do exposto e da busca da aproximação teórica do objeto de pesquisa, pode-se dizer que a entrevista semi-estruturada permitiu analisar quais trabalhos já efetivados podem colaborar com esta dissertação. Portanto, o mapeamento do Estado da Arte traz significados de extrema importância para a fundamentação desta pesquisa. Assim, trago como principal autora a escritora Norma Ferreira, autora do livro “As pesquisas denominadas ‘Estado da Arte’ – Educação e Sociedade”, para sintetizar o Estado da Arte nesta pesquisa.

Com todo esse movimento de aproximações ou pelo Estado da Arte, ou pelas minhas observações ou experiências, ou mesmo com a aproximação a

peessoas em situação de rua é que fui encarnando aos poucos a observância na relação de oprimidos, do outro, ou seja, das pessoas marginalizadas da sociedade, no sentido da sociedade pensada e estruturada nesta contemporaneidade.

À medida que cruzava minhas vivências mapeamentos e/ou estudo da arte, leituras, fundamentações e observações de pessoas em situação de rua, fui construindo um sentimento de estar com eles, mesmo não sendo um deles, e mesmo em tempo de pandemia da Covid-19, que produziu distanciamento ainda maior em relação a esse grupo. Assim, a realização desta pesquisa se deu na região central da cidade de Cáceres/MT, com “eles e elas” em situação de rua – mais precisamente nas praças, na orla do Rio Paraguai e nas ruas que entrelaçam os bancos e os comércios.

A partir da aproximação com os atores, iniciei as entrevistas, as quais foram divididas em três fases: a primeira teve como objetivo investigar as informações referentes ao contexto de vida pessoal dos entrevistados (naturalidade, família, profissão, a rua etc.); na segunda fase do roteiro da entrevista semiestruturada, as questões foram sobre a relação que o indivíduo teve com o processo da educação escolarizada (formação, relação com professores, estudantes, expectativas etc.) e quais são suas expectativas futuras de vida; na terceira fase foram propostas e ofertadas atividades lúdicas para que os entrevistados se expressassem artisticamente através de um desenho, pintura e/ou poema, para que através dessas expressões, depoimentos (fragmentos de coleta) e escritas fosse possível ter uma reflexão mais acentuada para com a vida.

Para as análises dos resultados da pesquisa após a transcrição e organização das entrevistas, utilizou-se a análise da crítica-dialética, juntamente com a fenomenológica. As categorias gerais de análise foram educação, trabalho, família, trajetória de vida e arte. Todas as análises realizadas se encontram no capítulo de resultados da pesquisa.

Ao trazer nesta investigação o termo ou palavra “ator e/ou atores” para as pessoas em situação de rua que compõem a tessela desta dissertação, sigo a linha de raciocínio de Derrida, em que o significado da palavra “ator” não se esgota. O sentido está sempre se transformando, até mesmo por ser indivisível de algo que sempre é contínuo. Os termos não se constituem em fórmulas

fechadas sobre elas mesmas, pois não são capazes de compreender e constituir uma única verdade absoluta, inalterável.

Um significante é, de início de jogo, a possibilidade de sua própria repetição, de sua própria imagem ou semelhança. É esta a condição de sua idealidade, o que o faz reconhecer como significante e o faz funcionar como tal, referindo-o a um significado que, pelas mesmas razões, não poderia nunca ser uma “realidade única e singular”. Desde que o signo aparece, isto é, desde sempre, não há nenhuma oportunidade de encontrar em algum lugar a pureza da “realidade”, da “unicidade”, da “singularidade”. (DERRIDA, 2011, p. 115).

Abaixo um dos atores de rua, se constitui diante do deleite da leitura. Ao se constituir em seus significados perante a sociedade, os seres se classificam, exercem suas formações, diferenciam-se e estão sempre em constante transformações (tanto no sentido da palavra quanto nas das ações).

FIGURA 20 – PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA FAZENDO UMA LEITURA NA PRAÇA BARÃO DO RIO BRANCO



FONTE: O Autor (2021).



A tessela metodológica foi sendo construída aos poucos, dentro de uma abordagem qualitativa. Trata-se de uma abordagem inserida dentro do período pós-moderno, cuja posição intelectual se diferencia do racionalismo da ciência, das abordagens positivistas do conhecimento e crenças de que tinham se mantido firmes no Ocidente da então denominada época das luzes (BOGDAN; BIKLEN, 1991). Essa forma de pensar e de fazer pesquisa esteve ancorada no período da modernidade.

Aceita-se, na atualidade, outras formas de pensar, de fazer ciência. As ferramentas usadas já não são apenas aquelas que compunham a modernidade, a física, a geometria, a matemática, os experimentos, ou seja, as leis da natureza pensadas pela lógica do pensamento racional, cujo atributo social em quase nada era considerado. No que se refere aos

Pós-modernistas, este tipo de fundamentos já não faz sentido. A bomba nuclear afastou a possibilidade do progresso humano baseado no racionalismo e levou as pessoas, em muitas áreas da vida humana, a questionar a integridade do progresso. A arquitetura, a arte, a moda e as produções acadêmicas, todas elas foram tocadas pelo pós-modernismo. (BOGDAN; BIKLEN, 1991, p. 45).

Dentro dessa lógica e ainda em diálogo com Bogdan e Biklen (1991), há uma compreensão de que os pós-modernos defendem que para conhecer algo é necessário fazê-lo sob uma determinada perspectiva. Assim, vivencia-se o desafio de construir uma compreensão sobre determinado fenômeno tendo por base o contexto em que se está inserido, ou seja, raciocina-se, conceitualiza-se, compreende-se a partir de uma localização vivencial, dentro de um contexto histórico-cultural específico. Dessa forma, em pesquisa é possível produzir interpretações e escritas significativas.

Conforme esses autores, existem cinco características que são essenciais ao desenvolvimento da pesquisa dentro da abordagem qualitativa. A primeira é a fonte direta de dados, ou de informações, ou de estar junto com os sujeitos, os outros, o campo de estudo. Enfim,

Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem. Quando os dados em causa são produzidos por sujeitos, como no caso de

registros oficiais, os investigadores querem saber como e em que circunstâncias é que eles foram elaborados. Quais as circunstâncias históricas e movimentos de que fazem parte? Para o investigador qualitativo, divorciar o ato, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado. (BOGDAN; BIKLEN, 1991, p. 48).

Dessa forma, com a intenção de produzir o encontro com o contexto, com o campo da pesquisa, como pesquisador, mesmo em tempo pandêmico e com todo o cuidado que se requer, produziu-se o estar junto no contexto de vivência das pessoas em situação de rua em Cáceres-MT, de maneira que, posteriormente, e mesmo desde o início desta dissertação, descrevo em palavras – porque a abordagem qualitativa é descritiva – transcrevo entrevistas e evidencio anotações feitas no trabalho de campo, assim como evidencio as imagens, memorando o contexto. Dessa forma, cumpro com a segunda característica da abordagem qualitativa da investigação.

Em todos os momentos da construção da pesquisa, o olhar esteve voltado para o processo, para a vivência produzida pelas pessoas em situação de rua, pois segundo Bogdan e Biklen (1991), o que importa nessa abordagem é mais a compreensão do processo do que os resultados ou produtos. O processo, neste caso, foi registrado a partir das narrativas das pessoas em situação de rua a respeito do movimento de fazê-las pessoas dentro desse grupo, suas experiências e suas cotidianidades. Lendo as narrativas feitas na oralidade e nas produções de arte, procuro analisar os seus dados de forma indutiva, pois:

O investigador qualitativo planeia utilizar parte do estudo para perceber quais são as questões mais importantes. Não presume que se sabe o suficiente para reconhecer as questões importantes antes de efetuar a investigação. (BOGDAN; BIKLEN, 1991, p. 50).

Nesse exercício, seleciono da contextualidade e das narrativas os elementos que significam a abordagem qualitativa, ou seja, procuro evidenciar o que das narrativas realmente dá sentido à vida das pessoas em situação de rua; procuro compreender seus contextos, suas histórias e relações com a educação escolarizada. E se junta a essa última característica da abordagem qualitativa, que é “dar sentido”, outros elementos, como por exemplo o uso do levantamento bibliográfico, perpassando pela pesquisa documental, agregando com as entrevistas semiestruturadas e os registros fotográficos.

“O carácter flexível deste tipo de abordagem permite aos sujeitos responderem de acordo com a sua perspectiva pessoal, em vez de terem de se moldar a questões previamente elaborada” (BOGDAN; BIKLEN, 1991, p. 17).

Esses apontamentos são reflexões acerca da escolha da abordagem qualitativa, e como já foi mencionado, há duas vertentes epistemológicas que sustentaram a pesquisa e das quais passo a falar. Lembro que mesmo que o texto tenha uma construção sequencial, os movimentos da pesquisa na sua realidade são diferentes do escrito, porque ocorrem em tempos e momentos às vezes juntos, às vezes separados.

Trago primeiro a perspectiva crítico-dialética por acreditar que o ser humano é visto como um ser social; suas habilidades e capacidades são constituídas por um sistema social dominante. Logo, o ser humano “se torna força de trabalho, mão de obra, especialista, capital humano, sujeito capaz de transformar a realidade, ator e criador da história [...]” (GAMBOA, 1998).

Dentro dessa gama de possibilidades, podemos observar o ser humano como um ser social, que por meio de suas relações com o meio, com os seus entornos e em constante contato com o ápice é que se define o cerne da realidade. Através da relação entre o ser humano e o mundo, criam-se uma série de fragmentos de metamorfoses e ressignificações em uma clara tendência dialética extremamente relacionada com a realidade. Dentro da linha da abordagem crítico-dialética, para esta pesquisa é de suma importância compreendermos um pouco sobre as relações histórico-sociais.

[...] história nas pesquisas com abordagem crítico-dialética refere-se prioritariamente ao movimento da sociedade como um todo, movimento de base econômica que gera a luta de classes e envolve elementos orgânicos e conjunturais (bloco histórico) e contém contradições que, superadas, geram um novo bloco histórico. A reconstrução desses movimentos permite explicar o desenvolvimento das forças produtivas e das formações sociais. O movimento da história é a história dos movimentos. (GAMBOA, 1998, p. 112).

Assim, também compreender o lugar das pessoas em situação de rua é interpretar um pouco sobre o movimento de fazê-los parte deste lugar, muitas vezes entendido como um submundo de acesso aos direitos humanos. Insere-se nesta reflexão a participação ou não do direito à educação dessas pessoas, o movimento destas e suas interpretações, sentimentos com relação a suas histórias de vida e relações com o processo educativo escolar.

Ao se explorar o campo da educação, como exemplo, nota-se que os fatos históricos estão enraizados em um contexto que relaciona questões que permeiam a economia, a política, tendo em vista que essas relações dependem de certas estruturas sociais. “Explicitar como mudanças das formas de produção da existência humana foram gerando historicamente novas formas de educação” (SAVIANI, 2011, p. 22).

No nível técnico, inserem-se técnicas de coleta, organização e tratamento de dados e informações. Incluem-se entrevistas, relatos, vivências, narrativas, análises de textos documentais e bibliográficos, depoimentos de vida e análise do discurso. Em âmbito metodológico, a abordagem e o processo da pesquisa, uma interlocução interpretativa do todo com as partes em contexto. Já o nível teórico busca o núcleo conceitual básico, com os autores que sustentam a pesquisa e, ainda, anunciam-se algumas propostas.

O nível epistemológico é o lugar da cientificidade, das concepções de causalidade, ou seja, é quando o pesquisador valida a pesquisa argumentando suas interpretações, e, por fim a construção dos pressupostos gnosiológicos, as abstrações, as formas de fazer a relação dos sujeitos com o objeto da pesquisa. Nesse nível ocorre a construção do objetivo científico pelas análises.

Dentro da perspectiva epistemológica, os trabalhos de cunho fenomenológico trazem um embasamento casual, ou seja, uma relação entre o fenômeno e a particularidade em questão, o início, o meio e o fim, a dúvida e a explicação. Japiassu e Marcondes (1996) defendem que a epistemologia já superou a dicotomia “teoria” x “ciência”.

Portanto, o ato de pesquisar remete aos significados do fenômeno, compreender e desvelar os sentidos. Sendo assim, o entendimento sobre algo se pressupõe a uma significação, uma forma de entender a interpretação (hermenêutica) que se forma repentinamente.

A interpretação-compreensão é indispensável, segundo as abordagens hermenêuticas, à necessidade que os homens têm de se comunicar com seus semelhantes. Nesse sentido, dizemos que o interesse cognitivo que comanda as pesquisas fenomenológico-hermenêuticas é a comunicação. (GAMBOA, 1998, p. 122).

Considerando a discussão proposta, o esforço na construção da compreensão fenomenológica e do Materialismo histórico-dialético, passo a

descrever o movimento da pesquisa inserido nesse emaranhado conceitual e teórico acerca dessas duas formas de ver o mundo.

Sendo assim, tratou-se de um estudo na região central da cidade de Cáceres, com participação de atores – pessoas em situação de rua – que foram os informantes-chave da pesquisa, sendo realizadas entrevistas individuais, com base em roteiro de entrevista semiestruturada (Apêndice 1). Essas entrevistas foram fotografadas, gravadas e transcritas (com as devidas autorizações), pois serviram como instrumentos de coleta dos dados elencados dentro dos objetivos desta pesquisa.

Construir este estudo e apontar caminhos para o seu desenvolvimento não foi fácil, porém, foi feito com compromisso e prazer. Os encaminhamentos metodológicos se comportam como peças, tesselas que aos poucos foram aglutinando e possibilitando a construção desta investigação. Uma construção que se deu em meio a uma pandemia, em que se intencionou estar mais junto, mais perto fisicamente, portanto, construir laços de muita confiança com os atores da pesquisa. Contudo, abruptamente fomos desafiados a reconstruir a organização, a tomar “cuidados” com a própria saúde e com a saúde do outro.

Destaco que esta pesquisa foi apenas uma tentativa de aproximação e compreensão entre pesquisador, sociedade e instituições com a população em situação de rua da cidade Cáceres/MT. Reconheço e destaco a importância da temática ser debatida e compreendida na sociedade, especialmente dentro de escolas, universidades e do espaço governamental. Propus-me, ainda, o desafio de continuar me inteirando e lutando pela causa de alguma forma, sempre ao lado das pessoas em situação de rua.

As realidades dessas pessoas evidenciaram que a escola passou por suas vidas, mas que essas pessoas se desconectaram da escola. Ainda assim, é uma instituição que marcou suas vidas, dela gostando, nela se libertando, se aprisionando, experimentando-a, mas sempre a perdendo, desconectando-se dela, resultado da relação de poder presente na sociedade como um todo, mas principalmente, nos espaços ideológicos de formação e de constituição dos sujeitos sociais. Assim, a escola quer em seus objetivos pessoas que atendam às finalidades da sociedade que a cria.

Na relação das pessoas em situação de rua com a rua, observei na pesquisa que a vivência destas é significada: há sonhos para voltar a seus lares,

mas também a decisão de permanecerem na rua porque há uma outra constituição de família e de liberdade. A arte, ainda que na pesquisa tenha sido provocada, é parte deste viver nas ruas.

As relações de sobrevivência são feitas na maioria das vezes pelo desenvolvimento de um trabalho informal. É também o experimentar da criatividade e da vida no limite por não armazenarem alimentos, então, nunca se sabe se amanhã haverá alimento. Nessa perspectiva, o pão de cada dia pode não se efetivar todo dia. São corpos disponíveis no mundo em aprendizagem, em outras educações.

Freire (1978) registrou o seu encontro com os corpos na África, e o fez nas cartas a Guiné-Bissau. Corpos apresentando suas próprias culturas. Assim também vejo os corpos das pessoas em situação de rua; corpos próprios porque emitem sua situação. Olhar o corpo dessas pessoas a partir dos lugares onde elas estão é reconhecê-las pessoas em situação de rua. Aí, também, são corpos vulneráveis, e muitas vezes corpos em ruas, porque fora dos corpos que ocupam o lugar de dentro.

Reconhecer as pessoas em situação de rua de Cáceres-MT não pode ser apenas para identificá-las em pesquisa, mas deve ser um movimento de provocar o poder público para efetivamente assumir esse grupo como realmente pessoas de direito. Nessa perspectiva, a criação de projetos de extensão pela Universidade do Estado de Mato Grosso que atenda a formação política de direito dessas pessoas é importante.

Que haja continuidade de pesquisas com essa população como forma de identificar melhor suas necessidades, bem como criação de uma casa de acolhimento a pessoas em situações de rua, com cadastro de atividades de sobrevivência, com projetos de escolarização na perspectiva freireana, com espaços para arte-educação. Espaço que proporcione diferentes educações, entre elas educação popular e arte-educação.

Uma educação popular que os insira na discussão dos seus próprios direitos, que construa com eles atividades de identidades e de mobilização para conhecimento de outras realidades de pessoas em situação de rua. Utilizar a dialogicidade e a comunhão de saberes.

Portanto, trago também como inquietudes e propostas futuras para essas pessoas que se encontram em situação de rua meios e formas de amparo e

reestruturação (emocional, social, profissional, educacional e física) dessas pessoas, através de um projeto que trabalhe todo um ciclo, com quatro etapas: primeira, a abordagem e a identificação dessa pessoa; segunda, o acolhimento em um local que possa fornecer moradia, alimentação, higiene pessoal; terceira, a oferta de formações profissionais, tais como: plantio em hortas, produção de artesanato ou de algum tipo de material (mercadoria) a ser comercializada por eles mesmos, ou trabalho com a coleta de materiais recicláveis (já que muitos até exercem essa atividade); quarta, oferta de um projeto educacional voltado para a conclusão dos estudos (Ensino Fundamental e Médio) de pessoas que se dispusessem a voltar estudar, através das provas semestrais que a Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (Seduc) disponibiliza através dos Centros de Estudos de Jovens e Adultos (Cejas), além de preparativos para o vestibular e a inserção em faculdades também poderiam ser objetivos do projeto.

Uma morada que trabalhe com a arte-educação para a expressão de diversos tipos da arte, tempo como elemento propulsor de narrativas de vidas, produção de cenas teatrais baseadas no Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, entre outras; produção de cenas explicitando os sentimentos e as realidades desses atores; trabalhos com grupos de músicos da cidade e produções musicais; artes plásticas, produção de telas e exposição destas.

Como base norteadora para as questões educacionais, buscarei também na Educação Popular uma estrutura para tal projeto, pois segundo estudos de Brandão (2006) e Freire (1987), pode se compreender que a Educação Popular se sucede a partir da troca de conhecimentos entre os sujeitos que se propõem a estudar, e essa práxis diária em torno do conhecimento entre professor e aluno, aluno e professor, concretiza-se a partir de seus desejos, realidades e vivências. “Ao longo da nossa trajetória pessoal e profissional, observamos que o fazer humano se relaciona com o modo como olhamos e compreendemos as pessoas e o mundo, e, também, de como fomos ensinados a olhar, observar e compreender esse mundo” (PAULO; DICKMANN, 2020, p. 28).

Por muitas vezes, a Educação Popular também é vista como não escolarizada (institucional) e sempre se sucede dentro dos movimentos sociais, pequenos grupos e outros. Tem o caráter de ampliar sua abrangência em torno de seu público estudantil e contrapor questões referentes à educação escolarizada proposta na maioria das instituições de ensino público e privado.

Freire (1978), a partir de sua metodologia de alfabetização de adultos em uma perspectiva da Educação Popular nos anos 1960, combateu o analfabetismo e converteu em números para os indicadores de desenvolvimento do país margens muito expressivas. Portanto, Carlos Brandão, Paulo Freire e tantos outros educadores do Brasil e de outros países se desenvolveram e comprovaram que a Educação Popular é passível, sim, de transformar e mudar a realidade das pessoas e do mundo.

Acredito que essas inquietação e desejos sejam possíveis, sim, durante uma proposta de doutorado ou até mesmo pelo lado social que a mim também cabe. Por muitas vezes, tento ajudar de certa forma essas pessoas em situação de rua que pelo meu dia a dia encontro, mas sei que o que faço atualmente não é suficiente e talvez também não me caiba... “Então, se concebemos a educação enquanto humanização em uma perspectiva de mudança da realidade, a nossa luta político-pedagógica relaciona-se a uma proposta pedagógica que vislumbre um mundo mais humanizado” (PAULO; DICKMANN, 2020, p. 28). Mas também sei de algumas formas que eu e outros parceiros poderíamos agir para melhorar a vida de pelo menos mais algumas pessoas da nossa cidade, do nosso estado e do nosso país.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou analisar a relação que as pessoas em situação de rua da cidade de Cáceres/MT tiveram com a educação escolarizada e também verificar um pouco sobre a trajetória de vida desses atores. Por último, realizaram criações artísticas (com alguns materiais ofertados para a execução da proposta). Esses atores das ruas que fizeram parte da pesquisa puderam se expressar de uma forma livre e artisticamente, através das artes visuais, circense e da poética, fatos que se sucederam com sucesso, visto que dos 10 participantes, apenas 3 se recusaram a participar dessa proposta de criação artística.

A população em situação de rua é um acontecimento histórico. São pessoas de ambos os sexos, das mais diferentes faixas etárias, solteiras, às vezes casadas, as quais vivem em sua maioria sozinhas, vindas de diferentes regiões do estado, do país e do estrangeiro.

As pessoas em situação de rua não são reconhecidas como sujeitos de direitos e valores, sobrevivendo como seres invisíveis frente à sociedade e ao Estado. Essas pessoas vivem fora do contexto social e a pobreza é um dos fatores que mais contribui para a exclusão social. Essas pessoas ainda são o reflexo de uma sociedade enraizada nos processos de colonização do Brasil, pelo contexto histórico de desigualdades e exploração.

Para que essa dura e desumana realidade seja transformada, é necessária total visibilidade delas pela sociedade e pelo Estado, bem como que providências e investimentos sejam feitos em forma de políticas públicas articuladas a fim de disseminar inclusão social e garantir o acolhimento e direitos voltados para essa população.

A junção com outras políticas, como programas que acompanhem toda a população nacional, desde a educação infantil, moradia, saneamento básico, saúde, segurança, lazer, entre outras, é um fator de suma importância para uma real concretização dos direitos dos indivíduos em situação de rua. Portanto, a sociedade em geral deve mudar seu ponto de vista em relação a essa situação e compreender que todos são credores de direitos, por isso devem ser tratados com igualdade, mesmo que a realidade de cada ser humano seja diferente uma da outra.

Apenas com a compreensão de todos, inclusive da população em situação de rua, é que poderá haver uma transformação social na vida e no destino de cada um desses atores.

Acredito que o questionamento: Qual a relação que as pessoas em situação de rua da cidade de Cáceres/MT tiveram com a educação escolarizada? foi respondido através das entrevistas semiestruturadas, respondidas pelos próprios atores desta pesquisa durante todo o trabalho de campo.

Os objetivos específicos da pesquisa auxiliaram para uma melhor compreensão de assuntos que tangem à formação educacional escolarizada dos atores, realizada através de uma pesquisa teórica e bibliográfica em torno do tema, da compreensão do significado dessas relações, suas condições de vida (passado, presente) e suas futuras expectativas, pois foi através de seus relatos que a pesquisa se concretizou dentro das perspectivas esperadas.

Porém, a aplicação da pesquisa aos usuários da Casa de Passagem, serviço oferecido pela prefeitura do município, não foi possível ser realizada por falta de autorização da administração da instituição. Por fim, ocorreu realização de criações artísticas com as pessoas em situação de rua que participaram da pesquisa, através das artes plásticas, visuais, circense e poesia. Também, foram realizados registros fotográficos das ações de campo.

Relativo à hipótese elencada, foi constatado através das falas dos atores que estes não sofreram ou vivenciaram situações constrangedoras nos ambientes escolares produzidas pelas instituições e seus funcionários. Conforme seus relatos, as poucas vezes que se sentiram constrangidos na escola foram quando seus familiares eram chamados até a escola, mas por motivo de indisciplina.

O caminho metodológico foi realizado através de um mosaico, o qual foi constituído através das vertentes epistemológicas com as abordagens fenomenológica e crítico-dialética. O entendimento dessas abordagens se deu nessa pesquisa através das e nas falas dos entrevistados, pelas compreensões que englobam as questões sociais (economia, política, educação, crenças, culturas, ideologias, questões de poder, estruturas sociais) contemporâneas que envolvem toda a sociedade diariamente.

Tratou-se de um estudo de caso envolvendo a pesquisa qualitativa, perpassando por alguns aspectos quantitativos, de cunho bibliográfico e

documental, juntamente com as entrevistas semiestruturadas, as quais descortinaram algumas impressões e vivências dos atores que compuseram esta pesquisa.

Ao longo dos últimos 10 anos venho me aprofundando nessas questões que envolvem as causas da população nacional que se encontra em situação de rua, envolvendo estes que soma estudos de autores reconhecidos na causa, participação de eventos regionais (Paraná e Mato Grosso), envolvimento via rede social com pessoas dos 4 cantos do Brasil que integram o Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR), uma monografia de graduação, um TCC de especialização e, agora, uma dissertação.

Estar em contato com pessoas que integram o Movimento Nacional da População em Situação de Rua me faz compreender uma outra realidade diferente das situações que encontrei no trabalho de campo, pois as pessoas que pertencem ao movimento de uma certa forma estão mais estruturadas, visto que já detêm uma casa ou estão em abrigos com roupas limpas, com acesso a banho e alimentação (apesar de sempre estarem muito vulneráveis com as questões econômicas, familiares e vícios).

O Movimento Nacional das Pessoas em Situação de Rua (MNPR) a cada dia se fortalece mais em cada canto do país, apesar de alguns estados ainda não terem essa representatividade em suas capitais. Esse movimento sempre procura dialogar com outros movimentos, instituições, agentes públicos e organizações não governamentais que tratam sobre as questões que envolvem essas pessoas em suas regiões.

Toda essa temática perpassa por minhas entranhas desde criança, até porque ao ser criado no centro de uma grande metrópole, de certa forma faz parte a presença desses esfarrapados das ruas nas vidas daqueles que por ali vivem. Ao me tornar adolescente, alguns amigos da época de criança já começavam a se tornarem crianças e jovens de rua, pois infelizmente muitas mães não tinham mais controle ou responsabilidades sobre seus próprios filhos.

Já na maioridade, muitos daqueles que foram amigos, conhecidos e até familiares acabaram por se tornar pessoa em situação de rua (alguns permanentemente e outros apenas por um período), isso quando a morte não chegou antes. Posso dizer que já senti medo, sim, em talvez um dia estar nessa situação tão desumana que mata e sufoca lentamente tanto dos nossos irmãos.

Diante do todo apresentado nesta dissertação, só posso me sentir muito grato por todos os percalços superados na vida pessoal, acadêmica, profissional e humana.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, R. C. F.; VARANDA, W. **Descartáveis urbanos**: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 23-45, p. 56-69, 2004.

AGAMBEN. **A comunidade, que vem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

ARENDT, H. **Le Concept d'amour chez Saint Augustin**. Trad. de Anne Sophie Astrup. Paris: Deux Temps/Tierce, 1991.

BARRETO, I. F. **O uso da folha de coca em comunidades tradicionais**: perspectivas em saúde, sociedade e cultura. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.20, n.2, abr.-jun. p.627-641, 2013.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD).

Disponível em:

<http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=educa%C3%A7%C3%A3o+e+pe%C3%A7as+em+situac%C3%A7%C3%A3o+de+rua&type=AllFields>. Acesso em: 01 de agosto 2019.

BISNETO, J. A. **Serviço Social e saúde mental**: uma análise institucional da prática. São Paulo: Cortez, 2007.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto, 1991.

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRANDÃO, C. R. **O que é Método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. **Decreto Presidencial nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Seção 1, 24 dez. 2009.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Rua: aprendendo a contar. Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua**. Brasília, DF: MDS; Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009.

BRASIL. **Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua para Consulta Pública**. Disponível em: <http://www.cidadeviva.org/anjosdanoite/wp-content/uploads/2010/2012/politica-nacional-para-inclusao-social-da-populacao-em-situacao-de-rua-para-consulta-publica.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2019.

BRASIL. **Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Trata da Lei Orgânica da Assistência Social.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8742.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8742.htm). Acesso em: 29/06/2020.

BRASIL. **Lei nº 12.435 de 6 de Julho 2011. Trata da Organização da Assistência Social.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8742.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8742.htm). Acesso em: 29/06/2020.

BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Social.** Disponível em: [https://aplicacoes.mds.gov.br/sagirms/ferramentas/docs/Monitoramento\\_SAGI\\_Populacao\\_situacao\\_ua.pdf](https://aplicacoes.mds.gov.br/sagirms/ferramentas/docs/Monitoramento_SAGI_Populacao_situacao_ua.pdf). Acessado em: 24/07/2020.

BRASIL. **Senado.** Disponível em: <https://ww12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/especial-cidadania-populacao-em-situacao-de-rua>. Acesso em: 15/08/2020.

BRASIL. **IBGE.** Disponível em : <https://www.jfrj.jus.br/noticia/jfrj-determina-que-uniao-e-o-ibge-incluam-populacoes-em-situacao-de-rua-no-censo-de-2020>. Acesso em: 15/08/2020

BRASIL. **IBGE.** Disponível em : <https://economia.uol.com.br/empregosecarreiras/noticias/redacao/2020/04/30/desemprego-pnad-continua-ibge.htm>. Acesso em:17/08/2020.

BRITO, M. M. M. **A abordagem e a clínica no atendimento aos moradores de rua portadores de sofrimento psíquico.** Centro de Saúde Carlos Chagas. Psicologia, Ciência e Profissão, 26 (2), 320-327, 2006. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932006000200013&script=sci](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932006000200013&script=sci). Acesso em: 15 mai. 2021.

CÁCERES NOTÍCIAS. **Incêndio atinge agência do Bradesco de Cáceres após moradora de rua atear fogo em lixo na área dos caixas eletrônicos.** Disponível em:<https://www.caceresnoticias.com.br/policia/incendio-atinge-agencia-do-bradesco-de-caceres-apos-moradora-de-rua-atear-fogo-em-lixo-na-area-dos-caixas-eletronicos/654829>. Acesso em: 05, maio 2021.

CARVALHO, B. **Nove Noites.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CASTEL, R. As dinâmicas do processo de marginalização: da vulnerabilidade à desfiliação. **Cadernos CRH.** Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez. 1997.

CLASTRES, P. "**Entrevista com Pierre Clastres**". In: *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac & Naify. pp.235-272, 2003.

COLI, J. **O que é Arte.** 15ª ed., Editora Brasiliense, São Paulo – SP, ISBN 85-11-01046-7, 1995.

CUIABÁ, (município). **Município de Cuiabá.** Disponível em: <https://www.cuiaba.mt.gov.br/assistencia-social-e-desenvolvimento-humano/projeto-quer-te-conhecer-mapeia-perfil-da-populacao-em-situacao-de-rua-da-capital/18202>. Acesso em: 20/08/2020.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. Tradução Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. 2. ed.. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DUARTE, C. S. **A educação como um direito fundamental de natureza social**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 691-713, out. 2007.

ESCOREL, S. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

FERRARI, P. **A dinâmica da pesquisa na área de filosofia e educação no programa de pós-graduação em educação da FE/Unicamp: teses de doutoramento defendidas no grupo de estudos e pesquisas em filosofia e educação paidéia (1985 – 2002)**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2008.

FERREIRA, N. S. A. **As pesquisas denominadas “Estado da Arte”**. *Educação e Sociedade*. Ano XXII, n. 79, pp.257-272, ago., 2002.

FERRO, M. C. T. **Política Nacional para a População em Situação de Rua: o protagonismo dos invisibilizados**. *Revista Direitos Humanos*, v. 8, p. 35-39, 2012.

FRANGELLA, S. M. **Moradores de rua na cidade de São Paulo: vulnerabilidade e resistência corporal ante as intervenções urbanas**. *Cadernos Metrópole*, n. 13, p. 199-228, 2005.

FRAYZE-PEREIRA, J. **Olho D'Água. Arte e loucura em exposição**. SP: Editora Escuta L TDA, 1995.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 4.ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1987.

GAMBOA, S. S. **A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto**. In 1998.

GUIMARÃES, S.T.L.; CARVALHO, C.C.F; PASSOS, L.A.; MARIN, J. **Ruação: das epistemologias da rua à política da rua**. Org. por Solange T. de Lima Guimarães, Claudia Cristina Ferreira Carvalho, Luiz Augusto Passos, José Marín. Cuiabá-MT: EdUFMT, Editora Sustentável, 2014.

HORKHEIMER, Max. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: BENJAMIN, Walter [et al.]. **Textos Escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

HUSSERL, E. **Meditações cartesianas e conferências de Paris**. Tradução de P. M. S. Alves. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas de vulnerabilidade social dos municípios brasileiros**. Brasília: Ipea, 2016.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. (Ed.). **Dicionário básico de Filosofia**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

KLINGER, D. **Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea**. 2006. 206 f. Tese (doutorado em Letras) Instituto de Letras, Universidade do Rio de Janeiro, RJ.

LICHTENSTEIN, J. **A pintura – vol. 4: O belo** – São Paulo: Ed.34, 2004.

MARÍN, J. **Globalização, Educação e Diversidade cultural**. Tellus, ano 6, n. 11, p. 35-60, out. 2006.

MARX, K. O Capital. Livro 1. Volume I. Tradução: Reginaldo Sant’anna. 12ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A., 1988. p. 01-579.

MARX, K. “Teses sobre Feuerbach”. In: **A ideologia alemã**. Tradução Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. **O Manifesto Comunista**. Tradução Maria Lucia Como. 14ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

MATO GROSSO (Estado). Estado de Mato Grosso. **LEI ORDINÁRIA Nº 11.156** de 23 de junho de 2020. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/mt/lei-ordinaria-n-11156-2020-mato-grosso> estabelece-medidas-de-protecao-a-pessoas-fisicas-e-juridicas-frente-ao-estado-de-calamidade-publica-decorrente-da-pandemia-de-covid-19-e-da-outras-providencias. Acesso em: 18 jun. 2020.

MATO GROSSO (Estado). Estado de Mato Grosso. **PROJETO DE LEI Nº 57**, 23 de fevereiro de 2016. INSTITUI A POLÍTICA ESTADUAL PARA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO ESTADO DE MATO GROSSO E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS, 2016.

MINAYO, M. C. S. (Org.); **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 1994.

MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. **Currículo, Cultura e Sociedade**, tradução de Maria Aparecida Baptista – 4. Ed. – São Paulo: Cortez, 2000.

Movimento Nacional da População de Rua (**MNPR**); **CARTILHA DE FORMAÇÃO DO MOVIMENTO NACIONAL DA POPULAÇÃO DE RUA**. Disponível em: [https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/MNPR\\_Cartilha\\_Direitos\\_Conhecer\\_para\\_lutar.pdf](https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/MNPR_Cartilha_Direitos_Conhecer_para_lutar.pdf) 2010.)

OSA, C. M. M. **Vidas de Rua**. Associação Rede Rua. ISBN 85-271-0668-X. São Paulo: Hucitec, 2005.



PAULO, F. S.; DICKMANN I. **Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular**. 1.ed. – Chapecó: Livrologia, 2020.

PESSOTTI, I. **A Loucura e as Épocas**. RJ: 34 ed. Literatura S/C LTDA, 1995.

QUIJANO, A. “Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina”. In: LANDER, E. (org.). **La Colonialidad del Saber: Eurocentrismo y Ciencias Sociales. Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 201-246, 1993.

RANCIÈRE, J. **Política da arte** (M. S. Costa Netto, Trad.). Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas, 1(15), 45-59, 2010.

ROCHA, S. M. **Fundamentos das Artes Plásticas**. Fortaleza-Ceará: Editora UECE-EduUECE, 2019.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. rev. Campinas-SP: Autores Associados, 2011.

SCHUCH, P. **A legibilidade como gestão e inscrição política de populações: notas etnográficas sobre a política para pessoas em situação de rua no Brasil**. In: FONSECA, C.; MACHADO, H. (Orgs.). *Ciência, identificação e tecnologias de governo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Cegov, p. 121-145. 2015.

SILVA, M. L. L. da. **Trabalho e população em situação de rua no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

SOUZA, E. **Ensaio de crítica biográfica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SPOSATI, A. **Assistência na trajetória das políticas sociais brasileiras**. São Paulo: Cortez 1985.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ZITKOSKI, J. J. **Paulo Freire & a Educação**. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2006.

ZITKOSKI, J. J. **Dialogicidade**. In **Dicionário Paulo Freire**. STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Orgs). *Dicionário Paulo Freire*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

## APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Entrevista Semi-Estruturada realizada com a Assistente Social do Município  
CRAS - Rua dos Operários - Centro

<b>Pesquisador:</b>
<b>Data:</b>
<b>Nome:</b>
<b>Local da entrevista:</b>
<b>Tempo de duração:</b>
<b>1) Existe um número estimado de pessoas em situação de rua no município de Cáceres?</b>
<b>2) Dentre essa população quem são essas pessoas que procuram a assistência social e com qual frequência isso acontece?</b>
<b>3) Existe algum albergue público no município?</b>
<b>4) Em relação a Lei nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009, da Presidência da República Federativa do Brasil que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua, como o município trata toda essa questão?</b>
<b>5) De que forma a assistência social do município consegue assessorar essas pessoas?</b>

## APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Entrevista Semi-Estruturada realizada na Secretaria de Ação Social do município de Cáceres/MT

<b>Pesquisador:</b>
<b>Data:</b>
<b>Número da entrevista:</b>
<b>Local da entrevista:</b>
<b>Tempo de duração:</b>
<b>Gênero: Feminino ( ) Masculino ( ) Outros ( )</b>

<b>1) Há quanto tempo existe a casa de passagem no município de Cáceres?</b>
<b>2) Quem são as pessoas que procuram a casa de passagem?</b>
<b>3) Qual é o número máximo de vagas?</b>
<b>4) Quantos usuários estão utilizando a casa de passagem atualmente?</b>
<b>5) Quantos funcionários há na casa de passagem?</b>
<b>6) Como é a rotina diária da casa de passagem?</b>
<b>7) Como é o processo para se abrigar, quais são os “requisitos”?</b>
<b>8) Qual o tempo máximo que um usuário, pode permanecer na casa de passagem?</b>
<b>9) Os usuários têm alguma atividade a ser realizada na casa de passagem?</b>
<b>10) Existe alguma política pública municipal ou estadual voltada para essa população?</b>

### APÊNDICE 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Entrevista Semi-Estruturada realizada com as Pessoas em Situação de Rua

<b>Pesquisador:</b>
<b>Data:</b>
<b>Número da entrevista:</b>
<b>Local da entrevista:</b>
<b>Tempo de duração:</b>
<b>Gênero: Feminino ( ) Masculino ( ) Outros ( )</b>
<b>1) Qual o seu nome?</b>
<b>2) Quantos anos você tem?</b>
<b>3) Você é natural de onde?</b>
<b>4) Há quanto tempo se encontra em situação de rua?</b>
<b>5) E seus familiares residem aonde?</b>
<b>6) Como você se relacionava com a escola?</b>
<b>7) Sua família era presente em seus estudos?</b>
<b>8) E como era o seu interesse pelos estudos?</b>
<b>9) Existia perspectiva de uma vida melhor através do estudo?</b>
<b>10) Você gostava da escola?</b>
<b>11) Até que ano cursou?</b>
<b>12) Como escola se relacionava com você (professores, estudantes, instituição...)?</b>
<b>13) Tem alguma formação profissional?</b>
<b>14) Como é morar em situação de rua aqui em Cáceres-MT?</b>
<b>15) Quais são seus planos para o futuro?</b>
<b>16) Convido você a participar de uma atividade artística, na qual consiste em você (participante desta pesquisa), se expressar através da prática da Arte do desenho, da pintura e/ou da poesia.</b>

**ANEXO 1 - DECRETO Nº 7.053, DE 23 DE DEZEMBRO DE 2009**

Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, alínea "a", da Constituição,

DECRETA:

Art. 1º Fica instituída a Política Nacional para a População em Situação de Rua, a ser implementada de acordo com os princípios, diretrizes e objetivos previstos neste Decreto.

Parágrafo único. Para fins deste Decreto, considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

Art. 2º A Política Nacional para a População em Situação de Rua será implementada de forma descentralizada e articulada entre a União e os demais entes federativos que a ela aderirem por meio de instrumento próprio.

Parágrafo único. O instrumento de adesão definirá as atribuições e as responsabilidades a serem compartilhadas.

Art. 3º Os entes da Federação que aderirem à Política Nacional para a População em Situação de Rua deverão instituir comitês gestores intersetoriais, integrados por representantes das áreas relacionadas ao atendimento da população em situação de rua, com a participação de fóruns, movimentos e entidades representativas desse segmento da população.

Art. 4º O Poder Executivo Federal poderá firmar convênios com entidades públicas e privadas, sem fins lucrativos, para o desenvolvimento e a execução de projetos que beneficiem a população em situação de rua e estejam de acordo com os princípios, diretrizes e objetivos que orientam a Política Nacional para a População em Situação de Rua.

Art. 5º São princípios da Política Nacional para a População em Situação de Rua, além da igualdade e equidade:

I - respeito à dignidade da pessoa humana;

II - direito à convivência familiar e comunitária;

III - valorização e respeito à vida e à cidadania;

IV - atendimento humanizado e universalizado; e

V - respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência.

Art. 6º São diretrizes da Política Nacional para a População em Situação de Rua:

I - promoção dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais;

II - responsabilidade do poder público pela sua elaboração e financiamento;

III - articulação das políticas públicas federais, estaduais, municipais e do Distrito Federal;

IV - integração das políticas públicas em cada nível de governo;

V - integração dos esforços do poder público e da sociedade civil para sua execução;

VI - participação da sociedade civil, por meio de entidades, fóruns e organizações da população em situação de rua, na elaboração, acompanhamento e monitoramento das políticas públicas;

VII - incentivo e apoio à organização da população em situação de rua e à sua participação nas diversas instâncias de formulação, controle social, monitoramento e avaliação das políticas públicas;

VIII - respeito às singularidades de cada território e ao aproveitamento das potencialidades e recursos locais e regionais na elaboração, desenvolvimento, acompanhamento e monitoramento das políticas públicas;

IX - implantação e ampliação das ações educativas destinadas à superação do preconceito, e de capacitação dos servidores públicos para melhoria da qualidade e respeito no atendimento deste grupo populacional; e

X - democratização do acesso e fruição dos espaços e serviços públicos.

Art. 7º São objetivos da Política Nacional para a População em Situação de Rua:

I - assegurar o acesso amplo, simplificado e seguro aos serviços e programas que integram as políticas públicas de saúde, educação, previdência, assistência social, moradia, segurança, cultura, esporte, lazer, trabalho e renda;

II - garantir a formação e capacitação permanente de profissionais e gestores para atuação no desenvolvimento de políticas públicas intersetoriais, transversais e intergovernamentais direcionadas às pessoas em situação de rua;

III - instituir a contagem oficial da população em situação de rua;

IV - produzir, sistematizar e disseminar dados e indicadores sociais, econômicos e culturais sobre a rede existente de cobertura de serviços públicos à população em situação de rua;

V - desenvolver ações educativas permanentes que contribuam para a formação de cultura de respeito, ética e solidariedade entre a população em situação de rua e os demais grupos sociais, de modo a resguardar a observância aos direitos humanos;

VI - incentivar a pesquisa, produção e divulgação de conhecimentos sobre a população em situação de rua, contemplando a diversidade humana em toda a sua amplitude étnico-racial, sexual, de gênero e geracional, nas diversas áreas do conhecimento;

VII - implantar centros de defesa dos direitos humanos para a população em situação de rua;

VIII - incentivar a criação, divulgação e disponibilização de canais de comunicação para o recebimento de denúncias de violência contra a população em situação de rua, bem como de sugestões para o aperfeiçoamento e melhoria das políticas públicas voltadas para este segmento;

IX - proporcionar o acesso das pessoas em situação de rua aos benefícios previdenciários e assistenciais e aos programas de transferência de renda, na forma da legislação específica;

X - criar meios de articulação entre o Sistema Único de Assistência Social e o Sistema Único de Saúde para qualificar a oferta de serviços;

XI - adotar padrão básico de qualidade, segurança e conforto na estruturação e reestruturação dos serviços de acolhimento temporários, de acordo com o disposto no art. 8º;

XII - implementar centros de referência especializados para atendimento da população em situação de rua, no âmbito da proteção social especial do Sistema Único de Assistência Social;

XIII - implementar ações de segurança alimentar e nutricional suficientes para proporcionar acesso permanente à alimentação pela população em situação de rua à alimentação, com qualidade; e

XIV - disponibilizar programas de qualificação profissional para as pessoas em situação de rua, com o objetivo de propiciar o seu acesso ao mercado de trabalho.

Art. 8º O padrão básico de qualidade, segurança e conforto da rede de acolhimento temporário deverá observar limite de capacidade, regras de funcionamento e convivência, acessibilidade, salubridade e distribuição geográfica das unidades de acolhimento nas áreas urbanas, respeitado o direito de permanência da população em situação de rua, preferencialmente nas cidades ou nos centros urbanos.

§ 1º Os serviços de acolhimento temporário serão regulamentados nacionalmente pelas instâncias de pactuação e deliberação do Sistema Único de Assistência Social.

§ 2º A estruturação e reestruturação de serviços de acolhimento devem ter como referência a necessidade de cada Município, considerando-se os dados das pesquisas de contagem da população em situação de rua.

§ 3º Cabe ao Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, por intermédio da Secretaria Nacional de Assistência Social, fomentar e promover a reestruturação e a ampliação da rede de acolhimento a partir da transferência de recursos aos Municípios, Estados e Distrito Federal.

§ 4º A rede de acolhimento temporário existente deve ser reestruturada e ampliada para incentivar sua utilização pelas pessoas em situação de rua, inclusive pela sua articulação com programas de moradia popular promovidos pelos Governos Federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal.

Arts. 9º ao 14. *(Revogados pelo Decreto nº 9.894, de 27/6/2019)*

Art. 15. A Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República instituirá o Centro Nacional de Defesa dos Direitos Humanos para a População em Situação de Rua, destinado a promover e defender seus direitos, com as seguintes atribuições:

I - divulgar e incentivar a criação de serviços, programas e canais de comunicação para denúncias de maus tratos e para o recebimento de sugestões para políticas voltadas à população em situação de rua, garantido o anonimato dos denunciadores;

II - apoiar a criação de centros de defesa dos direitos humanos para população em situação de rua, em âmbito local;

III - produzir e divulgar conhecimentos sobre o tema da população em situação de rua, contemplando a diversidade humana em toda a sua amplitude étnico-racial, sexual, de gênero e geracional nas diversas áreas;

IV - divulgar indicadores sociais, econômicos e culturais sobre a população em situação de rua para subsidiar as políticas públicas; e

V - pesquisar e acompanhar os processos instaurados, as decisões e as punições aplicadas aos acusados de crimes contra a população em situação de rua.

Art. 16. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 23 de dezembro de 2009; 188º da Independência e 121º da República

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Tarso Genro  
Fernando Haddad  
André Peixoto Figueiredo Lima  
José Gomes Temporão  
Patrus Ananias  
João Luiz Silva Ferreira  
Orlando Silva de Jesus Júnior  
Márcio Fortes de Almeida  
Dilma Rousseff



## ANEXO 2 – PROJETO DE LEI (VETADO)



GOVERNO DE  
MATO GROSSO  
ESTADO DE TRANSFORMAÇÃO

+55 65 3613.4600  
PALÁCIO PAIAGUÁS - CENTRO POLÍTICO ADMINISTRATIVO  
78050-970 - CUIABÁ - MATO GROSSO

MATO GROSSO. ESTADO DE TRANSFORMAÇÃO.

WWW.MT.GOV.BR

OFÍCIO/GG/ 019 /2018-SAD.

Cuiabá, 17 de janeiro de 2018.

A Sua Excelência o Senhor  
Deputado Estadual **JOSÉ EDUARDO BOTELHO**  
Presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso  
Edifício Governador “Dante Martins de Oliveira”  
Nesta.



Senhor Presidente,

Em cumprimento ao estabelecido nos artigos 42, § 1º, e 66, inciso IV, da Constituição Estadual, comunico a Vossa Excelência que decidi vetar integralmente o Projeto de Lei nº 57/2016, que **“Institui a Política Estadual para a população em situação de rua do Estado de Mato Grosso e dá outras providências”**, conforme as razões que acompanham o presente.

Atenciosamente,

**PEDRO TAQUES**  
Governador do Estado

**RAZÕES DE VETO****MENSAGEM Nº 19, DE 17 DE JANEIRO DE 2018.****Senhor Presidente da Assembleia Legislativa,**

No exercício das prerrogativas contidas nos artigos 42, § 1º, e 66, inciso IV, ambos da Constituição do Estado, levo ao conhecimento de Vossas Excelências as **RAZÕES DE VETO TOTAL** aposto ao Projeto de Lei nº 57/2016, que "*Institui a Política Estadual para a população em situação de rua do Estado de Mato Grosso e dá outras providências*", aprovado pelo Plenário desse Poder na Sessão ordinária do dia 12 de dezembro de 2017.

Verifica-se que a proposição propõe a instituição de política pública de conteúdo assistencial, cujo escopo é o atendimento de população de rua, além de fixar obrigações que terão de ser executadas por órgão da Administração Pública Estadual (artigos 7º e 9º), nomeadamente, por meio de Comitê Gestor Intersetorial (criado pela lei), e pela Secretaria de Estado de Trabalho e Assistência Social.

Apesar dos louváveis propósitos dos Nobres Parlamentares na aprovação do Projeto de Lei, foi colhida manifestação da Procuradoria Geral do Estado (PGE) que, por meio do Parecer nº 19/SGACI/18, manifestou pelo veto integral, diante do obstáculo constitucional inscrito no art. 39, parágrafo único, inciso II, alínea "d", da Constituição do Estado de Mato Grosso, que reserva com exclusividade ao chefe do Poder Executivo, a iniciativa do processo legislativo pertinente à "criação, estruturação e atribuições das Secretarias de Estado e órgãos da Administração Pública".

Segundo o parecer da PGE, citando os julgados pelo Supremo Tribunal Federal (STF) nas ADI n. 2300 e 3167, a garantia constitucional que atribui com exclusividade essa capacidade de instauração do processo legislativo aos chefes do Poder Executivo, é princípio de reprodução obrigatória pelos Estados-membros, que não podem, sob qualquer razão de justificação, esquivarem-se de seu cumprimento, nos termos do art. 25, *caput*, da Constituição da República.

A Procuradoria reforça que já foi reconhecido iterativamente pelo STF, citando-se por todos os precedentes do julgamento da ADI 18, a impossibilidade de se impor ou criar obrigações ao Poder Executivo, especialmente quando estas lhe impliquem a elevação de suas despesas, sem que o processo legislativo tenha sido deflagrado por sua própria iniciativa.



Sobre a imposição de obrigações e igualmente de despesas que decorrerão da proposição parlamentar, uma vez aprovada, pode-se reconhecer com clareza tais consequências da simples conferência do texto dos artigos 5º, inciso XIV (que fixa o dever de inclusão de despesas na lei orçamentária anual na lei de diretrizes orçamentárias, e no plano plurianual, na condição de objetivo da política estadual), e nos artigos 7º e 9º, § 4º, os quais fixam obrigações de criação de órgãos (artigo 7º) e deveres para órgão já existentes (artigo 9º, § 4º).

Em relação ao tema, o texto constitucional estadual, em simetria com as disposições contidas nos artigos 165 a 169 da Constituição da República, também vincula a efetivação de planos e programas estaduais e setoriais ao plano plurianual, que estabelece as diretrizes, objetivos e metas da Administração Pública para as despesas de capital e outras delas decorrentes, como estabelecido no art. 162, §§ 1º e 4º.

Em decorrência disto, conforme a PGE, a Constituição do Estado veda, dentre outros comportamentos institucionais, o injeio de programas ou projetos não incluídos na lei orçamentária anual (art. 165, inciso I), preceito que reproduz de forma simétrica, a proibição inserta no art. 167, inc. I, da Constituição da República.

O atual plano plurianual não prevê matéria de que trata o presente projeto de lei, assim como também é silente, no particular, a LDO deste exercício, que não previu como meta governamental, a implementação do programa proposto pelo presente projeto de lei. Estas circunstâncias também expõem a proposição legislativa à vício constitucional sob a perspectiva material, violando, no particular, o texto do art. 165, inciso I, da Constituição do Estado, e o art. 167, inciso I, da Constituição da República.

Posto isto, Senhores Parlamentares e Senhora Parlamentar, por inconstitucionalidade, veto integralmente o Projeto de Lei nº 57/2016, submetendo-o à apreciação dos membros dessa Casa de Leis, aguardando sua acolhida nos termos das razões expostas.

Palácio Paiaguás, em Cuiabá, 17 de janeiro de 2018.

**PEDRO TAQUES**  
*Governador do Estado*



ESTADO DE MATO GROSSO  
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

LEI Nº DE DE DE 2017.

Autora: Deputada Janaina Riva

**Institui a Política Estadual para a população em situação de rua do Estado de Mato Grosso e dá outras providências.**

**A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO,** tendo em vista o que dispõe o art.42 da Constituição Estadual, aprova e o Governador do Estado sanciona a seguinte Lei:

**Art. 1º** Fica instituída a Política Estadual para a população em situação de rua do Estado de Mato Grosso, que atenderá ao disposto nesta Lei.

**Art. 2º** Para os efeitos desta Lei, considera-se população em situação de rua, de acordo com o Decreto Federal nº 7.053/2009, o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a extrema pobreza, os vínculos familiares fragilizados ou interrompidos e a inexistência de moradia convencional regular e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

**Art. 3º** São princípios da Política Estadual para a População em Situação de Rua do Estado de Mato Grosso:

- I - o respeito à dignidade da pessoa humana;
- II - o direito à convivência familiar e comunitária;
- III - a valorização e o respeito à vida e à cidadania;
- IV - o atendimento humanizado e universalizado;
- V - o respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência;
- VI - a erradicação de atos violentos e ações vexatórias e de estigmas negativos e preconceitos sociais que produzam ou estimulem a discriminação e a marginalização, seja pela ação ou omissão;
- VII - a não discriminação de qualquer natureza no acesso a bens e serviços públicos.

**Art. 4º** A Política Estadual para a população em situação de rua do Estado de Mato Grosso observará as seguintes diretrizes:

- I - promoção dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais;



ESTADO DE MATO GROSSO  
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

II - responsabilidade do Governo do Estado pela elaboração e pelo financiamento da Política Estadual para a população em situação de rua do Estado de Mato Grosso;

III - articulação das políticas públicas federais, estaduais e municipais;

IV - integração dos esforços do Poder Público e da sociedade civil para a execução da Política Estadual para a população em situação de rua do Estado de Mato Grosso;

V - participação da sociedade civil na elaboração, no acompanhamento e no monitoramento das políticas públicas;

VI - incentivo e apoio à organização da população em situação de rua e à sua participação nas instâncias de formulação, controle social, monitoramento e avaliação das políticas públicas;

VII - implantação e ampliação das ações educativas destinadas à superação do preconceito e à capacitação dos servidores públicos para melhoria da qualidade e do respeito no atendimento à população em situação de rua;

VIII - democratização do acesso e fruição dos espaços e serviços públicos.

**Art. 5º** São objetivos da Política Estadual para a população em situação de rua do Estado de Mato Grosso:

I - assegurar à população em situação de rua o acesso amplo, simplificado e seguro aos serviços e programas que integram as políticas públicas de saúde, educação, assistência social, moradia, segurança, cultura, esporte, lazer, trabalho e renda;

II - garantir a capacitação de profissionais para atendimento à população em situação de rua;

III - produzir, sistematizar e disseminar dados e indicadores sociais, econômicos e culturais sobre a rede de cobertura de serviços públicos à população em situação de rua;

IV - desenvolver ações educativas continuadas que contribuam para a formação de uma cultura de respeito, ética e solidariedade entre a população em situação de rua;

V - incentivar a pesquisa, a produção e a divulgação de conhecimentos sobre a população em situação de rua;

VI - implementar a rede de acolhimento temporário, nos termos do art. 9º desta Lei;

VII - implantar Centros de Referência Especializados para pessoas em situação de rua - Centro POP;

VIII - criar e divulgar canal de comunicação para o recebimento de denúncias de violência contra a população em situação de rua e de sugestões para o aperfeiçoamento e a melhoria das políticas públicas voltadas para esse segmento;

IX - orientar a população em situação de rua sobre benefícios previdenciários;

X - proporcionar o acesso da população em situação de rua aos serviços socioassistenciais existentes;



ESTADO DE MATO GROSSO  
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

XI - implementar ações de segurança alimentar e nutricional suficientes para proporcionar à população em situação de rua acesso à alimentação de qualidade;

XII - incluir a população em situação de rua como público-alvo prioritário na intermediação de emprego, na qualificação profissional e no estabelecimento de parcerias com a iniciativa privada e com o setor público para a criação de postos de trabalho;

XIII - disponibilizar programas de capacitação, profissionalização e qualificação e requalificação profissional para a população em situação de rua, a fim de propiciar o seu acesso ao mercado de trabalho;

XIV - alocar recursos no Plano Plurianual, na Lei de Diretrizes Orçamentárias e na Lei Orçamentária Anual para implementação das políticas públicas para a população em situação de rua;

XV - criar obrigatoriamente meios de articulação entre o Sistema Único de Assistência Social e o Sistema Único de Saúde para qualificar a oferta de serviços;

XVI - garantir ações de apoio e sustentação aos programas de habitação social que atendam à população em situação de rua, com o acompanhamento social desenvolvido por equipe multidisciplinar, nos períodos anterior e posterior à ida para o imóvel.

**Art. 6º** A Política Estadual para a população em situação de rua do Estado de Mato Grosso será implementada de forma descentralizada e articulada com os Municípios e com as entidades da sociedade civil que a ela aderirem.

**Parágrafo único** Os Municípios que aderirem à Política Estadual para a população em situação de rua do Estado de Mato Grosso deverão instituir comitês gestores intersetoriais, integrados por representantes das áreas relacionadas ao atendimento da população em situação de rua, com a participação de fóruns, movimentos e entidades representativas desse segmento da população.

**Art. 7º** O Estado instituirá Comitê Gestor Intersetorial para a população em situação de rua do Estado de Mato Grosso, composto paritariamente por representantes da sociedade civil e das secretarias de Estado que tenham atribuições relacionadas direta ou indiretamente com a matéria, observado o disposto em regulamento.

**Art. 8º** O Comitê Gestor Intersetorial para a população em situação de rua do Estado de Mato Grosso terá as seguintes atribuições:

I - elaborar planos de ação periódicos com o detalhamento das estratégias de implementação da Política para a População em Situação de Rua, especialmente quanto às metas, objetivos e responsabilidades;

II - acompanhar e monitorar o desenvolvimento da Política Estadual para a população em situação de rua;

III - desenvolver, em conjunto com os órgãos estaduais competentes, indicadores para o monitoramento e avaliação das ações da Política Estadual para a população em situação de rua;

IV - propor medidas que assegurem a articulação intersetorial das políticas públicas para o atendimento da população em situação de rua;



ESTADO DE MATO GROSSO  
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

V - propor formas e mecanismos para a divulgação da Política Estadual para a população em situação de rua;

VI - instituir grupos de trabalho temáticos, em especial para discutir as desvantagens sociais a que a população em situação de rua foi submetida historicamente e analisar formas para sua inclusão e compensação social;

VII - acompanhar os Municípios na implementação da Política Estadual da população em situação de rua, em âmbito local;

VIII - organizar, periodicamente, encontros para avaliar e formular ações para a consolidação da Política Nacional para a população em situação de rua;

IX - deliberar sobre a forma de condução dos seus trabalhos.

**Art. 9º** O padrão básico de qualidade, segurança e conforto da rede de acolhimento temporário observará limite de capacidade, regras de funcionamento e convivência, acessibilidade, salubridade e distribuição geográfica das unidades de acolhimento nas áreas urbana e rural, respeitado o direito de permanência da população em situação de rua, preferencialmente nas cidades ou nos centros urbanos.

§ 1º Os serviços de acolhimento temporário serão regulamentados pelas instâncias de pactuação e deliberação do Sistema Único de Assistência Social.

§ 2º A rede de acolhimento temporário já existente será reestruturada e ampliada para incentivar sua utilização pela população em situação de rua, inclusive mediante sua articulação com programas de moradia popular promovidos pelos governos federal, estadual e municipais.

§ 3º A estruturação e a reestruturação da rede de acolhimento temporário terão como referência a necessidade de cada Município, considerando-se os dados das pesquisas de contagem da população em situação de rua.

§ 4º Cabe a Secretaria de Estado de Trabalho e Assistência Social - SETAS, por intermédio da Secretaria Adjunta de Assistência Social, fomentar e promover a reestruturação e a ampliação da rede de acolhimento a partir da transferência de recursos aos Municípios e instituições não governamentais.

§ 5º Nos casos em que a rede de acolhimento temporário já existente nos municípios não seja suficiente para atendimento da demanda, fica o poder público autorizado a utilizar as estruturas existentes nas instituições não governamentais.

**Art. 10** Às pessoas em situação de rua ficam assegurados 2% (dois por cento) das vagas de emprego em obras públicas estaduais em Mato Grosso.

**Parágrafo único** As obras executadas pelos Poderes Executivo e Legislativo Estaduais, licitadas a partir da publicação desta Lei, deverão disponibilizar as vagas de trabalho para pessoas em situação de rua indicadas pelo Centro de Referência Especializado para População de Rua – POP ou pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social - CREAS.



ESTADO DE MATO GROSSO  
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

**Art. 11** O Poder Executivo regulamentará esta Lei de acordo com o previsto no art. 38-A da Constituição Estadual.

**Art. 12** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Assembleia Legislativa do Estado, em Cuiabá, 13 de dezembro de 2017.

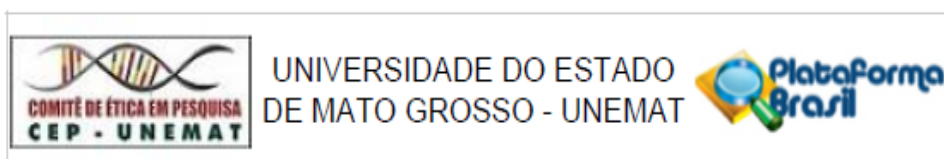
Deputado Eduardo Botelho - Presidente

Deputado Guilherme Maluf - 1º Secretário

Deputado Nininho - 2º Secretário



## ANEXO 3 – PARECER DO COMITE DE ÉTICA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Pessoas em situação de rua na cidade Cáceres/MT e sua relação com a educação escolarizada. Retratadas através do desenho, da pintura e da poesia.

**Pesquisador:** OSCAR ANTONIO DE OLIVEIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 37197720.0.0000.5166

**Instituição Proponente:** UNEMAT

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.393.245

#### Apresentação do Projeto:

As pessoas em situação de rua necessitam de um olhar mais apurado por parte do poder público e de toda sua comunidade, considerando que são importantes atores no contexto social. Este estudo tem por objetivo apresentar as relações que as pessoas em situação de rua da cidade de Cáceres/MT tiveram com a educação escolarizada. Portanto, trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva, bibliográfica e documental, contemplando entrevistas semi-estruturadas, com análise do conteúdo, totalizando dez pessoas entre homens e mulheres. O trabalho se desenvolverá durante os anos de 2019 e 2020. Pretende-se que estes atores criem expressões artísticas que representem suas experiências e ou interpretações relacionadas as suas vivências, esses processos artísticos serão contemplados nos âmbitos do desenho, da pintura e da poesia.

Como resultado busca-se uma melhor compreensão de tais vivencias educacionais dentro dos espaços escolarizados, e ainda a criação artística de trabalhos relacionados ao desenho, a pintura e a poesia, expressando assim seus sentimentos. Por fim, acredita-se que os motivos pelos quais essas pessoas estão em situação de rua sejam os mais diversos possíveis, mas dentre tantos fatores relevantes a pesquisa irá tratar sobre a

questão do processo de escolarização destas pessoas durante suas trajetórias de vida e suas percepções retratadas através da Arte.

**Endereço:** Av. Tancredo Neves, 1095

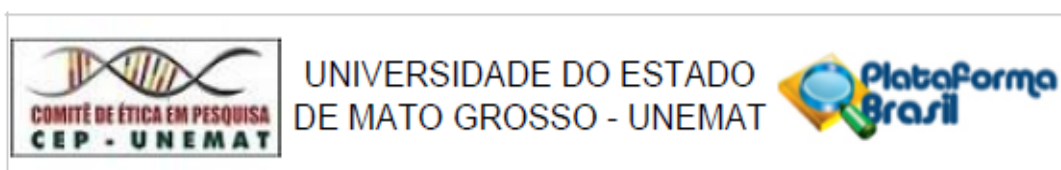
**Bairro:** Cavalhada II

**CEP:** 78.200-000

**UF:** MT **Município:** CACERES

**Telefone:** (65)3221-0067

**E-mail:** cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 4.393.245

#### Objetivo da Pesquisa:

##### Objetivo Primário:

Apresentar a relação que as pessoas em situação de rua da cidade de Cáceres/MT tiveram com a educação escolarizada.

##### Objetivo Secundário:

- a) Realizar uma pesquisa teórica e documental sobre a temática;
- b) Apresentar o significado dessas relações, suas condições de vida e suas futuras expectativas através de seus relatos principalmente na perspectiva da educação escolarizada;
- c) Proporcionar aos atores desta pesquisa a expressão artística em relação as suas realidades de vida, através do desenho, da pintura e da poesia.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Com todo o cuidado, atenção e respeito que uma pesquisa deve ter em relação aos atores principais de uma pesquisa, está não é diferente, já que seus princípios traz a preocupação com os possíveis riscos que estes atores estarão sujeitos, portanto o pesquisador se compromete em estar atento a estas questões delicadas e contorná-las quando as mesmas vierem a surgir, garantindo de que danos previsíveis serão evitados.

A pesquisa busca apresentar a relação que as pessoas em situação de rua da cidade de Cáceres/MT tiveram com a educação escolarizada. O contato com estes sujeitos protagonistas serão divididos em três momentos:

O primeiro momento é a abordagem do sujeito (em via pública ou praças e locais públicos), em seguida a apresentação do pesquisador (trajetória de vida e profissional), sobre a pesquisa (riscos e benefícios)...., tendo sua aceitação diante dos termos, passamos para o segundo momento:

O segundo momento é composto pela aplicação do instrumento de coleta através de entrevistas semi-estruturadas (as quais tendem a responder aos objetivos propostos).

O terceiro momento será voltada a elaboração de uma atividade prática artística, aonde que por meio da pintura e ou poesia e ou desenho, os sujeitos desta pesquisa expressarão suas perspectivas artísticas em torno da proposta. Essa investigação apresentará outras possibilidades reflexivas e também descortinará outras perspectiva em torno da temática. Portanto almejo nesta pesquisa toda a ponderação entre os riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se ao máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos aos sujeitos desta pesquisa. A

Com a realização da pesquisa, o(a) Sr. (a) poderá vir a experimentar os seguintes desconfortos e riscos, a respeito dos quais tomaremos providências visando evitá-los e/ou reduzir seus efeitos e

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavahada II

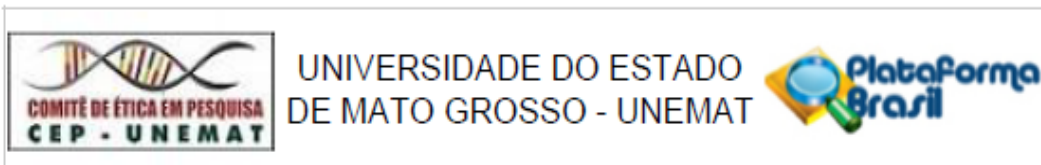
CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 4.393.245

quaisquer condições negativas:

- a) Desconforto temporal ao relatar suas experiências de vida, fato este que será evitado e/ou reduzido mediante a sensibilidade do pesquisador ao humanizar tais relatos;
- b) Risco de alguns sujeitos não quererem participar da pesquisa, fato este que será evitado a partir de uma abordagem singela porém carregada de sentimentos, cumplicidade e histórias da ambas as partes , tentando assim reduzir tais probabilidades;
- c) Alterações na autoestima causada pelo processo de imersão emocional ao retratar um pouco sobre sua história de vida;
- d) Alterações de suas perspectivas de mundo e das circunstâncias que estão inclusos. Já que diariamente lutam para esquecer do passado, e também por condições de vida mais humanas.

Será assegurado aos sujeitos:

- a) Plena liberdade para se recusar a participar desta pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que isso lhe cause qualquer tipo de desconforto, transtorno ou penalidade, especialmente no que se refere à continuidade e normalidade de seu dia a dia.
- b) A manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação na pesquisa, em todas as suas etapas, pelo que me comprometo ainda a utilizar os dados e/ou imagens coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados por meio de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível a sua identificação.
- c) Direito de retirar o consentimento a qualquer tempo.

Diante de tais fatos, entende-se que possam existir riscos, porém é as possibilidades em amenizar tais danos são cabíveis. O riscos não se apresentam na área intelectual, cultural ou físico, pois as atividades e todas a pesquisa serão propostas e observadas buscando seguir todos os parâmetros éticos para processos de pesquisa.

#### BENEFÍCIOS DECORRENTES DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

A pesquisa possibilitará aos sujeitos participantes, o exercício do sentimento do "auto reconhecimento" pessoal, social e familiar, sentimento este que para muitos destes sujeitos já se perderão em seus devaneios a muito tempo. E o fato muitas vezes de retomar tais sentimentos ajuda a trazer de volta um pouco do senso da "realidade social" da qual todos estão inclusos, e não mais talvez quererem ficar perdidos em limbos de pensamentos carregados de desprezo e abandono social e pessoal.

Outra questão de suma relevância é a discussão da temática em outros âmbitos da sociedade

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavallhada II

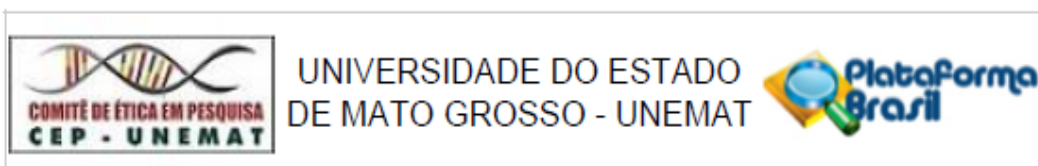
CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 4.393.245

cacerense, tais como as escolas, faculdades, sociedade e poder público, junto com as pessoas em situação de rua deste município.

As práticas artísticas trarão a tona toda uma forma destes sujeitos expressarem seus sentimentos (artisticamente) através do desenho, da pintura e/ou da poesia. Resgatando assim práticas artísticas muitas vezes distantes ou não de suas realidades.

Portanto com estas propostas, benefícios, questionamentos e inquietações, surgirão nas formas de compreender, acompanhar e elucidar tais afrontamentos sociais que perseguem a humanidade e sua história a milhares de anos.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta:

- Respeito aos participantes da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;
- Ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- Garantia de que danos previsíveis serão evitados; e
- Relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

#### Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados de acordo com as exigências da resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS-Conselho Nacional de Saúde.

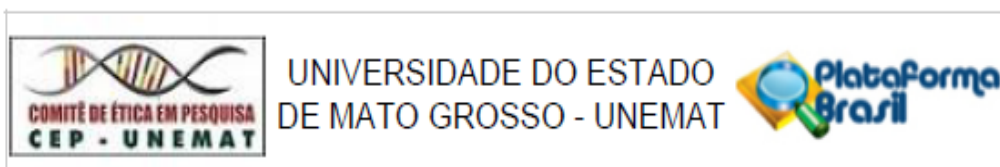
#### Recomendações:

Todas as recomendações foram atendidas.

#### Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso CEP/UNEMAT após análise do protocolo em comento, de acordo com a resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS, é de parecer que não há restrição ética para o desenvolvimento da pesquisa.

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095	CEP: 78.200-000
Bairro: Cavahada II	
UF: MT	Município: CACERES
Telefone: (65)3221-0067	E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 4.393.245

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNEMAT ORIENTA QUE O PESQUISADOR RESPONSÁVEL FIQUE ATENTO PARA APLICAÇÃO DE MEDIDAS PROTETIVAS INDICADAS PELA OMS VISANDO A SEGURANÇA DO PESQUISADOR E DOS PESQUISADOS NESSE PERÍODO DE PANDEMIA. QUANDO DO TÉRMINO DA PESQUISA, O PESQUISADOR RESPONSÁVEL DEVERÁ ENVIAR SEU RELATÓRIO FINAL VIA PLATAFORMA BRASIL.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1568766.pdf	17/10/2020 22:06:53		Aceito
Outros	Termo_compromisso_todas_instituicoes.docx	17/10/2020 22:06:21	OSCAR ANTONIO DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	17/10/2020 22:03:36	OSCAR ANTONIO DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração do Patrocinador	12_Curriculo_OscarAntonioOliveira.docx	27/08/2020 18:03:21	OSCAR ANTONIO DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Manuseio Material Biológico / Biorepositório / Biobanco	13_Termo_compromisso_todas_instituicoes.docx	27/08/2020 18:02:23	OSCAR ANTONIO DE OLIVEIRA	Aceito
Brochura Pesquisa	1_Oficio_encaminhamento_coordenacao_CEP_UNEMAT.doc	27/08/2020 17:59:37	OSCAR ANTONIO DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração do Patrocinador	9_Instrumento_de_coleta_de_dados.doc	27/08/2020 17:49:18	OSCAR ANTONIO DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	4_Declaracao_concordancia.doc	27/08/2020 17:47:46	OSCAR ANTONIO DE OLIVEIRA	Aceito
Parecer Anterior	TALE.doc	27/08/2020 16:52:44	OSCAR ANTONIO DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	2_Projeto_Detalhado_Brochura.docx	27/08/2020 16:50:49	OSCAR ANTONIO DE OLIVEIRA	Aceito
Orçamento	Declaracao_de_que_coleta_nao_iniciou.doc	27/08/2020 16:48:18	OSCAR ANTONIO DE OLIVEIRA	Aceito
Orçamento	6_Orçamento_detalhado.doc	27/08/2020 16:45:07	OSCAR ANTONIO DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de	5_Declaracao_infraestrutura.pdf	27/08/2020	OSCAR ANTONIO	Aceito

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavalhada II

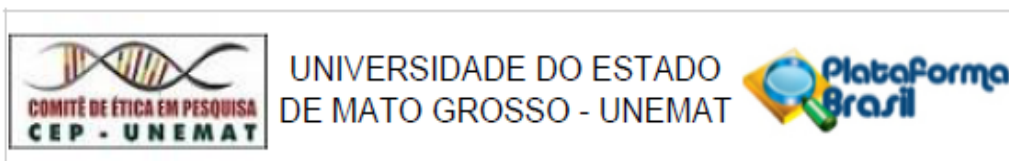
CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 4.393.245

Instituição e Infraestrutura	5_Declaracao_infraestrutura.pdf	16:41:02	DE OLIVEIRA	Aceito
Cronograma	3_Cronograma_de_atividades.doc	27/08/2020 16:32:58	OSCAR ANTONIO DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	1_Folha_Rosto.pdf	27/08/2020 16:30:30	OSCAR ANTONIO DE OLIVEIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CACERES, 11 de Novembro de 2020

---

**Assinado por:**  
**Severino de Paiva Sobrinho**  
 (Coordenador(a))

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095  
 Bairro: Cavahada II CEP: 78.200-000  
 UF: MT Município: CACERES  
 Telefone: (65)3221-0067 E-mail: cep@unemat.br